



EXPANSÃO URBANA

Valorização de imóveis chega a 18,3% em bairros da capital

Aeroclub, Altiplano e Cidade Universitária estão entre as localidades mais cobiçadas de João Pessoa. **Página 17**

Foto: Fabiana Veloso/Arquivo A União



Pioneirismo marcou transformações em Campina Grande

Antes de ostentar a arquitetura atual, a cidade passou por anos de mudanças que focaram na pavimentação de ruas, construções de alvenaria, guarnecimento das margens do Açude Velho (foto), entre outras ações implementadas por Vergniaud Borborema Wanderley (1905–1986), o primeiro prefeito eleito por voto direto no município.

Página 25

Populares em todas as gerações, as gírias ampliam o senso de pertencimento

Associados à informalidade pelo aspecto despojado, termos marcam um estilo de comunicação entre pessoas e grupos.

Página 8

Setor moveleiro ganha impulso e registra crescimento de 205% no estado

Alta verificada na Paraíba foi a maior do Nordeste em seis anos, superando em mais de 13 vezes a média regional, de 15,7%.

Página 18

■ “Descobriram a rede e quem nela se deitasse, enquanto os machos cortavam a mercadoria das nossas matas e da cobiça corsária”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2



Marcelo Queiroga quer levar experiência da gestão pública para o Congresso

Ex-ministro da Saúde no governo Bolsonaro e pré-candidato ao Senado pelo PL detalha ideias que defende na política.

Página 4



Foto: Arquivo A União

Barulho dos fogos juninos afeta o bem-estar dos neuroatípicos

Sons que animam festas tradicionais podem ecoar por horas ou dias para crianças com TEA, causando dor física e emocional.

Página 6


■ “Deixamos de ver, de falar e de ouvir com atenção. E tal situação se agrava quando o outro é alguém que, para muitos, é invisível devido à função”.


Angélica Lúcio

Página 26

JUNHO VERMELHO
MÊS DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE

O bem corre em suas veias





Sousa busca a classificação, hoje, em jogo contra o América-RN

Precisando de uma vitória simples para garantir presença no mata-mata do Brasileirão, o Dinossauro encerra sua participação na primeira fase da Série D, a partir das 15h, no Marizão.

Página 23

Roberto Carlos sobe ao palco d'O Maior São João do Mundo para show gratuito

Cantor e compositor apresenta as músicas que embalarão diferentes gerações de fãs, hoje, por volta das 22h30, no Parque do Povo, em Campina Grande. Na expectativa para o evento, artistas paraibanos contam quais as suas faixas prediletas do repertório do Rei.



Foto: Divulgação

Página 9

Editorial

Atenção permanente

O tema da violência contra as mulheres está em discussão nos ambientes familiares, nos locais de trabalho, nos palácios de Governo e de Justiça, nas Casas Legislativas, nas delegacias de polícia, nas organizações governamentais e não governamentais. Enfim, é assunto que preocupa a sociedade brasileira, de modo geral, diante do crescente número de ocorrências que vêm sendo registradas em todo o território nacional.

O Governo Federal tem ampliado o combate à violência de gênero, por meio de políticas públicas como o Pacto Nacional de Prevenção ao Feminicídio, que reconhece esse tipo de crime como problema de Estado, posicionamento até então inédito no país. O programa prevê um leque de ações direcionadas “à prevenção da violência, à proteção das vítimas, à responsabilização dos agressores e à garantia dos direitos das mulheres”.

Na Paraíba, o Governo Estadual também age com rigor e rapidez no sentido não só de criar mecanismos destinados a inibir atos violentos contra as mulheres, mas de aperfeiçoar os já existentes, além de dar maior celeridade às ações das Forças de Segurança no enfrentamento da violência de gênero. Prova disso é que o estado manteve a redução dos feminicídios e registrou uma queda de 36,8% nos cinco primeiros meses deste ano.

Diante de um quadro nacional tão assustador, conforta o espírito saber que a Paraíba continua reduzindo os casos de feminicídio. Dados divulgados há poucos dias pelo Núcleo de Análise Criminal e Estatística (Nace) da Secretaria de Estado da Segurança e Defesa Social, relativos ao período que vai até o mês de maio de 2026, confirmam a manutenção da tendência de diminuição da violência letal contra as mulheres.

Diante de resultados tão alvissareiros, diante da onda de violência, não custa repetir que, em conformidade com o levantamento oficial, de janeiro a maio de 2025, foram registrados 19 feminicídios na Paraíba, sendo que, no mesmo período deste ano, o número caiu para 12 casos, numa redução de 36,8%. Significa dizer que “sete vidas de mulheres foram preservadas em comparação aos cinco primeiros meses do ano anterior”.

Tem plena razão, portanto, a secretária das Mulheres e da Diversidade Humana, Vanda Menezes, quando, em sintonia com o pensamento do governador Lucas Ribeiro, afirma que a redução do número de feminicídios “reforça a necessidade de manter e ampliar os investimentos em prevenção, acolhimento, proteção e autonomia econômica das mulheres”. Não se pode baixar a guarda quando o assunto é violência.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Outsiders na política brasileira

O termo de origem inglesa “outsider”, na política brasileira, procura designar aquele que se projeta como alguém fora do sistema político tradicional, apresentando-se como uma novidade no palanque eleitoral. O cientista político e pesquisador de renome internacional Andreas Schedler chegou a afirmar que “pequenez e marginalidade podem servir como equivalentes funcionais da novidade”.

Ao contrário do que se costuma pensar, o surgimento de candidaturas tidas como *outsiders* na história política brasileira não se trata de eventos esporádicos, mas de um padrão no panorama político-eleitoral nacional. Na maioria das vezes, são personagens que se definem como “fora do sistema”, mas que carregam uma longa trajetória institucional. Na verdade, são figuras que se aproveitam da abertura de oportunidades conjunturais específicas para a escalada do voto antiestablishment. Geralmente, trata-se de líderes populistas que se valem episodicamente do descontentamento público com a política e suas manifestações.

Esses pretensos candidatos *outsiders* ganham destaque por meio do sistema partidário, passando a integrar agremiações novas ou recém-fundadas. Todavia, dedicam-se à mera troca de favores, perpetuando, na prática, a velha ordem que prometeram evitar. Fingindo negar a política, desvalorizam as instituições em que atuam e proferem discursos orientados a desacreditar os adversários, tratando-os como inimigos. Alimentam os confrontos políticos para deles se beneficiarem e, quando se sentem politicamente fortes, planejam uma reengenharia institucional. Via de regra, demonstram vocação para o autoritarismo.

Os candidatos *outsiders* exploram escândalos de corrupção e apresentam a eleição como um momento de salvação coletiva. A retórica é a de quem se apresenta como um acontecimento extraordinário, necessário para romper com a situação vigente, vendendo a imagem de cidadãos íntegros e confiáveis. Quando eleitos, contudo, veem-se desconectados da máquina pública que deveriam liderar. Então, transformam-se, quase sempre, em promotores de situações que lhes permitam manter-se no poder a qualquer

custo, chegando a estimular o caos para justificar rupturas institucionais.

Ao longo da história republicana brasileira, diferentes perfis ocuparam esse espaço, de “salvadores da pátria” a figuras folclóricas. É o caso de Jânio Quadros, que utilizava a famosa metáfora da vasoura para “varrer a bandalheira” e a corrupção do país, colocando-se acima dos partidos, o que culminou em uma presidência isolada e na sua abrupta renúncia em 1961. Anos mais tarde, surgiu Fernando Collor, o Caçador de Marajás, prometendo combater privilégios e modernizar o Estado contra os “políticos velhos e corruptos”. Mais recentemente, Jair Bolsonaro apoiou-se fortemente no uso das redes sociais e em um discurso frontal contra o sistema político, o pacto partidário tradicional e as pautas progressistas. Historicamente, essas trajetórias levaram o país à frustração.

Esse cenário exige um estado de alerta constante em relação aos candidatos *outsiders*. Embora se vendam como “não políticos”, eles costumam trazer riscos e contradições latentes. A figura do “novo” é, muitas vezes, apenas uma estratégia de *marketing* bem construída, e não uma mudança real no panorama político. Além disso, a falta de experiência política e de articulação partidária dificulta a governabilidade, pois tais figuras tendem a oferecer soluções simplistas para problemas de alta complexidade.

“

A figura do novo é, muitas vezes, apenas uma estratégia de marketing bem construída, e não uma mudança real no panorama político

Foto Legenda

João Pedrosa



Viva Santo Antônio

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A nossa cachaça

A fêmea, na acepção científica que a antropóloga Fátima Quintas descreve em *A Civilização do Açúcar*, coletânea de estudos com o selo da Fundação Gilberto Freyre, mais me convence da intuição de um velho cronista biriteiro sobre a origem da cachaça. O modo como a escritora anima a nossa cunhã luzidia, de cabelos sempre molhados, deslumbrada com o garanhão aportado de longas viagens salgadas, afogueado de todas as hiperestesias do trópico, me faz acreditar no “cajual da sodomia” em que demora a *História da Paraíba*, do velho Horácio de Almeida, noticiando os festins da indiada no seu veraneio primitivo.

A afrodisia do caju não é imaginária. Tanto não era que os monges construtores da Igreja da Guia, em Lucena, diante de outras frutas e essências naturais e importadas, cedem ao caju as paredes sagradas do templo carmelita do século XVI. Antes de se entregar aos portugueses (e não é improvável que eles a tenham estuprado), a cunhã potiguar deixou-se transar, sem nenhuma dúvida, pelo apetite do normando que se apossava, maneiramente, do nosso pau de tinta e das nossas mulheres. Descobriram a rede e quem nela se deitasse, enquanto os machos cortavam a mercadoria das nossas matas e da cobiça corsária.

Na história encomendada por Assis Chateaubriand a Almeida Prado, *A Conquista da Paraíba*, pouco lida e nunca citada entre nós, é onde melhor se percebe a primazia dos barcos franceses em praias da Paraíba e do Nordeste, a tirar pelo batismo francês de algumas delas.

Veiga Cabral, um cronista das letras e das artes, leitor apaixonado de Zé Lins e ouvinte embriagado das *Bachianas Brasileiras*, jornalista que a Paraíba esqueceu, desconfiava seriamente que a Paraíba se antecipara a Itamaracá e ao resto do Brasil na invenção da cachaça. Justamente por esse demorado convívio do nativo com o aventureiro francês. Faltando a borra de vinho para as suas libações, descobriu a borra da cana para a cachaça. Num trabalho que escrevi para a Associação dos Produtores de Cachaça da Paraíba, a convite do seu então presidente,

Vicente Otávio Lemos, aparece um Pyrard de Laval, francês que viu fazer vinho do suco de açúcar. Vinho branco, cristalino e forte, faltou dizer. E Erwin Weimann, levando a cachaça a sério num trabalho patrocinado pela Volkswagen, descobre a Paraíba, numa ilustração holandesa, dando nome ao primeiro engenho do Brasil, o Paraíba de Itamaracá. Com a índia “anestesiada como criança diante do brinquedo recebido (...) vigorosa na capacidade de entregar-se inteira, cabelos molhados, pele bronzeada (...) pronta para a oferenda do prazer”, como imagina Fátima Quintas.

Encontrei, já depois de impresso o esboço histórico intitulado “*Carta/Cachaças da Paraíba*”, a mais autorizada confirmação assinalada na *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, livro de 1627: “Digna é de todos os louvores a terra do Brasil, pois primeiramente pode sustentar-se com seus portos fechados sem socorro de outras terras. Senão pergunto eu: de Portugal vem farinha de trigo? A da terra basta. Vinho de açúcar se faz mui suave e, para quem o quer rijo, com o deixar ferver dois dias embebida como o de uva”. Cachaça que a pujança do Nordeste açucareiro e revolucionário abastecia e ensinava o Brasil a biritar.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

ENTREGA PROTEGIDA

Programa encaminha crianças para a adoção

Atendimento é realizado de forma humanizada e está previsto no ECA

Bárbara Wanderley
 babiwanderley@gmail.com

Há quem diga que filhos são uma bênção, mas isso é só para quem quer tê-los. Nem toda gravidez é planejada ou desejada, algumas são frutos de abusos, chegam na hora errada ou numa família sem condições financeiras. Seja qual for o motivo, as mulheres que não quiserem ficar com os bebês que gestaram, podem entregá-los para adoção de forma segura, legal e sigilosa, por meio do Programa Entrega Protegida, da 1ª Vara da Infância e Juventude do Poder Judiciário da Paraíba. Desde o ano passado, quase 50 crianças já foram encaminhadas para adoção dessa forma, de acordo com o juiz da Vara, Adhailton Lacet.

Criado em 2013, com o nome “Acolher”, o que era um projeto-piloto se tornou um programa estadual, que atende de forma humanizada o que está previsto no artigo 19-A do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O texto diz que a gestante ou mãe que manifeste interesse em entregar seu filho para adoção, antes ou logo após o nascimento, será encaminhada à Justiça da Infância e da Juventude.

“A gente aplaude muito as pessoas que adotam, mas a gente também tem que estender esse aplauso para aquelas mães que entregam o seu filho para adoção, porque isso é um gesto muito grande de amor. Não é rejeição”, afirmou Adhailton Lacet, argumentando que é melhor saber que aquela criança será direcionada a uma família com condições de cuidar dela da melhor forma.

Ele explicou, porém, que foi necessário, e ainda é, um trabalho de conscientização para esse entendimento. “A gente fez um trabalho muito grande nesses 13 anos, indo às maternidades, chamando a atenção de enfermeiras, assistentes sociais que ficavam desestimulando as mães e diziam: ‘Você é uma mãe desnaturada, você abandona o seu filho’. E eu dizia que não é abandonar. Abandonar é pegar o filho e jogar na lata do lixo, jogar na sarjeta. Aí sim, isso aí é crime. Mas quando você entrega [a criança] voluntariamente, sabendo que ela vai ser criada por uma pessoa que está preparada e capacitada para isso, tudo bem. Aí a mulher está fazendo um gesto realmente de amor e com amparo legal. Então, é esse o grande objetivo do programa”.



Adhailton Lacet é juiz da 1ª Vara da Infância e Juventude

O desejo de entregar a criança pode ser manifestado durante a gestação ou logo após o parto e comunicado à própria equipe médica, que encaminhará o caso à Vara competente. Em João Pessoa, as maternidades e hospitais

Cândida Vargas, Edson Ramalho, Frei Damião, Arlinda Marques e Lauro Wanderley são parceiros da iniciativa, mas o desejo pode ser manifestado em qualquer atendimento de saúde e funciona em toda a Paraíba.

Acolhimento por equipe multiprofissional

No Instituto Cândida Vargas (ICV), maior maternidade do estado, a paciente que manifesta esse desejo é acolhida por uma equipe multiprofissional que realiza uma escuta qualificada e presta todas as orientações sobre o procedimento previsto na legislação. Após isso, a maternidade comunica oficialmente a Vara da Infância e da Juventude.

A assistente social do ICV, Marcina Pessoa, destacou que, em alguns casos, as gestantes já chegam encaminhadas pela própria Vara da Infância e da Juventude, após terem formalizado anteriormente o desejo de entregar o bebê para adoção. Ela explicou que, caso a mulher prefira, não precisa ter contato com o recém-nascido. “Todo bebê que nasce é colocado logo no colo da mãe, ela amamenta. No caso dela, isso não vai acontecer. O bebê já vai ser separado dela naquele momento, fica sob cuidado da



O bebê fica sob cuidado da equipe e a mãe segue internada para o atendimento médico normal

Marcina Pessoa

equipe e a mãe segue internada para o atendimento médi-

co normal”.

Quando a Vara da Infância e Juventude recebe o caso, uma audiência é marcada para entrevistar a genitora que está entregando o bebê. Ela precisa reiterar esse desejo e, após a audiência, tem o prazo de 10 dias para repensar a decisão. Caso não volte atrás, será destituída do poder familiar e o bebê será encaminhado para adoção. Enquanto esse trâmite se desenrola, o bebê fica sob os cuidados de uma “família acolhedora” cadastrada no Tribunal de Justiça para cumprir essa função.

O juiz Adhailton Lacet destacou que a decisão da mulher é respeitada, independente de motivos ou de outros membros da família. “A mãe chega e diz: ‘Olha, eu engravidei, o pai nunca me deu nenhum apoio durante a gestação e eu quero entregar meu filho’. Então, a Justiça nem procura saber os motivos pelos quais ela

está entregando e muito menos vai atrás de parentes, seja pai, mãe ou o suposto pai biológico. É respeitada a vontade dessa mãe”, disse.

Ele esclareceu, no entanto, que isso só é válido para mulheres maiores de 18 anos. “A criança ou adolescente não pode voluntariamente entregar seu filho, porque ela é menor idade. Porém, chama-se essa mãe jovem junto com seus pais ou responsáveis para saber se eles querem criar aquela criança, o que a gente chama ‘família extensa’. Se elas não quiserem, aí sim, com a anuência da avó materna, avó paterna, ela pode entregar”.

Outra exceção é quando a mãe resolve doar um filho que não é mais recém-nascido para adoção, por não ter mais condições de cuidar. A possibilidade também existe, mas, nesse caso, o processo é outro, diferente do previsto na Entrega Protegida.

Entrega direta a terceiros não é permitida

Adhailton Lacet ressaltou que o recém-nascido que é entregue pelo programa é direcionado à primeira pessoa da fila de adoção que tiver manifestado interesse naquele perfil. A entrega direta a terceiros não é permitida. “Antigamente era muito comum a mãe colocar numa caixinha e botar na porta de alguém que ela, porventura, admirava e achava que ia cuidar bem. Hoje você não pode entregar diretamente a

alguém para fazer a adoção, porque a Justiça entende que a mãe não tem condições técnicas de avaliar se aquela pessoa tem capacidade de criar um filho, por mais simpática que ela seja. Todo pedófilo é uma pessoa acima de qualquer suspeita. Então, aqui se faz toda uma avaliação por uma equipe técnica multiprofissional, psicóloga, assistentes sociais, pedagogas e vai-se detectando o perfil daquela pessoa que tem ou

não condições de adotar uma criança”, explicou.

A Igreja antigamente também recebia os recém-nascidos de forma legal. “Tinha a chamada ‘roda dos enjeitados’ ou ‘roda dos excluídos’. Você colocava, tocava o sino e ia embora. Só que as religiosas ficavam com aquela criança até completar 18 anos, e depois ela ia embora para o mundo, sabia nem o que ia fazer da vida”, comentou o juiz.

Sobre o receio de a crian-

ça acabar em um abrigo, sem conseguir família, Adhailton Lacet afirmou que essa é uma preocupação apenas com crianças maiores, a partir dos sete anos de idade. “Bebê é rápido demais, porque é a preferência da maioria dos pretendentes. Se você entrar no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento do Conselho Nacional de Justiça, você vai ver o número enorme de pessoas que querem esse perfil de zero a dois anos”.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A gramática da ausência

Quando soube da morte de Marjane Satrapi, reli a notícia três vezes. Não pela ironia, uma mulher que sobreviveu à Revolução Iraniana, ao exílio, à solidão na adolescência europeia, sucumbir aos cinquenta e seis anos. Mas pela causa que a família escolheu divulgar: “Morreu de tristeza”. Disseram que, desde a partida de Mattias Ripa, o amor de uma vida, ela simplesmente perdeu a corda que puxava os dias para frente. O corpo continuava funcionando, mas o motor, aquela coisa invisível que faz a gente levantar, escovar os dentes, fingir que o mundo ainda tem cor, tinha se apagado.

Morrer de amor não é o punhal de Otelo nem o veneno de Romeu. É mais feio. Mais silencioso. É uma casa que desaba não porque o teto cedeu, mas porque ninguém mais acendeu a luz do corredor. E ninguém percebe. O vizinho continua passando na calçada, o leiteiro deixa a garrafa na porta, o relógio marca as horas. Só que, dentro, tudo já é entulho.

Há um nome para isso na medicina. Chama-se “síndrome do coração partido”, ou Takotsubo cardiomyopathy: o estresse emocional severo despeja hormônios que paralisam o músculo cardíaco, e o corpo, confuso, imita um ataque fulminante. A dor vira química. A saudade vira inflamação. O amor vira uma arma apontada para dentro.

Mas a notícia de Marjane Satrapi me pegou desprevenido por outro motivo. Não por ela, que eu nunca tive o privilégio de encontrar. Mas por nós. Por quem fica. E a pergunta veio, indesejada, no meio da noite: como eu suportaria? Se amanhã, ou daqui a um ano, ou num instante qualquer que o acaso escolher, Nélida Maria simplesmente parasse?

Não estou falando do velório, das providências, do telefone que não para de tocar com gente dizendo: “Qualquer coisa, estamos aqui”. Estou falando do dia seguinte.

Da primeira noite na cama vazia. Do silêncio do corredor onde antes havia o barulhinho dela tropeçando no chinelo. De abrir a gaveta e sentir o cheiro que eu conheço e que nenhuma outra pessoa no mundo tem.

O luto, dizem os que já passaram por isso, não é tristeza. É desaprendizado. É você passar décadas treinando o corpo e a alma

“

A saudade vira inflamação. O amor vira uma arma apontada para dentro

a funcionar em sintonia com outra pessoa, os horários, as piadas internas, o jeito de cortar o pão, a mão que busca a outra no escuro e de repente ter que desaprender tudo sozinho. Um treinamento para o qual ninguém se inscreveu e cujo diploma é o vazio.

A crônica sentimental insiste em vender o luto como uma elegia bonita. Não é. É o dente que caiu e a língua não para de procurar o buraco. É você descobrir que o sentido da vida não era Deus, nem dinheiro, nem arte era aquela pessoa que deixava a toalha molhada em cima da cama e esquecia os óculos na própria cabeça. E quando ela vai, o que sobra? A rotina. A casca. O zumbido do eletrodoméstico que ninguém desliga.

Acho que Marjane não desistiu. Ela só esqueceu o motivo de continuar. E o cérebro, órfão de razão, foi desligando os sistemas um a um, como uma fábrica que não tem mais encomenda. Não é fraqueza. É fisiologia. É o cortisol corroendo, é a pressão que não sobe, é o sistema imunológico que pede demissão. Os órgãos entendem, antes da mente, que não há mais festa.

Olho para o lado. Nélida dorme. O medo de perdê-la é tão antigo quanto o amor, nasceu junto, no mesmo dia, na mesma esquina. Só que agora esse medo deixou de ser abstrato. É uma visita que bate à porta toda noite. E eu finjo que não estou. Abro a geladeira. Encho um copo d’água. Volto para a cama e me deixo cair rente ao corpo quente dela, que ainda respira.

Por enquanto, ainda respira.

É isso que me sustenta. Não a esperança. A trégua.

Marcelo Queiroga

Pré-candidato ao Senado pelo PL

“Não há problema em conviver com a pluralidade, que é própria da democracia”



Em entrevista, ex-ministro afirma que pretende levar ao Congresso a experiência acumulada na medicina e na gestão pública

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Médico cardiologista, ex-ministro da Saúde e presidente estadual do Partido Liberal (PL) na Paraíba, Marcelo Queiroga nasceu em João Pessoa, mas costuma destacar as fortes ligações com o Sertão paraibano, terra de origem de sua família e de sua avó materna — personagem frequentemente citada por ele como referência de valores e ensinamentos que marcaram sua trajetória.

Com atuação destacada na medicina, presidiu a Sociedade Brasileira de Cardiologia antes de assumir o Ministério da Saúde de março de 2021 a dezembro de 2022, durante a pandemia da Covid-19. Em 2024, disputou a Prefeitura de João Pessoa e chegou ao segundo turno das eleições.

Agora, como pré-candidato ao Senado em 2026, afirma que pretende levar ao Congresso a experiência acumulada na medicina, na gestão pública e na formulação de políticas públicas, associando essa trajetória à defesa de pautas ligadas à saúde, ao desenvolvimento regional, à segurança pública e ao fortalecimento das instituições democráticas. Recentemente, lançou, na Biblioteca do Senado Federal, a autobiografia *Eu venho lá do Sertão: o sertanejo que nasceu na praia*, obra em que revisita suas origens, a influência da família e os valores que, segundo ele, orientam sua atuação na vida pública.

Entrevista

■ O senhor iniciou sua trajetória na medicina e ganhou projeção nacional ao comandar o Ministério da Saúde. Diante dessa bagagem, o que credencia Marcelo Queiroga a ocupar uma vaga no Senado e quais serão as prioridades do seu mandato em favor da Paraíba?

Sou médico cardiologista, formado em 1988 — o ano da promulgação da Constituição Cidadã, que colocou a saúde e a educação como direitos sociais fundamentais. Atuo na Paraíba desde 1993, onde ajudei a introduzir a cardiologia intervencionista, essencial no tratamento do infarto. Essa trajetória me levou à presidência da Sociedade Brasileira de Cardiologia e ao Ministério da Saúde no ápice da pandemia da Covid-19. No ministério, além de gerenciar essa crise, adquiri grande experiência com o processo legislativo. O ministro da Saúde opina sobre todos os projetos que impactam a saúde da população — desde a área médica até pareceres sobre defensivos agrícolas no setor do agro. Além disso, nossa equipe redigiu medidas provisórias importantes, como a que foi convertida na Lei nº 14.307, de 2022, atualizando a legislação da saúde suplementar (Lei nº 9.656/1998). Foi através dela que criamos o comitê para avaliar novas tecnologias no rol da ANS [Agência Nacional de Saúde Suplementar], permitindo a padronização de condutas para pessoas com transtorno do espectro autista [TEA], o que trouxe uma enorme justiça social. Também aprimoramos o marco legal da Saúde Digital e da Telesaúde, sancionada no governo do presidente Jair Bolsonaro.

■ O senhor defende a redução da polarização política, mas integra um partido fortemente identificado com o ex-presidente Jair Bolsonaro. Como pretende dialogar com os paraibanos que pensam diferente do senhor e que

não se identificam com a direita?

A polarização é um fenômeno mundial, resultado de transformações políticas, econômicas e sociais que vêm ocorrendo nas últimas décadas. No Brasil, muitas pessoas apontam Bolsonaro como um dos polos dessa divisão, mas eu entendo que esse processo começou antes. Bolsonaro surgiu nesse contexto e conseguiu mobilizar milhões de brasileiros identificados com pautas conservadoras. Eu me tornei um de seus colaboradores mais próximos, mas isso não me impede de dialogar com quem pensa diferente. Como ministro da Saúde, mantive uma relação institucional respeitosa com governadores de todas as correntes e dialoguei de maneira fluida com o Consórcio Nordeste. O atual ministro, Wellington Dias, por exemplo, é alguém com quem eu já conversava desde a época da Sociedade de Cardiologia. As eleições passam, mas a responsabilidade do cargo público é melhorar a vida da população. Na Paraíba, demonstrei isso na eleição municipal em João Pessoa, mantendo uma disputa respeitosa. Da mesma forma, sempre tive uma relação institucional correta com o governador João Azevêdo. Como político, minha missão é escutar o coração de todos, pensem igual ou diferente de mim. Não há problema nenhum em conviver com a pluralidade, que é própria da democracia. Pretendo trabalhar pela união das pessoas em torno de projetos que contribuam para melhorar a vida da população paraibana.

■ Além da saúde, quais áreas o senhor considera estratégicas para o desenvolvimento da Paraíba nos próximos oito anos e quais propostas defenderia em Brasília para impulsioná-las?

Defendemos a vida desde a concepção, respeitando as exceções previstas em lei, e acreditamos no fortalecimento da

iniciativa privada, especialmente das micro e pequenas empresas, que geram emprego e movem a economia. Sobre a Paraíba, precisamos criar projetos baseados na vocação de cada região. O Curimataú, por exemplo, embora marcado por limitações climáticas, possui um subsolo rico em minerais e grande potencial para a produção de energias renováveis (solar e eólica). A Paraíba tem peculiaridades importantes. Grande parte do território está no semiárido, o que representa desafios, mas também oportunidades. Eu costumo dizer que, quando temos desafios, também temos oportunidades. Precisamos criar projetos de desenvolvimento de acordo com a vocação de cada região do estado, fomentando o crescimento econômico e social. Também temos uma pauta forte na área da segurança pública. Defendemos o endurecimento da legislação contra as facções criminosas e a valorização das Forças de Segurança, com melhores condições de trabalho, remuneração e equipamentos. O avanço de organizações como o PCC [Primeiro Comando da Capital] e o Comando Vermelho exige uma resposta firme do Estado; nós não consideramos traficantes vítimas da sociedade. Entre os temas que devem ser debatidos com rigor, está a redução da maioridade penal, devolvendo aos pais e mães o direito de verem seus filhos viverem em paz e com liberdade.

■ A Paraíba aumentou a arrecadação nos últimos anos, mas o senhor afirma que esse crescimento não foi resultado direto do desenvolvimento econômico. Como pretende defender os interesses do estado no debate sobre a reforma tributária e a distribuição dos recursos entre União e estados?

A arrecadação da Paraíba aumentou, mas isso não ocorreu necessariamente em razão do desenvolvimento econômico do estado. Grande parte dos recursos que chegam à Paraíba vem da União, por meio do FPE [Fundo de Participação dos Estados], além do impacto do aumento do ICMS. Com a criação do IVA [Imposto sobre o Valor Agregado], minha preocupação é que os estados menores, especialmente os do Nordeste, acabem prejudicados na distribuição das receitas, enquanto os grandes centros preservem suas vantagens. A Paraíba precisa ter uma representação firme nesse debate para garantir que a reforma tributária não aprofunde desigualdades regionais. É necessário defender critérios equilibrados de repartição dos recursos. Ao mesmo tempo, precisamos criar condições para que o estado dependa cada vez menos das transferências federais, estimulando a atividade econômica local e atração de investimentos privados.

■ Milhões de brasileiros trabalham na escala 6x1 e defendem uma jornada mais equilibrada entre trabalho e descanso. O senhor acredita que o modelo atual ainda atende às necessidades dos trabalhadores?

Tudo o que for para beneficiar o trabalhador, nós somos favoráveis. No entanto, esse é um tema que precisa ser debatido com profundidade e responsabilidade. A discussão sobre o fim da escala 6x1 surgiu em um momento inadequado, porque ocorre em um contexto pré-eleitoral, o que acaba contaminando o debate. Quero acreditar que tanto os que defendem a mudança quanto os que são contrários buscam o mesmo objetivo: o melhor para o Brasil. Como essa alteração depende de uma PEC [Proposta de Emenda à Constituição], é preciso cuidado para não produzir uma legislação que gere efeitos negativos nas relações de trabalho. Existe o risco de que mudanças feitas sem planejamento provoquem demissões ou a substituição de trabalhadores por outros com remuneração menor, ampliando a informalidade. Já enfrentamos o desafio de que muitos beneficiários de programas sociais no Nordeste evitam o emprego formal por medo de perder o benefício. Por isso, esse debate deve ocorrer de maneira ampla e serena, para evitar que decisões sejam tomadas pelo apelo do momento e que, mais adiante, os próprios trabalhadores sofram as consequências.

■ O senhor tem criticado o modelo atual de distribuição de emendas parlamentares. Como senador, que mudanças concretas defenderia para tornar esse sistema mais transparente?

Interesse político sempre existe. A questão é distinguir a boa política da velha política do clientelismo. O que vemos hoje, muitas vezes, são parlamentares capturando prefeitos, especialmente de pequenos municípios, por meio das emendas parlamentares. Isso não é bom e precisa ser reformado. Quando fui ministro da Saúde, defendi que os recursos destinados à saúde por meio de emendas passassem por avaliação técnica do ministério, para garantir que fossem aplicados onde realmente houvesse necessidade. Não faz sentido destinar equipamentos de alta complexidade para municípios que não têm demanda ou estrutura para utilizá-los. Isso é desperdício de dinheiro público. Os recursos das emendas não pertencem aos parlamentares; pertencem aos cidadãos e são provenientes dos impostos pagos pela população. Por isso, a destinação desses recursos deve ter justificativa técnica e compromisso com o interesse público. Entendo que essa discussão deve ser conduzida pelo próprio Parlamento, que representa a popu-

lação e tem a responsabilidade de definir a aplicação do orçamento. É preciso aperfeiçoar esse sistema para garantir mais eficiência, transparência e responsabilidade na alocação dos recursos. Se eu for senador da República, assumo o compromisso de destinar minhas emendas com critérios rigorosamente técnicos. As prioridades serão saúde, educação e segurança pública, atendendo os 223 municípios da Paraíba, independentemente de alinhamento político com prefeitos ou gestores. Havendo necessidade comprovada e interesse da população, os recursos deverão chegar onde são mais necessários.

■ O senhor tem afirmado que o Senado precisa exercer com mais firmeza seu papel de fiscalização e equilíbrio entre os Poderes. Na prática, como pretende atuar nessa função?

A primeira mudança é cumprir a Constituição e as leis. O Senado precisa exercer suas atribuições com qualidade técnica, melhorando a elaboração das leis e evitando a aprovação de dispositivos sem relação direta com o mérito das propostas. Outra função essencial é garantir o equilíbrio entre os Poderes, o que passa pela prerrogativa de sabatinar e aprovar indicados para os tribunais superiores, incluindo os ministros do STF [Supremo Tribunal Federal]. Hoje existe um debate real sobre o ativismo judicial, quando decisões do Judiciário interferem em atribuições do Executivo e do Legislativo. Cada Poder deve atuar dentro dos limites estabelecidos pela Constituição, preservando a harmonia institucional e garantindo que as decisões do Parlamento, que representa a vontade popular, sejam respeitadas.

■ Para encerrarmos, há alguma mensagem que o senhor gostaria de deixar aos nossos leitores?

Na minha vida, eu sempre guardei os ensinamentos da minha avó, uma senhora do Sertão da Paraíba, que dizia: “Meu filho, não faça aquilo que os outros não podem saber”. Essas palavras conduziram minha trajetória como médico e homem público. Lembro também da reflexão de Kant: “Nada mais me enche de admiração do que o céu estrelado acima de mim e a consciência moral dentro de mim”. Aos 60 anos, só tenho a agradecer. Em 2022, tive a oportunidade de discursar na tribuna da ONU [Organização das Nações Unidas]. Naquele momento, como um paraibano nascido em João Pessoa ocupando um espaço histórico, lembrei das mulheres fortes da minha vida — minhas avós, minha mãe, minha esposa e minha filha. É guiado por esses valores e pelo caminho do bem que quero continuar trabalhando pela Paraíba.

JUSTIÇA SOCIAL

Educar para a diversidade é caminho

Para especialistas, é preciso preservar a pluralidade de vivências para combater preconceitos e fortalecer a democracia

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

A pluralidade é um valor fundamental: diferentes pontos de vista enriquecem o debate público, estimulam a criatividade e a inovação e ajudam a construir políticas inclusivas, que respeitam os direitos e a dignidade humana. Para que esse cenário se torne real, é preciso, porém, aprender com opiniões divergentes — o que demanda capacidade de escuta e diálogo. Nisso, residiria um desafio para a educação, seja a escolar, seja a realizada pela família.

Do ponto de vista sociológico, a educação para a diversidade desempenha um papel fundamental na compreensão das oportunidades que vêm junto com a pluralidade. Ela permite que, desde cedo, as pessoas sejam capazes de identificar as desigualdades existentes e se interessem pela proposta de estratégias voltadas para superá-las, a fim de promover uma sociedade mais justa e igualitária. De acordo com a professora e socióloga Anna Kristyna Barbosa, escola e sociedade não caminham separadas e são permeadas pelas mesmas desigualdades, tensões, disputas e possibilidades de transformação.

“Questões relacionadas à raça, ao gênero, à classe social, à deficiência, à sexualidade e às diferenças culturais já fazem parte da

Temas
Questões relacionadas a gênero, raça e sexualidade permeiam a vida dos estudantes, sendo necessário abordá-las em sala de aula para não reproduzir exclusões

experiência cotidiana dos estudantes, independentemente de serem discutidas ou não em sala de aula. Quando a escola ignora essas questões, corre o risco de reproduzir preconceitos e exclusões historicamente construídos”, Anna discorre.

Ela expõe, portanto, que educar para a diversidade significa reconhecer que os sujeitos chegam à escola com trajetórias, identidades e experiências distintas, e que todas merecem valorização. “Mais do que ensinar a conviver com o diferente, trata-se de compreender criticamente como determinadas desigualdades são produzidas e naturalizadas em nossa sociedade”, afirma.

A socióloga também considera importante perceber que os diferentes tipos de violência não são, simplesmente, atitudes individuais, mas, sim, fenômenos



Foto: Roberto Guedes

Espaço escolar permite desenvolver a empatia a partir da convivência com as diferenças

estruturais, produzidos e reproduzidos por instituições, discursos e relações de poder. “O racismo, o sexismo, o capacitismo, a LGBTfobia, a gordofobia e as desigualdades de classe afetam concretamente as oportunidades, os direitos e as experiências de vida de milhões de pessoas. Muitas vezes, essas formas de opressão atuam simultaneamente, produzindo experiências específicas de exclusão e vulnerabilidade”, aponta. A educação, portanto, poderia contribuir

para a construção de uma sociedade mais democrática, ao promover espaços de diálogo, escuta, reconhecimento mútuo e valorização da pluralidade humana.

Não é de hoje que tal ideia vem sendo defendida: a pensadora, artista e ativista bell hooks — cujo nome é grafado em letras minúsculas por decisão da própria autora — sustentava que a educação deveria criar condições para que as pessoas desenvolvessem consciência crítica sobre o mundo,

tornando-se, assim, agentes ativos de transformação social. “Criar espaços de reflexão sobre as diferenças significa possibilitar que estudantes e educadores compreendam como as variadas formas de discriminação afetam a vida das pessoas. Significa também desenvolver a capacidade de reconhecer privilégios, questionar injustiças e construir relações mais respeitadas e solidárias, além de formas mais justas de convivência”, Anna argumenta.



Quando diferentes culturas e identidades são valorizadas, fortalecemos a autoestima dos sujeitos

Anna Kristyna Barbosa

Família deve estimular o diálogo e o respeito

Dentro das famílias, o espaço para o diálogo também tem potencial transformador. Mãe de uma menina de oito anos, a nutricionista Artémis Moura conta que encontrar formas de conversar com a filha Cecília, fazendo-a se sentir ouvida e segura para falar, sempre foi uma preocupação. “Minha esposa Nayara e eu falamos muito sobre como nossas experiências dentro de casa, crescendo com nossas famílias, foram diferentes. Eu venho de um lar mais inclusivo e meus pais sempre me aceitaram. Os dela foram repressivos e a afastavam quando ela fazia uma escolha diferente. Hoje, percebemos como esses tratamentos nos moldaram”, diz.

Artémis explica que se vê como uma pessoa confiante, que não sente receio dando ou recebendo opiniões contrárias. Nayara, por outro lado, é mais inibida quando está fora de casa. “Ela é mais propensa a aceitar as coisas calada, inclusive o que não precisa. Às vezes, discordamos uma da outra e pensamos que está tudo bem. Mas, na rua, ela me diz que sente dificuldade de falar abertamente ou de se comportar como gostaria. Na terapia, fazendo análise, vimos que isso é comum em pessoas que cresceram como ela e de-



Foto: Arquivo pessoal

Conversas sobre o mundo são parte do lar de Antônio (E)

cidimos fazer de tudo para criar Cecília em um espaço baseado em conversas e respeito mútuo”, clarifica.

Casados desde 2020, Antônio Carlos e Anderson Silva também se valem do diálogo para educar o filho, Andrey. Para eles, é importante que o menino seja capaz de falar a respeito de como se sente, tanto em relação a si mesmo, quanto sobre o mundo ao redor. “Antigamente, não havia espaço para que a criança pudesse ser ouvida. A rigidez na educação não dava oportunidade para a diversidade e

o respeito às diferenças não era discutido, o que fortalecia e incentivava o preconceito. Hoje, procuramos ensinar nosso filho a respeitar as diferenças e, também, combater qualquer tipo de preconceito que presencie”, expõe Antônio.

Convictos de que dar o exemplo é uma das melhores formas de educar, Antônio e Anderson estão sempre buscando, eles mesmos, caminhos para enfrentar violências. E, sempre que Andrey identifica uma diferença entre ele e outra criança, o casal senta-se com o filho para

explicar que características distintas não são um problema. “Conversamos com ele sobre como cada pessoa tem sua particularidade, uma dificuldade e a própria maneira de ver o mundo. Por isso, ele nunca deveria tratar diferente nem excluir ninguém”, relata Antônio. Ele acredita que, desse modo, Andrey será um adulto capaz de conviver com todos, tanto no trabalho quanto na vida pessoal, em harmonia. “Queremos que ele saiba que cada pessoa é do seu jeito e merece ser respeitada e protegida”, afirma.

Segundo a psicóloga cognitivo-comportamental Rayanne Moreira, o diálogo é a ferramenta que melhor viabiliza o respeito. “Não é possível construir relações sólidas, diminuir distâncias sociais e trabalhar para resolver conflitos, se as partes não forem capazes de escutar, ativamente, o que o outro tem para dizer, entender que as experiências são diferentes e compreender que, independentemente disso, o outro merece ser respeitado e nunca excluído ou ferido”, defende. Nesse sentido, a psicóloga explica que a pluralidade humana, inserida na educação, realmente seria capaz de converter preconceitos e injustiças em inclusão e reconhecimento mútuo.

Políticas visam inclusão da população LGBTQIA+

Na Paraíba, o Governo do Estado, por meio da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh), tem investido em algumas iniciativas voltadas para a população LGBTQIA+, especialmente no que concerne à educação e à profissionalização. O tema ganha ainda mais relevância em junho, considerado o Mês do Orgulho LGBTQIA+. A data faz referência à Revolta de Stonewall, ocorrida em 1969, nos Estados Unidos, e considerada um marco na luta pelos direitos para esse público.

De acordo com a gerente-executiva de Direitos Sexuais e LGBTQIA+, Laura Brasil, “a evasão escolar, o preconceito intrafamiliar e o bullying fazem com que, muitas vezes, essa população não consiga concluir sua educação básica e profissionalizante, o que vai impactar diretamente na inserção no mercado de trabalho”. Pensando nisso, a Semdh firmou parceria com o Centro de Ensino Educa Nexus, que fornece cursos de qualificação profissional *on-line*. “Todas as pessoas cadastradas nos Centros Estaduais de Referência LGBT, em João Pessoa, Campina Grande e em Cajazeiras, podem acessar quantos cursos quiserem, de forma gratuita, aprimorando seu currí-

culo. Para além disso, temos uma parceria com o Centro Estadual de Línguas, que reserva um quantitativo de vagas para o público atendido pelos Centros de Referência LGBT”, informa a gestora.

Ciente de que a exclusão encontra origem em preconceitos que, muitas vezes, estão institucionalizados, a Semdh também investe na qualificação profissional dos servidores da administração pública, educando-os para a diversidade. “Para isso, existe o Projeto Entrelace, que abrange todas as gerências da secretaria — Equidade de Gênero, Equidade Racial, Direitos Sexuais LGBT e a Gerência de Direitos Humanos —, para que os servidores possam acolher a diversidade”, elucida Laura Brasil.

■ Em Centros Estaduais de Referência LGBT, é possível acessar cursos de línguas e de formação profissional

FESTEJOS JUNINOS

Barulho afeta pessoas neuroatípicas

Alternativa é uso de fogos de artifício visuais, que mantêm, simultaneamente, tradição da época e bem-estar coletivo

Carolina Oliveira
marquesdooliveira.carolina@gmail.com

Muita música, tradicionalmente no ritmo do forró, aglomerações de pessoas e fogos de artifício: assim costumam ser os festejos juninos na Paraíba, num cenário repleto de estímulos sonoros, visuais e sensoriais. Muito popular e amplamente comemorada no nosso estado, a temporada do São João pode se tornar um período estressante para quem lida com condições como transtorno do espectro autista (TEA), transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), deficiências intelectuais ou outras condições do neurodesenvolvimento.

Na opinião da assistente social Helena Cavalcante, mãe de João Miguel e Luís Henrique, que tem oito anos e vive com TEA, essa é uma das “maiores e mais dolorosas lutas das famílias atípicas”, especialmente na Região Nordeste. “É um assunto urgente, porque o que para muitos dura alguns segundos de festa, para uma criança autista se transforma em horas ou dias de sofrimento físico e emocional intenso”, descreve.

Para as famílias de pessoas neurodivergentes, a chegada de junho também traz uma preocupação especial com o uso dos fogos de artifício com estampido. “Muitas pessoas ainda não compreendem o real impacto disso”, aponta Helena. Segundo ela, esse é um “lado invisível do São João”, totalmente ligado ao barulho. “Neste momento, precisamos intervir naquilo que é visto apenas como uma tradição. Essa tradição pode evoluir e [as festas] podem adotar fogos sem estampido, que já são realidade”, defende.

A assistente social conta que o diagnóstico de Luís aconteceu quando o menino

tinha três anos. “É um longo tempo entendendo de perto como funciona o mundo sensorial dele. Já o vi colocar as mãos nos ouvidos e dizer: ‘Mamãe, pede para papai do céu acabar com esse mundo barulhento, eu não consigo viver aqui’. O que para alguns é apenas um estalo, para ele, e para milhares de outras crianças, idosos e animais, é sinônimo de dor física real e desespero”, relata.

Isso ocorre porque muitas pessoas no espectro autista possuem hipersensibilidade auditiva. “Elas não apenas ouvem o som mais alto, mas o processam de forma dolorosa, como se o barulho estivesse explodindo dentro de suas cabeças”, detalha Helena. E o impacto não dura apenas alguns segundos. A experiência da assistente social com seu filho indica que, quando os fogos barulhentos começam, o gatilho para uma crise severa é imediato.

“Quem vê de fora não imagina o quanto essas crises desestruturam a criança. Causam choro, tremores,



Espaços com aglomeração de pessoas podem representar um desafio para quem lida com condições como autismo e TDAH

pânico e um esgotamento que demora horas ou até dias para passar”, comenta. De acordo com ela, o momento pós-crise exige dias de acolhimento e afeta toda a rotina e o sono da pessoa autista e da família.

A mãe de Luís e de João argumenta, ainda, que combater os fogos barulhentos não significa “acabar com a beleza do São João”. Uma alternativa consiste nos fogos de artifício visuais, que “garantem um espetáculo sem torturar ninguém”. “A verdadeira mudança começa na vizinhança, na nossa rua, e na própria consciência: antes de acender o pavio de um rojão barulhento, é importante lembrar-se de que, na casa ao lado, ou na rua de trás, pode haver uma criança chorando de dor, tapando os ouvidos em desespero, e uma mãe tentando acalmá-la”, apela.

A assistente social ressalta que as festas públicas e privadas precisam priorizar a in-

clusão de forma mais ativa e concreta. “O direito de festejar termina onde começa a

saúde e a integridade do outro. O que desejamos é um São João que seja sinônimo de

alegria para todos, sem exceção, com mais empatia e muito menos barulho”, afirma.

Mudanças e excesso de estímulos favorecem desregulação sensorial

Para o pediatra e neurologista infantil Flawber Antônio Cruz, nesse período, é fundamental levar em conta a inclusão e o acolhimento das pessoas neuroatípicas e suas famílias, já que se trata de um contexto de mudança de rotina, com novas dinâmicas tanto na família, quanto em outros espaços de convívio, como o ambiente escolar. “Quando lidamos com neuroatípicos, sobretudo os pacientes com autismo, precisamos ter alguns cuidados. É um momento em que há maior sobrecarga sensorial. Fora isso, existe a ex-

posição a mais barulho, por conta de músicas, carros de som, apresentações de artistas e fogos de artifício”, destaca o médico.

O especialista explica que os ruídos dos fogos tendem a gerar medo excessivo e forte carga de tensão, principalmente por causa da hipersensibilidade auditiva. O resultado mais comum é a desregulação emocional da criança, que pode apresentar maior irritabilidade, culminando até mesmo em respostas agressivas. “Em alguns casos de crianças que, além do autismo, têm também epilepsia, isso

pode chegar a agravar o quadro, com crises convulsivas”, acrescenta.

Flawber ressalta que outra característica desse período de festejos é a maior circulação de pessoas nos ambientes e nas próprias casas. É comum a realização de visitas a amigos e familiares, a intensificação do trânsito mais intenso e uma grande concentração de brincantes em locais de comemoração. “Essas aglomerações podem gerar desregulação sensorial de medo, sensação de pânico e de que a criança ou adolescente está sob ameaça”, aponta o pediatra.



Foto: Reprodução/Instagram @helena_cavalcante

O direito de festejar termina onde começa a saúde e a integridade do outro

Helena Cavalcante

Cuidado e prevenção são fundamentais para evitar crises

“É importante lembrar de todos esses fatores, não para causar susto ou para inibir as pessoas que têm familiares com autismo de frequentar os festejos juninos”, afirma Flawber Cruz. Nas palavras do profissional de saúde, o objetivo é, sabendo dessa problemática e dos possíveis gatilhos para desregulação sensorial e emocional, falar em prevenção.

O primeiro passo é sempre orientar bem a criança. “Conversar, explicar o que vai ocorrer naquele passeio que a família vai fazer a um ambiente de festivo, um ambiente de família, ou na própria comemoração na escola. [Dizer] o que se espera da criança, o que se espera encontrar lá, em termos de barulho, movimentações e entusiasmos das pessoas”, recomenda o médico.

Flawber aponta que, no caso de quem lida com o autismo, há uma necessidade de previsibilidade nas rotinas. “Quando algo é feito sem que a criança tome conhecimento antes, há uma tendência

maior de que a situação cause medo, sensação de ansiedade, e consequentemente irritabilidade ou agressividade. Mas explicando, a criança passa a entender um pouco melhor”, pondera.

Outra medida que pode ajudar é a redução do tempo de exposição a esses momentos. Em vez de passar muitas horas, é possível combinar de ficar um período mais curto, explicando à criança quando inicia e quando termina.

Para as crianças com hipersensibilidade auditiva, uma precaução importante é ter sempre ao alcance um protetor auricular, que pode ser levado na bolsa ou na mochila. “O protetor auricular reduz o impacto do barulho sobre os ouvidos e, consequentemente, promove a sensação de conforto, evitando uma desregulação mais severa”, informa Flawber.

Recuperação

Caso ocorra uma crise de desregulação emocional e/ou sensorial — em que a criança chora, grita e irrita-se de for-



Médico defende importância de responsabilidade coletiva

ma intensa, podendo até tornar-se agressiva —, em um ambiente onde há aglomera-

ção de pessoas, é fundamental que haja espaço para que os pais cheguem até o filho e o

acolham, retirando-o imediatamente daquele local onde a crise foi gerada. Segundo o médico, é importante buscar um lugar mais calmo: pode ser uma sala sensorial, que algumas localidades já disponibilizam, ou mesmo um ambiente distante daquele onde a criança estava.

O médico reforça, ainda, que algumas dessas crises, se não corretamente tratadas ou abordadas, podem gerar episódios convulsivos. “Caso os pais não consigam conter a criança ou ela evolua para uma crise convulsiva ou um quadro mais grave, é preciso acionar o sistema de saúde do evento. Seja na escola, ou nos ambientes de festividade, deve-se procurar o atendimento médico de urgência. Mas isso, na maioria das vezes, não é necessário, uma vez que os próprios pais já têm um conhecimento de como abordar a criança e desfazer aquele gatilho sensorial”, afirma Flawber.

Compromisso coletivo

O médico ressalta que,

Se não for tratada corretamente, uma crise de desregulação emocional pode gerar episódios convulsivos

PROTEÇÃO DE DADOS

Biometria é desafio para empresas

Recurso tem sido cada vez mais utilizado como ferramenta de autenticação, mas exige nível elevado de segurança

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Não muito tempo atrás, burlar travas biométricas que utilizam dados como leitura de impressões digitais e escaneamento ocular só parecia possível em filmes de espionagem — o ápice da segurança que, se não representava, necessariamente, um desafio para o herói, demonstrava um nível de tecnologia que impressionava os espectadores. Hoje, o vazamento e o roubo de dados, sejam eles sensíveis ou pessoais, integram histórias reais e recorrentes, despertando um receio comum: ser vítima de um golpe em decorrência da falha na proteção de informações que, muitas vezes, precisam ser cedidas para conseguir acesso a serviços.

Enquanto dados pessoais se referem a informações como nome completo, endereço, número de celular, identidade e e-mail, que ajudam a identificar uma pessoa, mas não possuem natureza íntima, os chamados “dados sensíveis” revelam aspectos particulares e exigem tratamento mais rigoroso, conforme a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Nessa categoria, estão informações como origem racial ou étnica, convicções religiosas, dados de saúde, orientação sexual e biometria — informações que, em caso de vazamento, além de fraudes, também



Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil

A leitura de impressão digital é o tipo de biometria mais comum, porém vem cedendo espaço para outros sistemas de segurança, como o reconhecimento facial

põem em risco a privacidade do titular.

Na era digital, é comum que ambas as categorias de dados sejam cedidas. Para acessar o site e aplicativo do Governo do Brasil, por exemplo, é preciso utilizar algumas dessas informações por segurança, para autenticação de identidade. Hospitais,

laboratórios e operadoras de plano de saúde têm seu trabalho diretamente ligado a dados sensíveis do paciente, e o setor de recursos humanos de empresas, que controlam sistemas de ponto biométrico, anexam atestados médicos e coletam informações dos colaboradores, também estão tratando dados do

tipo. Muitas vezes, esses elementos são solicitados por determinados sites, a fim de personalizar a experiência do usuário.

Para quem utiliza esses serviços, a concessão de informações vem se tornando parte natural do processo. Embora exista receio, muitas vezes, não parece haver

escolha, como comenta a enfermeira Vitória Lopes, de 26 anos. “Aplicativos de celular, sites... Parece que tudo hoje em dia pede permissão para acessar os dados que armazeno em meus dispositivos. E eu gostaria de não precisar ceder, mas, se negar a permissão, não posso usar o aplicativo. Então, na verdade,

eu não cedo esses dados de boa vontade, mas, sim, porque parece ser preciso”, lamenta. A enfermeira expõe que nunca conheceu alguém que realmente tenha parado para ler as permissões, políticas de privacidade ou termos de uso, dada a extensão e, comumente, as letras pequenas dos textos.

Regras limitam o uso de informações por entidades públicas e privadas

No Brasil a LGPD regulamenta o tratamento de dados, estabelecendo regras para instituições públicas e privadas, com o objetivo de proteger a privacidade, a liberdade e os direitos fundamentais das pessoas físicas. De acordo com a advogada Fernanda Carvalho, especialista na área cível e digital, para tratar dados sensíveis, empresas e organizações precisam de uma justificativa mais rígida do que a exigida para dados comuns.

“A principal delas é o consentimento explícito do titular — que deve ser dado de forma clara e para uma finalidade específica, não enterado num contrato cheio de letras miúdas. Sem essa autorização, o uso só é permitido em situações pontuais: cumprimento de obrigação legal, atendimento médico, pesquisa científica ou proteção à vida. O ‘interesse legítimo da empresa’, que é uma justificativa aceita para dados comuns, simplesmente não vale aqui,” esclarece a profissional.

A lei também impõe limites para o armazenamento dessas informações mais íntimas. Segundo Fernanda, os dados devem ser guardados apenas pelo tempo necessário e descartados com segurança quando não existir mais nenhum motivo legal para mantê-los. “Empresas que descumprem as regras podem ser multadas em até 2% do faturamento anual, com teto de



Foto: Roberto Quevedo

Tratamento de dados nas instituições é protegido pela LGPD

R\$ 50 milhões por infração”, salienta. Outras sanções cabíveis envolvem advertência, bloqueio ou eliminação das informações e até suspensão do banco de dados, além do dano reputacional que, a depender, pode ser mais custoso que o pagamento da multa.

Os riscos associados às operações com esses dados existem para os dois lados e são significativos tanto para as pessoas quanto para as empresas. Para o titular, a advogada explica que o vazamento de informações sensíveis pode resultar em discriminação no local de trabalho, negativa de crédito ou de planos de saúde, exposição indevida de crenças ou orientação sexual. “Danos, muitas vezes, irreparáveis à vida pessoal e profissional”, reforça. Já para as empresas, os riscos são financeiros e jurídicos.

Risco de ataques

Fernanda esclarece que uma organização que não adota medidas de segurança adequadas fica exposta a ataques como o ransomware — um tipo de software malicio-

so, que sequestra arquivos ou sistemas digitais para hackers, que ameaçam expô-los publicamente. “Não basta ter uma política de privacidade no site — é preciso que a proteção esteja incorporada nos processos internos. Quem trata dados sensíveis sem a devida cautela não está apenas descumprindo a lei: está assumindo um risco que pode custar caro”, alerta.

Conforme a advogada, infelizmente, não faltam exemplos de uso indevido de dados sensíveis, e muitos deles têm a ver com falta de transparência, uso escondido e preconceito digital. “Um dos mais comuns é o compartilhamento de dados de saúde de colaboradores com gestores ou com o setor de RH, sem necessidade real — informações como diagnósticos, tratamentos ou afastamentos, que deveriam ficar restritas ao médico do trabalho, mas acabam circulando internamente e influenciando decisões de promoção ou demissão. Isso é uso indevido e é mais frequente do que as pessoas imaginam”, relata.

Advogada recomenda cautela na coleta e no fornecimento de dados

Pela natureza da atividade, alguns setores estão mais expostos à necessidade de lidar com dados sensíveis. Um dos casos mais evidentes é o da saúde, que trata diagnósticos, históricos clínicos, dados genéticos e informações sobre a saúde mental dos pacientes todos os dias. Além deste, a advogada Fernanda Carvalho aponta que outros setores igualmente expostos são o financeiro, que pode cruzar dados para inferir origem étnica ou perfil religioso, e o educacional, que coleta dados de crianças e adolescentes — o que adiciona mais uma camada de proteção exigida pela lei. Para esses setores, ela explica que a conformidade começa com perguntas básicas, mas que nem sempre são feitas.

“Quais dados sensíveis coletamos? Por quê? Quem tem acesso? Por quanto tempo ficam armazenados? Só a partir desse mapeamento é possível implementar medidas efetivas, como controle de acesso restrito, criptografia, treinamento das equipes e um plano claro de resposta a incidentes”, diz a advogada. “A grande armadilha que vejo, na prática, é a empresa tratar dados sensíveis por hábito ou conveniência, sem avaliar se aquela coleta é realmente neces-

sária. A LGPD parte de um princípio fundamental: se o dado não é indispensável para a finalidade, ele simplesmente não deveria ser coletado”, completa.

Em alguns casos, vazamentos ocorrem por descuido e pela ausência de uma cultura de proteção de dados, como planilhas sem criptografia, envio de informações por e-mail sem nenhuma defesa e sistemas desatualizados, vulneráveis a ataques. Situações como essas, embora não envolvam má-fé, não isentam empresas e instituições da responsabilidade de proteger os dados que armazenam.

Orientações

Fernanda recomenda que, para se proteger, as pessoas devem criar o hábito de ler tudo o que estão autorizando antes de assinar documentos ou aceitar termos de uso, especialmente quando envolvem dados de saúde ou biometria. A lei confere ao titular o direito de saber quais dados uma empresa tem sobre ele, para qual finalidade eles são utilizados e por quanto tempo pretende guardá-los, além do direito de revogar o consentimento.

“Meu conselho prático é: sempre que uma empresa pedir um dado que pareça excessivo para aque-

ce a situação — como dados de saúde num cadastro de loja, por exemplo — questione. Pergunte para que serve, onde será armazenado e se há necessidade real daquela informação. Esse é um direito garantido por lei, e exercê-lo é a melhor forma de se proteger”, garante a advogada.



Foto: Arquivo pessoal

A grande armadilha que vejo é a empresa tratar dados sensíveis por hábito ou conveniência, sem avaliar se aquela coleta é realmente necessária

IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Gírias marcam vida social dos jovens

Novas gerações vivenciam a ascensão veloz de expressões próprias; pais e professores podem dialogar com o cenário

Emerson da Cunha
emerson.auriao@gmail.com

De onde vêm as gírias? Como elas passam a fazer parte das nossas vidas? E, em especial, o que elas podem significar para as novas gerações? Imersas nas redes sociais e na ambiência digital, as gerações Z (pessoas que nasceram de 1995 a 2010) e Alfa (nascidos a partir de 2011) — consideradas “nativas digitais” — falam de um modo que muita gente mais velha não consegue entender. Gírias como “fiquei *gag de la gag*”, “Fulana ‘serviu’ demais” e “a festa ‘flopou’” misturam palavras que fazem parte da língua portuguesa, com novos significados, e termos ingleses aportuguesados, no sentido de gerar um senso de pertencimento entre os grupos de jovens e adolescentes.

É essa sensação que agrega Pedro Cunha, de 12 anos, e seus amigos da escola, que fazem parte da geração Alfa. Entre as expressões partilhadas, estão “farmar’ aura”, “six seven”, “não peidas”, “perder a linha” e “tu não faz merda”. “É só brincadeira, não significa nada, não”, coloca o adolescente. “Elas aparecem nos vídeos que eu vejo e entre meus amigos. Com eles, eu posso ter mais liberdade, falar mais coisas e, com as outras pessoas, não, porque pode ser que elas não gostem. Com meus amigos, já sei se eles vão gostar ou não”.

As “outras pessoas” são amigos mais distantes, professores e desconhecidos. Segundo Pedro, as gírias o fazem sentir-se parte do grupo. Ainda sobre a utilização dos vocábulos, ele acrescenta que seu uso pode se estender, mas alerta para o risco de soar indevido, quando se torna “chatro” e “perdem a graça”.

As gírias também apresentam o tipo de identidade que agrega três jovens bem distintos da geração Z: Manoel Ernesto, de 19 anos, Byanca Hellen, de 25, e Gabrielle Paz, de 30. Apesar da diferença de quase 10 anos, entre o mais jovem e a mais velha, eles se encontram por meio da adoção de termos em comum, que partem principalmente dos *meus da internet*.

“O meu uso de gírias começa com as redes sociais, principalmente Twitter e Instagram. Porque, querendo ou não, lá tem uma cultura própria”, observa Byanca. “A gente não vai ver essa mesma cultura no dia a dia, por exemplo, nas ruas ou no trabalho — se for [um ambiente] mais sério”. Aqui, vale a questão da espontaneidade: gíria não acontece de modo forçado. “Surge em conversas com amigos, assim, de forma mais natural. Não é que a gente pense: ‘Ah, vou usar tal gíria’, coloca Manoel.

Entre as gírias, algumas têm marcado — pelo menos, por ora — a geração. Como apontam os jovens, são elas “*gag*”, “*juro*”, “*vem aí*”, “*plot*” e “*fomo*”, entre outras. Por outro lado, outras já perderam relevância, a exemplo de “*estou bege*”, “*estou ‘rosa choque’*”, “*lacrou*”, “*sambou na cara*” e “*beijinho no ombro*”.

Byanca reflete: “Não dá para explicar a gíria. Então, se você não souber o contexto inicial, você não consegue encaixá-la no contexto ideal de outra conversa. E o pessoal que, por exemplo, não acompanha o Instagram, começa a utilizar [as expressões] desenfreadamente, e você fica: ‘Meu Deus, perdi minha gíria. Agora, vou ter que usar outra’”.

Marcas linguísticas

Para Isaac Barbosa, pro-

fessor de Língua Portuguesa e Redação da rede pública do estado, os grupos sociais buscam marcas linguísticas específicas para se identificar. “Considerando que o humano é um ser social, que busca pertencer a grupos e tende a se desenvolver mais quando se insere em um deles, é possível afirmar que as gírias podem contribuir para o crescimento, a partir do momento em que você se conecta com um grupo, interage e troca experiências”, analisa o especialista.

A relação entre gírias e a juventude não é algo arbitrário, como salienta o professor André Souza, mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). “Entre os jovens, as gírias sempre ficam muito presentes, porque a gente está falando de um contexto muito associado à informalidade — elas têm um aspecto despojado, descolado. Os jovens acabam tanto mais suscetíveis ao uso quanto à criação desse fenômeno. E, como a gíria também está bastante associada a grupos sociais, esses são dois elementos que contribuem fortemente para ela estar entre os jovens”, explica André.

Por outro lado, para a professora do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da UFPB, Leonor Santos, a identificação entre a juventude, por meio de gírias, opera da mesma forma como acontece com os demais grupos falantes. “As expressões são criadas de várias formas, todas já conhecidas antes: vêm de outras línguas, de piadas internas ao grupo, de modificações a partir do que já existia. Talvez, a diferença esteja na rapidez e no alcance da circulação dessas palavras. No fim dos anos 1990, começamos a ter mais aces-



Os amigos Byanca, Manoel e Gabrielle conectam-se por meio da adoção de termos em comum

so à *internet*, e isso acelerou o processo”.

Escola e família

“Os jovens de hoje em dia têm uma dificuldade muito grande de ler, escrever, querer pensar”, pontua a neuropsicopedagoga Patrícia Vasconcelos. “Além do acesso fácil à *internet*, a gente atribui esse fenômeno à inteligência artificial — que, muitas vezes, traz coisas prontas, diferentemente do que acontecia em outras épocas,

nas quais nós tínhamos que ler um livro para chegar a uma conclusão”, coloca.

A especialista alerta para o impacto que esse e outros fatores da nova cultura digital podem exercer sobre o amadurecimento dos jovens, como a dificuldade de atenção e de concentração e a baixa tolerância para textos e linguagens mais formais. Nesse sentido, a atuação dos pais e das escolas são de fundamental importância. Para Isaac Barbosa, cabe à escola

fazer que os adolescentes “tenham contato com as diversas situações e capacidades linguísticas, o que inclui gírias e dialetos”.

No caso da família, Patrícia aposta na prática constante do diálogo “que esclareça, mas que também possa permitir aos jovens um enriquecimento em seu vocabulário, por meio da participação em atividades artísticas e culturais, por exemplo, para eles entenderem que há formas diferentes de se expressar”.

Glossário

- “*Gag*” ou “*gag de la gag*”: boquiaberto, surpresa;
- “*Juro*”: para reiterar uma concordância;
- “*Serviu*”: atendeu aos requisitos, entregou o que prometeu;
- “*Vem aí*”: alguma situação ou evento a acontecer;
- “*Farmar aura*”: acumular pontos de estilo, carisma;
- “*Plot*”: de *plot twist*, mudança de narrativa ou de situação;
- “*Fomo*”: sigla para “*fear of missing out*”, a sensação de estar perdendo ou deixando de participar de algum evento ou situação importante;
- “*Jantar*”: sobressair-se em relação a alguém em uma discussão;
- “*Flopou*”: algo que não deu certo, evento que não teve sucesso.



ENTRADA FRANCA

20 DE JUNHO ÀS 20H
NO TEATRO DE ARENA - ESPAÇO CULTURAL

BANDAS:
Os Fulanos & Forró de Fininho

APRESENTAÇÃO

DADO BELO

O ESQUENTA JÁ COMEÇOU
NA RÁDIO TABAJARA!
SINTONIZE 105.5 FM TODOS OS DIAS ÀS 9H30
E ÀS 16H30 E JÁ VEM FORROFIAR COM A GENTE.

MÚSICA

Aquela canção do Roberto

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“Não adianta nem tentar / me esquecer / Durante muito tempo em sua vida / eu vou viver”. Os versos de “Detalhes”, parceria com Erasmo Carlos, embalam paixões há mais de 50 anos, mas também servem para atestar a permanência de Roberto Carlos como um dos mais importantes nomes da nossa música, mesmo diante das críticas em torno dos seus posicionamentos políticos e idiossincrasias. Meses depois de fazer um *show* gratuito em João Pessoa, o capixaba retorna para uma nova apresentação de graça, hoje, no Parque do Povo, em Campina Grande, durante O Maior São João do Mundo. Ele deve subir ao palco às 22h30. Na expectativa para o evento, artistas paraibanos contam quais as suas faixas prediletas do repertório do rei.

Cada um dos 11 convidados escolheu cinco canções: 33 músicas foram citadas, lançadas entre 1967 e 1994. Apenas seis apareceram mais de duas vezes: “Detalhes”, “Cavalgada” e “Outra vez” (quatro); e “Como é grande o meu amor por você”, “As canções que você fez pra mim” e “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos” (três). A década de 1970 lidera: 17 canções.

Toninho Borbo, campinense, aponta a famosa “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos”, composta em 1971 para Caetano Veloso, exilado: “Uma questão histórica importante no Brasil. Falar, de forma poética, sobre a vida de um artista nesta situação foi bacana”.

A presença de Roberto e de outros artistas no São João de Campina Grande (dois deles, Alok e Marisa Monte) soou estranha para uma parte considerável do público, mediante a desconexão entre esses repertórios e a tradicional festa, originalmente marcada pelo forró. A inserção de gêneros distintos e o possível apagamento do regionalismo têm sido vistos de forma negativa. As críticas encontram eco em alguns dos paraibanos contactados por **A União**.

“Acho ele o máximo, mas não para esta data. Ele vai cantar ‘Olha pro céu, meu amor’? Não sei se o público dele acima dos 50 vai estar presente. Acho que estão botando ele numa ‘fogueira junina!’”, brincou a também campinense

se Cecéu. Apesar disso, ela não se furtou de mencionar as prediletas, como “As curvas da estrada de Santos” e “Fera ferida”.

Milton Dornellas, fluminense radicado na Paraíba desde a juventude, recorre justamente às memórias da adolescência, para citar faixas como “Sua estupidez”: “O álbum de 1971 me marcou bastante. Eu tinha 12 anos e já ouvia discos e ia para as festinhas e os bailes”. Outro destaque para ele é “O divã”, em que Roberto fala sobre o acidente com um trem, que lhe tirou uma perna, sobre o qual não fala publicamente.

Nathalia Bellar recorda que “Como é grande o meu amor por você”, composição solo do artista, para o filme *Roberto Carlos em ritmo de aventura* (1968), foi uma das primeiras faixas que aprendeu a tocar ao violão. “Outras músicas foram muito marcantes na época que eu me apaixonei perdidamente por Maria Bethânia, no álbum que ela canta Roberto, *As canções que você fez para mim* (1993). A versão dela para ‘Outra vez’ eu acho esplendorosa, linda”, assevera.

Diógenes Ferraz, vocalista da banda Mafio-

Roberto Carlos canta seus sucessos nesta noite: canções dos anos 1970 são as preferidas dos convidados de *A União*

Cantores e músicos da Paraíba contam quais as faixas preferidos do Rei, que faz show hoje n’O Maior São João do Mundo

janela’. A tranquilidade da casa foi quebrada com um estampido de uma arma de fogo. Minha mãe correu e viu a esposa do vizinho em pânico. Ele havia cometido suicídio”, lembra.

Val Donato mantém com o Caronas do Opala um show-tributo com a obra de Roberto. Para a campinense, “Cavalgada” é uma das faixas mais emblemáticas do “Rei”, graças ao subtexto sensual: “Quem ouve consegue visualizar cada momento de uma maneira muito intensa. A crescente que culmina no refrão é muito poderosa e envolvente. Uma música que não passa batida em hipótese alguma”.

Helinho Medeiros declara sua predileção a “Sentado à beira do caminho”, que, apesar de fazer parte da discografia de Erasmo Carlos, conta com a participação especial de Roberto, nos vocais. “É uma letra interessante, porque fala de uma tentativa de resgate de algum tipo de amor-próprio. A gente vive situações em que acaba sofrendo e fica se submetendo a coisas que não são legais. Uma espécie de grito: ‘Preciso acabar logo com isso...’, analisa.

Renata Arruda uniu-se a Erick Von Sohsten e apresentou-se, na última sexta-feira (12), com um *show* especial, repleto de canções compostas e interpretadas por Roberto. A data não poderia ser mais propícia: o Dia dos Namorados. “Eu era aquela que ficava ansiosa esperando o álbum dele ser lançado no final do ano. Mas também não acho que ele tenha a ver com o São João de Campina Grande. Acho que a colocar ele neste contexto não foi bacana”.

Liss Albuquerque completa a lista de fãs paraibanos do “Rei” chamando a atenção para o fato de “Emoções”, sucesso pouco citado, falar da profissão do artista e da sensação de estar no palco. “Cada uma dessas músicas me ensinou algo sobre a arte de cantar, de me comunicar com o público. Na minha caminhada, procurei absorver um pouco dessa elegância artística que fez de Roberto Carlos um dos maiores intérpretes da música brasileira”, crava.

ONDE:

■ PARQUE DO POVO (R. Sebastião Donato, s/n, Centro, Campina Grande).

AS ESCOLHAS DE CADA UM (entre parênteses, o ano do disco em que a canção foi lançada; todas as canções são de Roberto e Erasmo, salvo quando apontado)

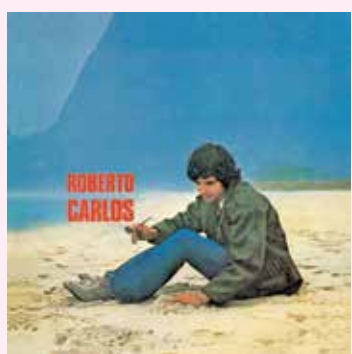


Imagem: Divulgação

■ **Toninho Borbo**, músico e gestor público
“As curvas da estrada de Santos” (1969)
“Sua estupidez” (1969)
“Debaixo dos caracóis dos seus cabelos” (1971)
“O portão” (1974)
“Falando sério” (de Carlos Colla e Maurício Duboc, 1977)

■ **Cecéu**, cantora e compositora
“As curvas da estrada de Santos” (1969)
“Pelo avesso” (de Isolda e Milton Carlos, 1976)
“Um jeito estúpido de te amar” (de Isolda e Milton Carlos, 1976)

“Outra vez” (de Isolda, 1977)
“Fera ferida” (1982)
■ **Milton Dornellas**, músico e gestor público
“O tempo vai apagar” (de Paulo C. Barros e Getúlio Cortes, 1968)
“Sua estupidez” (1969)
“Detalhes” (1971)
“Debaixo dos caracóis dos seus cabelos” (1971)
“O divã” (1972)

■ **Nathalia Bellar**, cantora e compositora
“Como é grande o meu amor por você” (de Roberto, 1967)
“As canções que você fez pra mim” (1968)
“Não vou ficar” (de Tim Maia, 1969)
“Debaixo dos caracóis dos seus cabelos” (1971)
“Outra vez” (de Isolda, 1977)

■ **Diógenes Ferraz**, cantor e compositor
“Traumas” (1971)
“Como dois e dois” (de

Caetano Veloso, 1971)
“À janela” (1972)
“Alô” (1994)
“Quero lhe falar do meu amor” (1994)



Foto: Divulgação

■ **Diana Miranda**, cantora e compositora
“Como é grande o meu amor por você” (de Roberto, 1967)
“Jesus Cristo” (1970)
“Detalhes” (1971)
“É preciso saber viver” (1974)
“Emoções” (1981)

■ **Escurinho**, cantor e compositor

“Eu sou terrível” (1967)
“À janela” (1972)
“Além do horizonte” (1975)
“Cavalgada” (1977)
“Outra vez” (de Isolda, 1977)

■ **Val Donato**, cantora e compositora
“As canções que você fez pra mim” (1968)
“Detalhes” (1971)
“Todos estão surdos” (1971)
“Cavalgada” (1977)
“Amor perfeito” (de Michael Sullivan, Paulo Massadas, Lincoln Olivetti e Robson Jorge, 1986)

■ **Helinho Medeiros**, músico e professor
“As canções que você fez pra mim” (1968)
“Sentado à beira do caminho” (*single*, 1969; dueto com Erasmo Carlos, 1980)
“O portão” (1974)
“Além do horizonte” (1975)
“Cavalgada” (1977)

■ **Renata Arruda**, cantora e

compositora
“Eu te amo, te amo, te amo” (1968)
“Proposta” (1973)
“Como dois e dois” (1971, de Caetano Veloso)
“O côncavo e o convexo” (1983)
“Você não sabe” (1983)

■ **Liss Albuquerque**, cantor e compositor
“Como é grande o meu amor por você” (de Roberto, 1967)
“Detalhes” (1971)
“Outra vez” (de Isolda, 1977)
“Cavalgada” (1977)
“Emoções” (1981)



Foto: Divulgação

Artigo

Estevam Dedalus

Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

De que estamos rindo?

Por que rimos? A pergunta parece simples, mas mobiliza filósofos, antropólogos e sociólogos há séculos. Foi ela que guiou uma das discussões mais interessantes que tive recentemente com meus alunos de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, a partir da leitura do texto “Do que riem os índios?”, do antropólogo francês Pierre Clastres.

À primeira vista, o riso parece algo natural, espontâneo e até trivial. Rimos de uma piada, de um tropeço, de um *meme* que apareceu inesperadamente na tela do celular. Mas basta observar um pouco mais atentamente para perceber que o riso está longe de ser apenas diversão. Ele revela valores, hierarquias, medos e formas de poder presentes em cada sociedade.

No texto de Clastres, os protagonistas são personagens que, na vida cotidiana dos povos indígenas, ocupam posições de grande prestígio. O xamã, responsável pela comunicação com os espíritos e pela cura dos doentes, é uma figura respeitada e temida. O jaguar, senhor da floresta e exímio caçador, também inspira admiração e cautela. No entanto, nos mitos analisados pelo antropólogo, ambos aparecem de forma completamente diferente. O xamã torna-se um velho atrapalhado e ridículo. O jaguar transforma-se em um ar-

rogante incapaz de aprender com os próprios erros. O resultado é inevitável: o público ri.

Para Clastres, esse riso possui uma função importante. Os indígenas não podem simplesmente zombar do xamã real ou do jaguar encontrado na mata. Ambos são perigosos demais para isso. O mito resolve esse problema transformando-os em personagens grotescos. O humor funciona, assim, como uma forma simbólica de reduzir aquilo que inspira medo. Rir é uma maneira de desmistificar o poder.

Essa interpretação lembra uma antiga tradição filosófica segundo a qual o humor possui uma dimensão crítica. O riso seria capaz de desafiar autoridades, inverter hierarquias e questionar aquilo que parece intocável. Não por acaso, governantes, sacerdotes e figuras públicas costumam ser alvos privilegiados da sátira. Uma charge política ou um *meme* bem construído conseguem fazer em poucos segundos aquilo que páginas e mais páginas de argumentação muitas vezes não conseguem: expor o ridículo do poder.

Mas a questão se torna mais complicada quando olhamos para o mundo contemporâneo. Se é verdade que às vezes rimos dos poderosos, também é verdade que frequen-

temente rimos dos mais vulneráveis. Piadas podem atacar governos, mas também podem reforçar preconceitos contra mulheres, negros, indígenas, pessoas pobres ou minorias em geral. O humor pode ser uma ferramenta de crítica, mas também pode servir à exclusão.

Essa ambiguidade acompanha a história do pensamento ocidental. Alguns filósofos enxergaram o riso como um sinal de liberdade. Outros o interpretaram como uma manifestação de superioridade sobre o outro. Há ainda quem o considere um mecanismo de controle social. Talvez todos tenham razão em alguma medida. O riso pode libertar, mas também pode humilhar. Pode questionar o poder, mas também reproduzi-lo.

Por isso, a pergunta mais importante talvez não seja simplesmente por que rimos. A questão decisiva é outra: de quem estamos rindo? A resposta revela muito mais do que nosso senso de humor. Ela revela as relações sociais, os valores e as disputas de poder presentes em nossa época. Em um mundo cada vez mais mediado por *memes*, vídeos virais e piadas compartilhadas em massa, compreender o riso é também compreender a sociedade. Afinal, aquilo que nos faz gargalhar raramente é tão inocente quanto parece.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Ecos do útero materno

A música erudita transcende a simples organização dos sons para atuar como meio de elaboração, alívio ou sublimação do mal-estar psicológico. O padre, compositor e violonista italiano Antonio Lucio Vivaldi (1678–1741), especialmente o movimento “Primavera” de seu *Concerto para violino e orquestra* — conhecido como parte de *As quatro estações* —, é utilizado em clínicas com a finalidade de harmonizar estímulos sonoros com ritmos biológicos e de auxiliar no manejo da ansiedade e de alguns transtornos neurológicos. Segundo determinadas abordagens terapêuticas, essa experiência sonora pode evocar memórias afetivas associadas ao ritmo cardíaco e ao ambiente intrauterino, favorecendo estados de relaxamento e regulação emocional.

Desde os períodos mais antigos das civilizações ocidentais e orientais, sabe-se que o som rítmico e harmônico exerce uma influência positiva sobre a saúde e o comportamento humanos, bem como sobre os demais animais. Para os filósofos da Antiguidade, a música era uma força dinâmica promotora de bem-estar. Vivaldi, por meio de sua escrita musical precisa, expressa a beleza da união entre o ser humano, a natureza e o divino. O movimento “Primavera”, por exemplo, integrante de *As quatro estações*, é executado em um andamento que varia entre 60 e 80 batidas por minuto, uma frequência próxima ao ritmo cardíaco de um indivíduo em estado de repouso e tranquilidade. Essa ressonância rítmica é associada, por alguns estudos da neurociência e da psicologia, à chamada “memória afetiva do ambiente intrauterino”, no qual o feto se desenvolve acompanhando os batimentos cardíacos da mãe. Ao ouvir a música de Vivaldi, o paciente pode ser conduzido a um estado de relaxamento e segurança semelhante a essa experiência primordial e vital, favorecendo aquilo que os cientistas denominam “homeostase”, isto é, o equilíbrio do organismo diante do medo, do estresse e das adversidades.



Foto: Reprodução

Vivaldi: “Primavera” contra a ansiedade

A música erudita de caráter alegre ou energético promove um aumento significativo da criatividade divergente, isto é, da capacidade de a mente elaborar múltiplas soluções para um mesmo problema. Esse fenômeno é, por vezes, denominado “Efeito Vivaldi” e demonstra que estímulos prazerosos e emocionalmente excitantes podem ampliar as capacidades cognitivas e o estado de atenção. A audição do movimento “Primavera” favorece tempos de resposta mais rápidos (393,8 ms) quando comparados ao silêncio ou a composições de tonalidade mais melancólica, como o movimento “Outono”. Poeticamente, pode-se afirmar que a música de Vivaldi proporciona uma paz sonora capaz de dissipar a apatia cognitiva, estimulando áreas cerebrais relacionadas ao processamento das emoções e à atenção seletiva. Dessa forma, sua obra contribui para a construção de uma sensibilidade estética diante da existência, favorecendo experiências de bem-estar e felicidade.

A música de Vivaldi tem demonstrado utilidade em contextos clínicos.

Em unidades de terapia intensiva cardiopediátrica, bem como no atendimento a jovens e adultos, sessões de trinta minutos com obras de Vivaldi aplicadas a crianças no pós-operatório de cirurgia cardíaca resultaram em reduções significativas da frequência cardíaca, da frequência respiratória e dos índices de dor avaliados por escalas faciais. A música atua como um recurso analgésico complementar, estimulando a liberação de endorfinas — os opioides naturais do organismo — e reduzindo a produção de catecolaminas, substâncias químicas que atuam no corpo tanto como hormônios quanto como neurotransmissores. Em clínicas odontológicas, onde o estresse e a ansiedade relacionados ao tratamento frequentemente dificultam a realização de procedimentos mais invasivos, a intervenção musical com obras de Vivaldi tem se mostrado uma alternativa de baixo custo ao uso de benzodiazepínicos, medicamentos que atuam reduzindo a atividade do sistema nervoso central. No tratamento de pacientes com esquizofrenia, a música de Vivaldi tem sido empregada em terapias de imaginação musical passiva, capazes de conduzir os indivíduos a associações positivas — como a experiência imaginária de caminhar por um jardim —, favorecendo a expressão emocional e a reconexão com a realidade. Nesse processo, os neurônios-espelho localizados no córtex pré-motor reproduzem padrões emocionais evocados pela música, transformando o estímulo sonoro em sensações de relaxamento e bem-estar profundos.

Sinta-se convidado para a audição do 572º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 14, das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre a vida, a obra e a contribuição do compositor e violonista italiano Antônio Lucio Vivaldi (1678–1741) para a musicoterapia.

Kubitschek
Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Arte de Sandoval Fagundes

Com mais de 50 anos de pintura, a obra de Sandoval Fagundes ultrapassa a forma de conhecer a complexidade de um artista nas linhas e divisões de signos da arte contemporânea. Sandoval desconstrói a ideia do tempo estático.

A representação de sua obra está no significativo e no significado — são símbolos, gestos, palavras e imagens que estão fora do circuito das novidades, que muitos artistas acreditam que preenchem no encontro do acaso. A arte de Sandoval avança no tempo ao criar narrativas assimétricas como se fossem um cartão-postal.

As telas selam o comunicar sem as linhas e divisões, que só ele sabe fazer com o comando atento. Cenas solares das cores alteradas e todas as coisas que nos levam a uma antiga delicadeza. Há uma fábula poética na obra de Sandoval Fagundes.

O artista nos coloca de frente aos faróis de ontem e de agora nessa luz com reflexos cabidos além do espaço — o que podemos ver em seus quadros formatados, as telas, o concerto, o desenho oculto que formam mil possibilidades. São elementos devorados por um tempo em que não teve jejum e não de estar nivelados e ampliados.

Criação original, essas imagens produzidas por Sandoval nos remetem ao som do *Movimento dos barcos*, de Jards Macalé, 1972. A produção de Fagundes é a própria representação musical da arte contemporânea, adotada numa postura em que todos os signos surgem definidos para desafiar o que durante anos se chamou de “travessia do óbvio”. A curiosidade está nele.

São mantras e não clichês, que não pertencem ao universo do artista, que seguem listas de sons imaginários, memorizados, a obra revista de 2026 e o modo a sobreviver às melhores fases e tudo aquilo que a arte representa como raiz.

Quando falo em raízes, afirmo, que a produção está nesses sinais, fincadas, frutos colhidos. A respiração, o pulso, a capacidade de multiplicar o significado de sua pintura. É impressionante o dom compulsivo e a produção de Sandoval Fagundes.

Com a visão de algo mais intenso e o esforço e o contato com o corpo da imaginação e as palavras, sua arte servirá para escolas de novas gerações. É o novo Sandoval.

À primeira vista, recria o signo, com as cores em abundância, o sol, o que ele faz a sua arte, aquilo que sua obra mudou do real que impregna milhares de passagens do tempo. É o artista brasileiro inteiro.

Uma obra que não é estática, eu já disse isso, mas é pedra, é um convite para andarmos com ele, que fala a metalinguagem dos pincéis. Não é fácil escrever sobre a obra de Sandoval Fagundes, por ela representar outro espelho, não o de Narciso, mas por estar preparada para o cenário do esplendor.

Ele faz a sua (p)arte e a sua arte amplia o ritual do reconhecimento dela.

Um eco dentro da tela, que vem lembrar o cinema. É isso que existe na obra de Sandoval Fagundes e é ele quem governa seu espaço, enquanto as cores assumem as entranhas desse espetáculo.

Sandoval Fagundes é o olho da pintura, onde não se descansa o remo debaixo de um céu que aparece na (p)arte essencial do olhar.

Nobre imagem da natureza, a longa história desse artista — quadros e esquadros, outros, e não há nenhuma repetição.

Kapetadas

1 – Srs. ETs, invadir o planeta é fácil. Quero ver é achar lugar para estacionar.

2 – O problema de quem só quer por perto quem concorda com tudo é que nunca vai detectar quem faz isso por interesse.

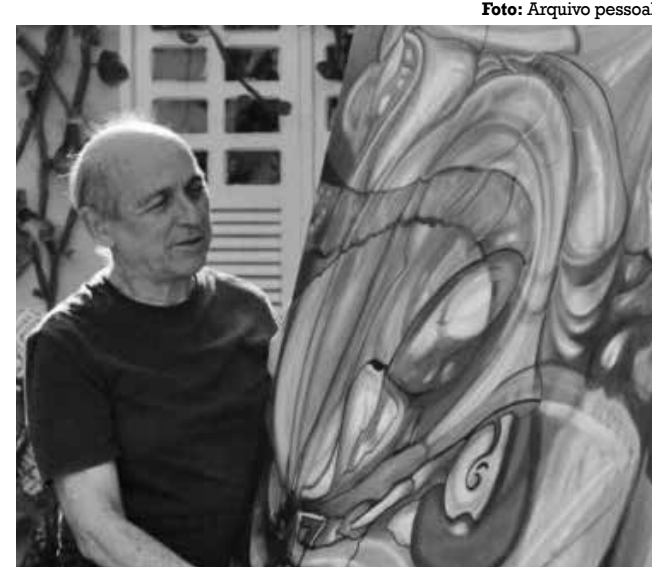


Foto: Arquivo pessoal

Fagundes: “Coisas que nos levam a uma antiga delicadeza”

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Amigo historiador, nosso pesar pela sua Amável

O escritor e amigo José Octávio de Arruda Mello, e não terá sido de hoje o seu esmero com o que escreve e documenta sobre a nossa história, sempre me teve em conta. Não só em razão do estudo crítico da história, que tão bem exerce, mas como referência historiográfica quando o assunto é cinema.

A verdade é que nos comunicamos com frequência, mediante informes sobre o que escrevemos para a imprensa e publicações outras. Mas nosso último contato pessoal foi no lançamento de *Menino de cinema*, na Livraria do Luiz do MAG Shopping, quando Zé Octávio fez a apresentação do meu livro para um bom público, inclusive com a presença de alguns parceiros da nossa Academia Paraibana de Cinema (APC).

Outra oportunidade foi quando do lançamento do mais novo livro de Zé Octávio, *A historiografia de Varnhagen aos Rodrigues: autores paraibanos* (2026), sobre o qual recebi, além de um exemplar do próprio livro, um artigo escrito pelo seu filho Victor Raul da Rocha Mello. Em um dos capítulos, o livro registra o duro período da Ditadura no campus da Universidade Federal da Paraíba, que então se opunha ao *establishment* durante a gestão de Lynaldo Cavalcanti à frente da reitoria.

É justamente nas páginas 39 a 41 do seu livro que Zé Octávio me situa nesse período, como um integrante do movimento cultural da UFPB e em



Foto: Arquivo pessoal

O historiador José Octávio de Arruda Mello na homenagem à sua esposa, Maria Amável

cultura paraibana, afirmando: “Alex Santos em cinema e Arion Farias em fotografia, ministrando cursos para professores”. Época em que estávamos também iniciando a nossa participação no Grupo José Honório Rodrigues.

Semanas atrás, senti o choque do que foi a perda do amigo Zé Octávio de sua esposa e companheira Maria Amável. Personagem também importante em sua vida cultural e na de amigos mais próximos, como sempre foi no nosso caso, meu e de minha esposa Eliane, o que nos fez lastimar e muito. Já que fomos sempre partícipes de al-

gumas de suas celebrações em família. Fiquei, então, a dever uma explicação ao amigo Zé Octávio, por não estar presente no velório da amiga Amável, em razão de estarmos fora de João Pessoa.

Maria Amável sempre foi uma pessoa nossa e muito querida. Mais ainda de Lili, minha esposa, já que elas se davam muito bem. Amável sempre esteve presente nos eventos culturais ao lado do seu companheiro. O seu recente falecimento deixa um vazio entre nós, amigos e familiares. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alex santos.com.br.



APC estende prazo para sua revista

Em encontro realizado nesta semana, ficou acertado que a diretoria da Academia Paraibana de Cinema (APC) estenderá, até o fim deste mês, o prazo de inscrições e recebimento dos artigos para a revista *Cinenordeste*. Publicação que esteve suspensa, mas que agora está sendo retomada.

Os trabalhos devem vir assinados, com a devida autoria, podendo ser entregues na sala da Academia Paraibana de Cinema (APC), localizada à Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, 122, na Unidade Tambaú da Fundação Casa de José Américo (FCJA).

LIVRO

Nostalgia é armadilha em *Refúgio do tempo*

Eduardo Augusto
 Especial para A União

Em obra premonitória, escritor búlgaro Gueorgui Gospodinov imagina uma “clínica do passado” que sai do controle e invade o presente

E se fosse possível escapar das angústias do presente entrando em uma versão cuidadosamente reconstruída de outra época? Essa é a premissa provocadora de *Refúgio do tempo*, do escritor búlgaro Gueorgui Gospodinov, vencedor do International Booker Prize 2023 e já publicado em mais de 35 idiomas (tradução de Milena M. Mincheva). Com ironia, melancolia e um humor mordaz, o romance conduz o leitor por uma reflexão radical sobre a memória, o esquecimento e a dificuldade contemporânea de imaginar o amanhã.

A trama gira em torno de Gaustin — uma espécie de *alter ego* desdobrado do autor —, um enigmático viajante do tempo que funda uma “clínica do passado”. Inicialmente concebida como um tratamento inovador para pacientes com Alzheimer, a clínica reconstitui minuciosamente ambientes de outras décadas, permitindo que os doentes se localizem novamente em suas próprias memórias. O que parecia uma terapia promissora, no entanto, logo se expande: pessoas saudáveis, sobrecarrega-

das pelas crises do presente e movidas por uma nostalgia crescente, também passam a buscar refúgio nesses cenários do ontem. Estrangeiros em uma Europa desnordeada pela transição desenfreada para a economia de mercado e pelas miragens do capitalismo selvagem juntam-se à fila. O problema, como o leitor logo percebe, é que o passado, quando resgatado em escala, tende a não ficar confinado — e o desenlace da obra revela-

se notavelmente premonitório sobre os tempos que nos assolam.

Gospodinov mergulha em múltiplos passados: o socialismo caricato do Leste Europeu, a era das utopias desfeitas, o desmanche abrupto de um mundo e a instalação apressada de outro. Mais do que um romance de nostalgia, *Refúgio do tempo* é um alerta. O autor nos lembra que nem sempre lembrar é o tratamento indicado; muitas vezes, o es-

quecimento revela-se terapêuticamente necessário. O que começa como consolo termina como armadilha — e a linha tênue entre memória e ilusão é explorada com a fineza que levou a Nobel Olga Tokarczuk a afirmar tratar-se de “uma forma de literatura de peculiar fineza, sobre nossa percepção da passagem do tempo, escrita de forma magistral e com estilo totalmente imprevisível”.

Nascido em Yambol, Bulgária, em 1968, Gueorgui Gospodinov é poeta, romancista, ensaísta e dramaturgo. Formado em Filologia Búlgara pela Universidade de Sófia e doutor em Literatura Contemporânea, ele já havia feito sensação com o romance anterior, *Física da saudade*, que o lançou à carreira internacional. Em toda a sua obra, transparece uma abordagem complexa da memória no Leste Europeu e das ansiedades que atravessam o continente — e o mundo. Sua prosa, estruturada e ao mesmo tempo imprevisível, dialoga com nomes como Thomas Mann e Jorge Luis Borges.

Refúgio do tempo chega ao Brasil com o apoio financeiro do Fundo Nacional de Cultura da Bulgária, consolidando Gospodinov como uma das vozes mais indispensáveis da literatura internacional contemporânea. Uma leitura para quem não teme encarar o passado — nem os riscos de querer morar dentro dele.



Foto: David Perry/Divulgação

Livro do búlgaro Gueorgui Gospodinov mistura ironia, melancolia e humor

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Outro Flávio Tavares!

Flávio Tavares não é só o pintor de um realismo transfigurativo que mescla, em estranha ambientação, homens e coisas, mulheres e bichos, sombras e luzes, num estilo com assinatura própria e peculiar. Diria mesmo que Flávio Tavares é um demiurgo obcecado pela energia das cores e pela figuração caleidoscópica dos retratos, paisagens e murais.

Nas suas telas, história e mito se fundem na sagração de uma linguagem única e numa representação do mundo e da vida em seus aspectos dialéticos e ambivalentes, onde os contrastes entre o sagrado e o profano, o real e o simbólico, o belo e o feio, o grotesco e o sublime reinam numa surpreendente harmonia.

Há um outro Flávio, contudo, perto do pintor, antes ou depois do pintor, com o pintor, no pintor, que muito me agrada. É o Flávio capista e ilustrador de livros. Digo capista, não porque pense e desenhe a capa em si, como um arte-finalista, mas, sobretudo, porque, em muitas capas, o desenho é seu ou é um de seus quadros que funciona como ilustração.

Recentemente ele enriqueceu o livro de Maria Ângela Sitônio Wanderley, *Esse canto é todo seu: Zacarias Sitônio, seu lugar, sua gente*, com o desenho da capa e com as ilustrações internas. Estas, inscritas em rigorosa disciplina do traço, sempre em cotejo criativo com o conteúdo impresso.

Esse gesto, que une generosidade e sentido estético, tem sido marca registrada do pintor e desenhista. Talvez o caso mais emblemático dessa experiência se realize na parceria com o poeta Sérgio de Castro Pinto. Lembro-me, pela ordem, envolvendo o encontro do poema com a imagem, pelo menos, quatro títulos fundamentais: *A ilha na ostra*, *A quatro mãos*, *Zoo imaginário* e *Brando fogo das palavras*.

Mar do olhar, coletânea poética do saudoso Juca Pontes, traz também seus desenhos e ilustrações, assim como ocorre com *Catálogo da vertigem humana*, do também saudoso Wellington Pereira, e do livro de Rejane Vieira, *A praça do meio do mundo*.

Poderia citar muitos autores e autoras que tiveram o privilégio dessa parceria com o artista paraibano. A lista, decerto, não caberia no econômico espaço dessa Letra Lúdica. Entre tantos, citaria: Chico Pereira, Abelardo Jurema Filho, Ed Porto, Lúcio Lins, Carlos Anísio, Carlos Newton Júnior e, em especial, a edição do romance *Pureza*, de José Lins do Rego, para a Sociedade dos Bibliófilos do Brasil.

Eu mesmo lhe devo eterna gratidão. O belo *A leitura da vida*, compõe a capa do meu livro, *Os idiomas da esfinge: ensaios heterodoxos e outras leituras*, assim como as ilustrações de *Vamos viajar, Larinha*, episódica investida na poesia infantil.

Por isso, chamo a atenção de todos, para a presença desse outro Flávio Tavares!



Foto: Divulgação

Brando fogo das palavras tem ilustração de Flávio Tavares

Colunista colaborador

METAS E PRIORIDADES

Futuro da capital é pauta da semana

Relatório da Lei de Diretrizes Orçamentárias será avaliado por comissão e votado em plenário nos próximos dias

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

O mês de junho na Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) é marcado por discussões acerca da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) do exercício seguinte. Neste ano, já foram realizadas audiências públicas, com a presença de autoridades políticas da cidade, e a entrega de emendas parlamentares. Na próxima terça-feira (16), está prevista a apresentação do relatório e votação do parecer da Comissão de Finanças, Orçamento, Obras e Administração Pública (CFO) e, na quinta-feira (18), a matéria segue para votação em plenário.

O projeto da LDO 2027 (PLO nº 1.038/2026) orienta a elaboração da Lei Orçamentária Anual (LOA), além de revisar o Plano Plurianual (PPA). Os três documentos são a base orçamentária que sustenta o planejamento, as ações e as contas de qualquer governo.

Em audiência pública no dia 2 de junho, o secretário municipal de Planejamento, Ayrton Falcão, destacou que todas as ações estão sob o pilar da austeridade fiscal e que o equilíbrio nas contas é indispensável para que João Pessoa mantenha sua capacidade de investimentos em infraestrutura,

saúde, educação e proteção social.

“São esses pilares que fazem com que a gestão busque, incessantemente, levar o nosso município para patamares que estabelecem boas condições de vida aos seus habitantes e a quem o visita”, frisou o secretário.

Educação

No setor educacional, o

■ Entre os objetivos para 2027, estão a ampliação da rede de ensino e a entrega de novas unidades de saúde

plano prevê o oferecimento de 10 mil novas vagas, impulsionadas pela construção de 13 novos Centros Municipais de Educação Infantil (Cmeis) e 12 escolas em diversos bairros da capital.

Além do aumento quantitativo, a pasta também investirá na ampliação da climatização nas unidades de ensino e na continuidade da entrega de ferramentas tecnológicas, como *chromebooks* para alunos e professores e o uso das chamadas “Salas Google”.

A secretária Municipal de Educação e Cultura, América Castro, pontuou que a pasta planeja uma estrutura padrão para toda a rede pública de ensino. “Mais do que números e metas, a educação representa sonhos, oportunidades e a construção de uma pessoa mais justa e desenvolvida”, afirmou a secretária.

Saúde

Com relação à saúde, o objetivo principal, na atenção primária, é elevar a cobertura de saúde da família dos atuais 87% para 95%, impulsionada pela entrega de novas unidades básicas e pela consolidação das chamadas “Salas do Coração”, que garantem eletrocardiograma em 100% dos postos de saúde.

A proposta também prevê a construção da nova Maternidade de João Pessoa no bairro dos Bancários — cuja licitação já foi homologada e o contrato, assinado; a criação de um centro de referência em saúde LGBTIA+; a construção de um segundo centro de nefrologia; e a implantação de

um ambulatório de cuidados paliativos.

O secretário Municipal de Saúde, Luís Ferreira Filho, ressaltou que o planejamento está alinhado com o Plano Municipal de Saúde para 2026–2029, “garantindo continuidade e coerência nas políticas públicas de saúde do município, investimentos para expansão do acesso, modernização da gestão e eficiência no uso dos recursos públicos de uma rede que seja integrada, humanizada e preparada para as demandas futuras”.

Direito à cidade

Para entender a efetividade das metas orçamentárias previstas, é preciso, inicialmente, compreender a relação dessas diretrizes com o conceito de direito à cidade como referência para balizar objetivos.

O direito à cidade é um conceito fundamentado pelo filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, que o define como o direito do coletivo de participar do planejamento, gestão e transformação da infraestrutura e serviços básicos, indo além do simples direito de ir e vir.

A geógrafa Andrea Porto, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que “o espaço urbano é o lugar onde a gente consegue organizar a vida política, econômica e social de uma maneira mais fácil para todos”.

Além disso, o direito à cidade também é previsto na Constituição Federal de 1988 e foi sendo regulado por diferentes instrumentos normativos, como o Estatuto da Cidade.

Para o urbanista e analista de Dados e Políticas Públicas, Filipe Luna, a questão orçamentária tem evoluído para que o entendimento das cidades como um todo seja mais abrangente e consiga abarcar as necessidades dos cidadãos.

“A partir desse entendimento, você avalia as principais demandas, principalmente pensando nesse desenvolvimento que vai

atender à maior parte das demandas da população”, pontua.

Contradições

Mesmo com a atual fama de João Pessoa de “queridinha do Nordeste”, devido ao crescimento das atividades ligadas ao turismo, a cidade ainda passa por contradições que comprometem um desenvolvimento mais democrático.

O fundador do Instituto Voz Popular, Daniel Pereira, aponta que as melhorias na cidade raramente chegam com a mesma velocidade aos territórios periféricos. Para ele, é fundamental mostrar que a periferia não é apenas lugar de carência, mas, sim, de potencialidades.

“É fundamental que, da mesma forma que essas ações de melhoria chegam aos bairros de classe alta, elas cheguem também às comunidades”, reivindicou.

Segundo a geógrafa e pesquisadora Andrea Porto, a realidade atual da capital aponta para uma negação desse direito à cidade, penalizando, principalmente, a classe trabalhadora de baixa renda. Para ela, os bairros mais populosos carecem de equipamentos de lazer adequados, enquanto áreas naturais, como praias e rios, sofrem com a falta de preservação. A situação é ainda mais crítica em comunidades situadas em áreas de risco, como São José, Padre Hildon Bandeira e Penha, que ocupam encostas e margens de rios.

“A gente pode ir para um debate sobre a relação de como a cidade tem sido produzida e foi planejada no último Pla-

no Diretor, [...] mas esse tipo de planejamento priva grande parte da população do seu direito de trabalhar com dignidade, de ter acesso à educação, à saúde, mas também priva desse lado mais lúdico da nossa vida, do direito à festa, ao encontro, a ter um equipamento coletivo”, acrescentou.

Para Filipe Luna, esse dispositivo precisa trabalhar com metas concretas e avaliações contínuas, em vez de apenas apresentar diretrizes gerais revisadas ao fim de sua vigência. Ele citou, como exemplo, a área de mobilidade.

“Se você vai estabelecer ciclovia, isso tem que ser feito com um planejamento: vão ser implementados quantos quilômetros? E até que ano? [É preciso] fazer uma avaliação contínua do que é implementado, do que deixa de ser implementado e o por quê. Então, essa virada de chave ainda precisa acontecer”, aponta o urbanista.

Assim, o desafio para os próximos anos em João Pessoa, conforme indicam os especialistas, será equilibrar tais contradições com a urgência de garantir o direito à cidade para todos os seus habitantes.



Secretário afirma que proposta do Executivo foi formulada sob os pilares da austeridade fiscal, para garantir continuidade de investimentos em infraestrutura

Foto: Divulgação/PMJP



Foto: Arquivo pessoal

Daniel Pereira cobra mais atenção às periferias da cidade



Foto: Arquivo pessoal

Filipe Luna aponta necessidade de planejamento detalhado



Por meio do QR Code, acesse o texto da LDO 2027 na íntegra

Saiba Mais

Segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2022, a capital paraibana recebeu 110.417 novos moradores, um aumento de 15,3% em relação a 2010. O Plano Diretor define como o espaço urbano deve ser organizado, ditando regras sobre onde construir, como melhorar o transporte, onde preservar o meio ambiente e como garantir moradia e qualidade de vida para a população. Segundo a Lei Federal nº 10.257/2001 (Estatuto da Cidade), o plano deve ser revisado a cada 10 anos, obrigatoriamente. Em João Pessoa, a última revisão foi realizada em dezembro de 2023.

ORÇAMENTO PÚBLICO

Uso de emendas da saúde por bombeiros é contestado

Conass admite relevância de serviços prestados, mas questiona legalidade de PLP

Agência Senado

Integrantes do sistema de segurança pública, os Corpos de Bombeiros Militares também têm atuação relevante na saúde. Em 2025, essas instituições fizeram um milhão de atendimentos pré-hospitalares — especialmente relacionados a traumas —, o que corresponde a 40% do total de 2,5 milhões de ocorrências registradas.

Os dados foram apresentados na última semana, em audiência pública na Comissão de Assuntos Sociais (CAS), para debater o Projeto de Lei Complementar (PLP) nº 18/2021, que permite que esse tipo de atendimento feito pelos bombeiros receba recursos de emendas parlamentares destinadas a ações e serviços públicos de saúde.

O tema dividiu as opiniões no debate. Para alguns convidados, a proposta contribui para aprimorar os serviços prestados pelos bombeiros e favorece a população. Outros debatedores, porém, avaliaram que ela reduz os recursos, já limitados, destinados à área da saúde.

O projeto permite a destinação de emendas parlamentares relativas às ações e aos serviços públicos de saúde para custeio e investimento dos atendimentos pré-hospitalares feitos pelos Corpos de Bombeiros estaduais e do Distrito Federal. A destinação dos recursos deverá ser aprovada pelo Ministério da Saúde, além de estar de acordo com as diretrizes da Lei Complementar nº 141/2012, e respeitar requisitos definidos pelo Poder Executivo.

De acordo com o texto, os recursos não poderão servir para a remuneração de pessoal ativo e inativo dos Corpos de Bombeiros militares, nem para custeio ou investimento em ações que não sejam relativas a atendimentos pré-hospitalares.

O projeto, do deputado Guilherme Derrite (PP-SP), tramita na CAS e tem relatório favorável do senador Wilder Moraes (PL-GO). Para o relator, o texto favorece a articulação entre diferentes setores da administração pública, especialmente em contextos que demandam resposta coordenada, como acidentes, violências e desastres.

Orçamento limitado

Para o senador Humberto Costa (PT-PE), que propôs o debate, o projeto apresenta fi-



Especialistas discutiram o assunto na Comissão de Assuntos Sociais do Senado Federal

nalidade legítima e reconhece a importância do serviço prestado pelos Corpos de Bombeiros. Ele ponderou, no entanto, que é preciso compreender seus efeitos sobre um orçamento que continua limitado. “A questão central é saber se a ampliação do conjunto de estruturas aptas a receber recursos oriundos das emendas da saúde poderá gerar maior competição por verbas já insuficientes para atender plenamente às necessidades da atenção básica, da rede hospitalar, do Samu [Serviço de Atendimento Móvel de Urgência] e de outros serviços estratégicos do SUS [Sistema Único de Saúde]”, afirmou Humberto.

O senador Nelsinho Trad (PSD-MS) cobrou o fortalecimento dos serviços já prestados pelos bombeiros antes mesmo da existência do Samu. Ele defendeu o projeto e a votação imediata do texto na CAS. “Estamos buscando oportunidade de aperfeiçoamento, de estruturação para que esse serviço possa funcionar cada vez mais a contento e salvar vidas. Esse serviço vem para somar esforço com o Samu e atender melhor a sociedade brasileira”, disse.

Emendas estaduais

Presidente do Conselho Nacional de Comandantes-Gerais dos Corpos de Bombeiros Militares (Ligabom), Fabiano de Souza destacou que já existem estados que autorizam a destinação e execução de emendas estaduais por meio dos fundos estaduais de saúde, a exemplo de Goiás, Minas Gerais, Tocantins e Bahia. Atualmente, os investimentos destinados ao atendimento pré-hospitalar por meio de emendas parlamentares representam cerca de 10% do total de recursos captados nessa modalidade.

Souza pontuou, ainda, que a história do Corpo de Bombeiros, em todo o Brasil, foi feita por meio de parcerias e não se resume a uma atuação isolada. “O fato é que os Corpos de Bombeiros, no atendimento pré-hospitalar, fazem parte do SUS. Eles atuam em prol do sistema. Em muitos aspectos, eles estão em áreas onde a saú-

de ainda não chegou, onde o Samu não atua. O contrário também é verdadeiro. O Samu está presente em algumas regiões onde o bombeiro não está presente. Estamos falando aqui de um trabalho parceiro; não é uma questão de disputa de mercado, mas um trabalho em prol da saúde pública do brasileiro”, defendeu.

Falta de recursos

Diretora-executiva substituta do Fundo Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, Caroline Endo Ougo Tavares ressaltou a falta de recursos no SUS, especialmente para ações de prevenção, assistência direta na atenção primária, atenção especializada, urgência e emergência.

Ela também citou eventuais impedimentos técnicos no envio de recursos de emendas da saúde aos bombeiros, em razão da “duplicidade de financiamento”, pois as corporações militares pertencem formalmente ao sistema de segurança pública. “A gente não vê o serviço de atendimento pré-hospitalar prestado pelo Corpo de Bombeiros como concorrente ao Samu. Muito pelo contrário, ele é complementar. A distinção muito clara que a gente faz no Ministério da Saúde é acerca da regulação que existe no Samu, de todo o sistema estruturado que existe em torno da atenção especializada”, explicou.

Diretor do Departamento de Atenção Hospitalar, Domício e de Urgência da Secretaria de Atenção Especializada à Saúde do Ministério da Saúde, Fernando Augusto Marinho lembrou que o Samu está presente em 75% dos 5.570 municípios brasileiros. “A necessidade de atuação complementar ninguém refuta. O financiamento pode ser discutido; como vai se dar a regulação e o monitoramento de qualquer componente que venha a ser instituído no SUS, como vamos monitorar e regular esses recursos”, ponderou.

“Pressa na discussão”

O secretário-executivo do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass), Ju-

randi Frutuoso, reconheceu a excelência do trabalho prestado pelos bombeiros, mas disse que não cabe pressa na discussão. “A questão central do processo não diz respeito à relevância das atividades desempenhadas pelos bombeiros. O ponto central do debate é saber se a despesa executada por uma instituição integrante da estrutura constitucional da segurança pública pode ser enquadrada como ação em serviço público de saúde. Na normativa atual, isso não pode. A proposta contraria critérios estruturantes da Lei Complementar nº 141, que é a nossa Bíblia do financiamento do SUS”, alegou.

Isenção fiscal

Para o secretário-executivo do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems), Mauro Guimarães Junqueira, a emenda direcionada ao serviço prestado pelos bombeiros diminui recursos para atenção básica, vigilância e ações de média e alta complexidade em saúde. “Por que não propor recursos estáveis da isenção fiscal, por exemplo, para não tirar o pouco que tem da saúde, que é pouco para fazer tudo o que está na Constituição? São R\$ 500 bilhões [direcionados] para o SUS pelas três esferas de governo [municípios, estados e União], e só o Governo Federal dá R\$ 800 bilhões ao ano de isenção fiscal. O Parlamento não pode fazer uma proposta de diminuir um ‘cadinho’ da isenção fiscal para ter um recurso substancial para os Corpos de Bombeiros e o sistema de saúde?”, questionou.

Ações integradas

Assessor de Relações Institucionais e Parlamentares do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais, o tenente-coronel Douglas Martins Soares defendeu o trabalho integrado executado pelas instituições de saúde e os bombeiros. “O Samu está atendendo na parte clínica, e a gente está na parte de trauma, mas são atividades que são complementares e que não excluem atendimento pré-hospitalar”, sustentou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (47)

Que época terrível é esta, onde idiotas conduzem cegos” (W. Shakespeare).

“Toda criança é um poeta pagão, mas que o mundo se ocupa de apequenar” (Eduardo Galeano).

“Amaud Costa foi um dos primeiros comentaristas esportivos que comecei a escutar na vida. Na Rádio Cultura de Guarabira, ao lado de Martins Junior e Germano Ferreira” (Helena Alexandre, poeta repentista de Sapé).

O cordelista Zeca Pereira pergunta: “Quem cria cordel com IA pode se intitular cordelista?”

“No exame de próstata, não satisfeito, o médico ainda veio com dois dedos de prosa” (André Ricardo Aguiar).

“De todos os esportes que não existem, golfe é um dos que menos existe. Mesmo assim, precisa ser eliminado da humanidade” (Marcelo Gasparian).

Um conhecido de Ameba levou mordida de cachorro e ganhou 20 dias de atestado. Agora, Ameba vive atazanando o cachorro da vizinha pra tirar uma folga prolongada.

É praticamente impossível vencer todas, mas perder todas é perfeitamente plausível. Meu time Mangueira Futebol e Cachaça perdeu todas as partidas do campeonato.

Vencer não é o que importa, filosofei. No placar final, a morte sempre nos vence, mas antes temos que vender caro a derrota. Puxamos, empurramos, socamos, chutamos as canelas e fizemos de tudo para vencer.

Nem todos os campeões chegam em primeiro lugar.

Imagina essa geração que só pensa em empreender, em vencer. Deve ser uma vida tão pequena, mesquinha, diminuta, vazia.

Só a derrota fortalece e dignifica.

“O diabo endoia, o santo esteia e o bonito não é a vitória, mas a luta” (Paulo Leminski).

“Desculpa a demora em responder, é que eu estava presa na ansia de ter e no tédio de ainda não ter conseguido” (No Bluesky).

“No fundo, não existe crime organizado. O que existe é Estado desorganizado” (Fernando Braudel).

O amigo Artur Anderson, de Itabaiana, reclamando de fotos alteradas por IA que publico aqui. Ele diz que são “fotos destruídas por IA”.

Eu mereço o carão do leitor.

Dou razão a quem constringe pessoas por uso tosco de inteligência artificial.

“As pessoas deveriam voltar a ter vergonha de ser burras” (De um cara no Bluesky).

Em refrega jurídica, o advogado defensor da outra parte que me acusava disse à juíza que meu blog Toca do Leão “é potencialmente perigoso para o Estado de Direito”.

Achei tão ridículo o exagero do doutor que nem fiquei ofendido. O advogado precisa garantir o seu, a parte contrária precisa de argumentos e a humanidade necessita urgentemente de humor sadio.

“

Não é uma questão de disputa de mercado, mas um trabalho em prol da saúde pública do brasileiro

Fabiano de Souza

Colunista colaborador

MENOPAUSA

Médicos ainda estão despreparados

Sintomas que acompanham fim da fase reprodutiva das mulheres continuam sendo minimizados e mal compreendidos

Breno Marino
Jornal da USP

A menopausa é uma fase marcante do envelhecimento feminino. Ela sinaliza o fim da fase reprodutiva feminina, definida pela ausência de menstruação por 12 meses consecutivos, e é determinada de forma retroativa, representando o término permanente da menstruação.

Esse período do envelhecimento é natural e complexo às mulheres, causando diversos efeitos na saúde e na rotina. Entretanto, constantemente, a menopausa é demonizada pela sociedade, em meio ao etarismo (preconceito e discriminação baseados na idade), escondendo sua real dimensão e necessidade de discussão.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, até 2030, cerca de 1,2 bilhão de mulheres no mundo estarão na pós-menopausa. Milhões de mulheres no Brasil estão lidando com mudanças hormonais, riscos cardiovasculares aumentados, osteoporose e desafios emocionais. Ao mesmo tempo, a expectativa de vida da população tem aumentado cada vez mais, o que indica o envelhecimento populacional.

Egídio Dorea, médico e coordenador do programa

USP 60+ da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP), comenta que essas estatísticas indicam que a menopausa exige atenção médica. “Não é um evento isolado. Quando falamos de menopausa, a primeira coisa que vem à mente são as famosas ondas de calor. Mas a menopausa é muito mais do que isso”.

Impactos da menopausa

A queda de estrogênio acelera a perda de densidade óssea, aumentando o risco de osteoporose e fraturas. De acordo com o Ministério da Saúde, uma em cada três mulheres acima de 50 anos terá uma fratura por fragilidade óssea no país. Além dessas alterações, a menopausa provoca consequências ao sistema cardiovascular, urogenital e alterações metabólicas.

Outro impacto de destaque é a saúde cognitiva. “Muitas mulheres na menopausa relatam dificuldade de concentração, lapsos de memória e até uma sensação de que o cérebro ‘não funciona como antes’”. A queda de estrogênio afeta áreas do cérebro ligadas à memória e ao processamento cognitivo”, afirma o médico. Ele complementa que é necessário diferenciar sintomas transitórios, comuns na pe-

rimenopausa (fase que antecede a menopausa), de condições como demência, que requerem avaliação.

Além dessas alterações, a menopausa é responsável por mudar significativamente as emoções das mulheres, causando irritabilidade, ansiedade ou até depressão. Esses sintomas são confundidos com “crise de meia-idade”, mas têm uma base hormonal.

Falta de preparo

Em meio ao envelhecimento populacional acelerado, muitos profissionais de saúde estão despreparados para lidar com questões como a menopausa, segundo Dorea. “Apesar de afetar metade da população em algum momento, a menopausa ainda é pouco abordada na formação médica. Muitas mulheres chegam ao consultório com queixas claras, mas ouvem frases como ‘é só a idade’ ou ‘isso passa’”. Isso é inaceitável”.

A falta de treinamento durante a formação, o tabu cultural a respeito desse momento e a falta de abordagem multidisciplinar, com a união de ginecologistas, cardiologistas, psicólogos e outros profissionais da área da saúde, são algumas das causas deste problema. A questão, entretanto, não se restringe ao Brasil.



Até 2030, 1,2 bilhão de mulheres no mundo estarão na pós-menopausa

Terapias para a menopausa

Diversas medidas têm sido adotadas ao redor do mundo para lidar melhor com o envelhecimento feminino e, consequentemente, a menopausa. No Reino Unido, por exemplo, campanhas públicas e diretrizes do NHS estão incentivando a educação sobre menopausa, de acordo com o médico. “Ainda há atraso, mas iniciativas no Brasil, como eventos da Sociedade Brasileira de Climatério, estão começando a mudar o cenário”, diz.

Existem diversas opções terapêuticas para as mulheres lidarem com a menopausa, que variam de acordo com as especificidades e momento de vida de cada uma. A terapia hormonal

é o tratamento mais eficaz para sintomas vasomotores e atrofia urogenital. Entretanto, deve ser individualizada, considerando riscos, como trombose e câncer de mama, e benefícios.

Além dessas vias, existem métodos terapêuticos não hormonais que podem auxiliar nesse momento. Antidepressivos (ISRS) para sintomas vasomotores e emocionais, gabapentina para suores noturnos e lubrificantes e hidratantes vaginais para saúde urogenital são alguns exemplos de métodos terapêuticos não hormonais. “Medidas relacionadas ao estilo de vida das mulheres, como prática de exercícios físicos, dieta rica em cálcio, vitamina D e ômega-3 e técnicas de re-



Apesar de afetar metade da população, a menopausa ainda é pouco abordada na formação médica

Egídio Dorea

laxamento, como *yoga*, meditação, para ansiedade e sono, podem ser grandes aliados”, completa Dorea.

NOVA MATURIDADE

Pressão social por uma velhice mais ativa pode trazer prejuízos

Andrey Furmankiewicz
Jornal da USP

A *New Older Living Trend* (Nolt) — em tradução livre, “nova forma de viver a maturidade” —, nascida nas redes sociais, é uma redefinição do estilo de vida das pessoas idosas, um movimento comportamental que rejeita rótulos e estereótipos clássicos para o público 60+. Além disso, a corrente foca no protagonismo e autonomia, na valorização da saúde física, mental e de novas experiências e no maior engajamento em tecnologias e mídias digitais. É uma mudança de paradigma, o envelhecimento não é mais visto como declínio, mas como acúmulo de bagagens prévias, é uma resposta ao acelerado envelhecimento populacional no Brasil.

Yeda Duarte, gerontóloga e professora da Escola de Enfermagem e da Faculdade de Saúde Pública, ambas da Universidade de São Paulo (USP), entretanto, explica como o novo termo pode acentuar preconceitos e criar separações entre os idosos. “Da mesma forma que não existem categorizações para outras idades, não deve existir para idosos. Quem participa da Nolt, por ter um estilo de vida mais ativo, de participar de atividades sociais e interagir com tecnologias, acredita ser diferente dos demais e cria essa divisão. Isso é uma

forma de preconceito que precisa ser combatida, porque, mesmo que a pessoa não tenha chegado nessa fase com tão boa saúde, ela também chegou lá”.

Segundo a professora, devemos incentivar todos a qualquer momento e a qualquer idade a transformar seus estilos de vida e isso não é uma dificuldade exclusiva da velhice. “Para fazer as pessoas mudarem, elas precisam se conscientizar do que faz bem e mal para o corpo. Diferentes estudos afirmam que a incorporação de atividades físicas ao longo do dia a dia, como caminhadas e subir escadas, já colaboram para a não sedentarização do indivíduo. Além dos exercícios, é essencial incluir uma alimentação saudável, com menos ultraprocessados, e evitar hábitos maléficis, como o tabagismo, para evitar doenças crônicas que são comuns até na Nolt”, pontua a especialista.

Yeda também ressalta que as doenças mais prevalentes na população idosa no estado de São Paulo, além da hipertensão, são musculares, articulares e osteoarticulares. Isso acontece principalmente pela falta de atividades físicas no cotidiano, que resulta numa musculatura pouco desenvolvida. “Se eu não faço exercícios, perco massa muscular e, com isso, não tenho musculatura suficiente para



Para fazer as pessoas mudarem, elas precisam se conscientizar do que faz bem e mal para o corpo

Yeda Duarte

aguentar meu próprio corpo. Somando isso a um problema articular, por exemplo, vai resultar em dores, que se amplificam com o tempo, tornando-se um círculo vicioso”.

De acordo com a especialista, é essencial a realização constante de atividades físicas, para melhorar as articulações e fortalecer a musculatura do indivíduo, evitando a sarcopenia (perda de músculos). “Dessa forma, preservar-se a independência e, se eu sou mais independente para

minhas atividades, eu preservo a minha própria autonomia, já que, quando se depende de alguém para algo, seu poder de decisão é comprometido. O corpo obviamente vai apresentar limitações, mas ele fará o que ele quer, do jeito que ele quer, e isso é importantíssimo”, completa.

Obstáculos psicológicos

Deusivania Falcão, professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP e especialista em Psicogerontologia, avalia que a narrativa da *New Older Living Trend* pode ser inspiradora, mas deve ser analisada com cuidado, visto que nem todos envelhecem com as mesmas condições para sustentar esse ideal. “O principal equívoco é pensar que a ausência de atividade física se resume à ‘falta de vontade’. Do ponto de vista psicológico, a questão é muito mais complexa. Existem barreiras construídas ao longo de toda a vida. Muitas pessoas idosas, por exemplo, nunca tiveram uma relação positiva com o exercício físico”.

A professora explica que também existem fatores emocionais importantes: medo de cair, medo de se machucar, insegurança com o próprio corpo, vergonha, especialmente em ambientes com pessoas mais jovens, e experiências anteriores negativas. “Outro aspecto cen-

tral é a autoeficácia, ou seja, a crença de que ‘eu sou capaz’. Quando essa crença está fragilizada, o que pode ocorrer diante de perdas físicas, cognitivas ou sociais, a tendência é que a pessoa nem sequer tente. E há ainda um elemento frequentemente negligenciado: o sofrimento psíquico. Luto, solidão, doenças crônicas, cansaço emocional, tudo isso impacta diretamente a motivação para iniciar ou manter hábitos saudáveis. A pessoa pode olhar e pensar: ‘Isso não é para mim’. Por isso, mais do que incentivar, é preciso cuidar”.

Socialização

Apesar da questão do preconceito e divisões, que podem surgir, Yeda aponta que a *New Older Living Trend* possui propostas interessantes, que ajudam nos relacionamentos da população 60+. Uma delas é a socialização, fundamental para a melhoria na qualidade de vida e troca de experiências entre diferentes pessoas e até gerações. “Existem políticas públicas que oferecem espaços para a integração, academias ao ar livre, centros de convivência e outros programas, agora elas precisam ser implementadas e incentivadas para todas as idades. Essa troca entre idosos e com outras gerações é de suma importância para a transmissão de conhecimentos e aprendizados em que

ambos podem ensinar uns aos outros”.

Segundo Deusivania Falcão, os benefícios vão muito além do aspecto físico. “Quando falamos de socialização e de um estilo de vida ativo, estamos falando de uma proteção global, cognitiva, emocional, funcional e até biológica. No plano psicológico, há redução de sintomas de depressão e ansiedade, aumento do senso de pertencimento e fortalecimento do sentido de vida. Ter com quem conversar, compartilhar histórias, sentir-se escutado, tudo isso valida a própria existência. E isso favorece a saúde mental. Do ponto de vista cognitivo, as interações sociais estimulam memória, linguagem, atenção e flexibilidade mental. Há evidências de que essas experiências podem contribuir para a prevenção ou o atraso do declínio cognitivo”, finaliza.

■ **Especialistas lembram que muitos não alcançam o ideal de velhice por fatores físicos, emocionais e sociais**

NA PARAÍBA

Editais somam 40 vagas imediatas

UEPB, SEE e Câmara Municipal de Princesa Isabel reúnem oportunidades para todos os níveis de escolaridade

Priseila Perez
priseilaperezcomunicacao@gmail.com

No mês em que o paraibano “vive e respira” forró, quem mira uma vaga no serviço público também precisa dançar no compasso dos editais. O período mais festivo do ano reúne oportunidades em diferentes áreas e para profissionais de todos os níveis de escolaridade, em seleções que passam pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pela Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE) e pela Câmara Municipal de Princesa Isabel. Ao todo, os editais somam 40 vagas imediatas, com salários que chegam a R\$ 3,7 mil.

Vagas técnicas

Entre os destaques da semana, o edital da UEPB chama a atenção pela oferta de oito vagas em funções técnico-administrativas de níveis fundamental e médio/técnico. As oportunidades são para os cargos de auxiliar de laboratório de fotografia, técnico em agropecuária, técnico em prótese dentária, técnico em laboratório de Física e técnico em radiologia. Já a jornada de trabalho varia de 24 a 40 horas semanais, conforme a função, enquanto a remuneração parte de R\$ 2,1 mil para profissionais de nível fundamental até R\$ 3,7 mil para nível médio. Há, também, a possibilidade de serem acrescidas gratificações e outras vantagens legais.



UEPB está com inscrições abertas para oito vagas em funções técnico-administrativas de níveis fundamental e médio/técnico

As inscrições seguem abertas até 12 de julho e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo site da Comissão Permanente de Concursos da universidade (CPCon), com taxas de R\$ 75 para cargos de nível fundamental e de R\$ 95 para os de nível médio/técnico. Quanto às etapas de avaliação, a seleção será composta por provas objetivas, a serem



Pelo QR Code, acesse o edital da UEPB

aplicadas em 23 de agosto, e provas práticas para funções específicas, marcadas para 18 de outubro. Todo o processo ocorrerá na cidade de Campina Grande.

Educação do campo

Na área da educação, por sua vez, a SEE, em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), lançou um processo seletivo com 23 vagas para a equipe técnica do 1º Ciclo de Formação Continuada em Educação do Campo, das Águas e das Florestas. O edital contempla as funções de formador estadual, formador regional, formador regional voltado aos Movimentos Sociais do Campo e técnico pedagógico. Com bolsa

mensal de R\$ 2,5 mil para formador estadual e, para os demais cargos, de R\$ 1,8 mil, a iniciativa prevê uma jornada de trabalho de 20 horas semanais.

Mas atenção ao calendário, concurreiros: as inscrições são gratuitas e devem ser feitas pela plataforma SigFapesq até 19 de junho. Neste caso, a seleção não terá uma prova convencional. Os candidatos serão avaliados em três etapas: homologação das inscrições, análise curricular e análise da carta de intenção, todas de caráter eliminatório e classificatório. Pelo cronograma, a classificação final deve ser divulgada em 31 de julho, com o início das atividades previsto para 1º de setembro.

As bolsas serão válidas por sete meses, com possibilidade de prorrogação conforme a necessidade.



Pelo QR Code, acesse o edital da SEE

Legislativo municipal

Já no Sertão paraibano, a Câmara Municipal de Princesa Isabel também entra no radar dos concurreiros com nove vagas imediatas, além de formação de cadastro re-

serva. Há chances para agente de comunicação, analista legislativo, controlador interno, copeiro, recepcionista, técnico legislativo e vigia. As vagas são destinadas a candidatos de níveis fundamental e superior, com jornadas de 30 a 40 horas semanais e remuneração de R\$ 1,6 mil a R\$ 3 mil, de acordo com o cargo escolhido.

Quem pretende disputar uma das vagas tem até 29 de junho para efetuar a inscrição pelo site da Fundação Vale do Piauí (Funvapi). A taxa custa R\$ 42,60 para cargos de nível fundamental e R\$ 72,60 para nível superior. Quanto à avaliação, todos os candidatos farão uma prova objetiva, de múltipla escolha, no dia 12 de julho. Pela organização prevista no edital, os cargos de nível fundamental farão a prova pela manhã, enquanto os de nível superior serão avaliados à tarde. O concurso será realizado em Princesa Isabel, mas também poderá ser aplicado em municípios vizinhos caso exceda a capacidade local.



Pelo QR Code, acesse o edital da Câmara de Princesa Isabel

Física ensina sobre fenômenos e a pensar para além de fórmulas

E se a Física não fosse apenas uma disciplina temida na escola, mas uma forma de enxergar o mundo com mais precisão? Por trás das fórmulas, há uma profissão muito mais próxima da realidade do que o imaginário escolar costuma sugerir. Ela investiga fenômenos, apoia pesquisas e encontra espaço nas áreas mais diversas do conhecimento, da educação à tecnologia. Foi essa possibilidade de dar sentido aos números que despertou o interesse dos professores Artur Moreira Almeida e Cesar Staudinger.

No caso de Artur, o caminho até a Física começou no Ensino Fundamental, quando um professor de Matemática despertou seu interesse pela área de exatas. Mas foi no Ensino Médio que a disciplina deixou de parecer uma sequência de fórmulas vazias. Os cálculos passaram a fazer sentido quando começaram a explicar situações mais concretas e ligadas ao cotidiano. A partir daí, o encantamento virou escolha profissional. Já a trajetória do professor Cesar Staudinger, do Colégio CBV, foi menos linear. Antes de chegar

à Física, ele formou-se em Engenharia Mecânica, movido pelo desejo de trabalhar com aviação. A docência apareceu quase como um desvio de rota, quando começou a dar aulas particulares. O “problema” é que, aos poucos, acompanhar a evolução dos alunos passou a falar mais alto do que a vontade de seguir como engenheiro. A Física já o fascinava, mas foi a sala de aula que mudou o rumo da sua história. “Foi o ensino que me levou a cursar Física e seguir essa carreira”, conta.

Vários espaços

Não à toa, essa forte relação com a docência fez da sala de aula uma das principais portas de entrada para o contato com a Física. Mas os dois professores lembram que esse está longe de ser o único caminho possível. Há espaço nas universidades, nos institutos federais, na pesquisa e, também, na Física Médica, por exemplo. “O físico é o responsável, por exemplo, pelas máquinas de radiação em hospitais de câncer”, cita Artur. Já Cesar amplia esse mapa de possibilidades ao cravar que a Física ensina mais do que conteú-



O físico é o responsável, por exemplo, pelas máquinas de radiação em hospitais de câncer

Artur Moreira Almeida

do: “ensina a pensar”. Para ele, o profissional aprende a observar problemas, formular as melhores perguntas, analisar informações e buscar soluções. Por isso, consegue atuar nos mais variados setores, como tecnologia, energia, indústria, saúde, ciência de dados e até no mercado financeiro, onde a capacidade de in-

terpretar dados e lidar com risco é bastante valorizada. “Isso mostra que a Física pode levar a caminhos muito diferentes daqueles que a maioria das pessoas imagina quando entra na graduação”, resume.

Aliás, essa dimensão analítica da profissão tem tudo a ver com o mundo acelerado de hoje, que exige respostas rápidas para problemas quase sempre complexos. Segundo Cesar, a área treina o profissional para que ele seja capaz de enfrentar problemas de forma organizada e racional, competências que, como ele destaca, podem ser aplicadas em qualquer ambiente que envolva tomada de decisão, inovação e desenvolvimento de soluções. “A Física nos ensina a não fugir de problemas difíceis”, observa o especialista.

Formação e prática

Mas essa jornada também tem seus desafios. Formado em Física pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2010, Artur lembra que, na época, a graduação ainda era mais teórica do que prática, uma crítica que ele fazia ao próprio curso. Para ele, aproximar o es-

tudante da experimentação é essencial para que a Física possa revelar sua influência no mundo real. Essa conexão com a prática, inclusive, é apontada pelos dois professores como solução para tornar a área menos distante dos jovens que pensam em seguir carreira.

Embora as oportunidades mudem com o tempo, Cesar Staudinger defende que a escolha profissional não deve ser guiada pelo medo de não encontrar espaço no mercado. “Se você gosta de entender como o mundo funciona, tem curiosidade e prazer em resolver problemas, vale a pena considerar a Física”, observa. Já Artur reforça que a formação não deve parar na graduação. Na avaliação dele, buscar mestrado e doutorado também é crucial, sobretudo para quem pretende ampliar as possibilidades de atuação e disputar concursos mais especializados.

Oportunidade

Agora, se a intenção é ingressar no serviço público, o concurso da UEPB traz uma oportunidade interessante. O edital prevê uma vaga para técnico em laboratório de Física, no Cam-

pus VIII, em Araruna, com jornada de 40 horas semanais e remuneração inicial de R\$ 3,7 mil. A função exige ensino médio completo e curso técnico na área. Apesar de não ser uma vaga destinada a especialistas, ela serve como porta de entrada para o universo da Física.



A Física pode levar a caminhos muito diferentes daqueles que a maioria das pessoas imagina

Cesar Staudinger

Selic

Fixado em 29 de abril de 2026

14,50%

Sálário mínimo

R\$ 1.621

Dólar \$ Comercial

-0,77%

R\$ 5,062

Euro € Comercial

-0,85%

R\$ 5,857

Libra £ Esterlina

-0,8%

R\$ 6,809

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Maio/2026 0,58

Abril/2026 0,67

Março/2026 0,88

Fevereiro/2026 0,7

Janeiro/2026 0,33

Ibovespa

171.132,66 pt

-0,21%

EM 12 MESES

Valorização imobiliária chega a 18,3% na capital

Aeroclube acumulou a maior alta, seguido por Altiplano e Cidade Universitária

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

O mercado imobiliário de João Pessoa atravessa um dos períodos mais intensos de valorização de sua história recente. Impulsionado pela crescente procura de moradores oriundos de outras regiões do Brasil, pela expansão urbana e pela consolidação da capital paraibana como destino turístico e como centro urbano do país que oferece boa qualidade de vida, o município tem registrado aumentos expressivos no valor dos imóveis, especialmente em bairros do litoral ou próximos às praias. Dados recentes do índice FipeZap, levantados pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), mostram que algumas localidades acumulam altas de dois dígitos em apenas 12 meses, demonstrando o aquecimento do setor.

É o caso do bairro do Aeroclube, que fica próximo ao Bessa, que registrou valorização de 18,3% em um ano, de acordo com o levantamento consolidado do mês de maio — a maior taxa entre os bairros monitorados em João Pessoa. A região, que nos últimos anos passou por um processo de transformação urbana e recebeu novos empreendimentos residenciais e de comércio, tornou-se uma das mais procuradas da capital, refletindo diretamente no aumento dos preços dos imóveis.

Na sequência, aparece o Altiplano, com valorização de 15,6% no período nos preços dos imóveis. O bairro já é, há pelo menos uma década, uma das áreas mais desejadas da capital paraibana para moradia de alto padrão, reunindo condomínios verticais em uma localização privilegiada, além de contar com algumas opções de restaurantes, supermercados, farmácias e outros estabelecimentos. O Altiplano fica próximo ao bairro e à praia do Cabo Branco; localiza-se em um espaço mais alto da cidade, no entanto muito perto do litoral. Grande parte das unidades que ficam nos enormes edifícios oferece vista para o mar.

A terceira maior valorização entre os bairros analisados foi registrada no Jardim Cidade Universitária, que acumulou alta de 12,6% nos últimos 12 meses. Tradicionalmente ligado à proximidade com instituições de ensino e à forte demanda por moradia estudantil e familiar, o bairro tem atraído novos investimentos e vem sendo alvo de um aumento significativo no interesse de compradores. Formada em Gestão Imobiliária desde



Foto: Roberto Queirós

Com localização privilegiada, o Altiplano é uma área cobiçada para moradias de alto padrão

2009, Denise Helena é correitora de imóveis há três anos na cidade. Ela explica a razão da valorização dos preços dos imóveis nessas regiões.

“Em relação ao Aeroclube/Bessa e ao Jardim Cidade Universitária (Bancários), existe uma combinação de fatores que explica a crescente procura. São bairros que oferecem boa infraestrutura urbana, acesso facilitado, serviços, comércio, escolas e qualidade de vida. Além disso, ainda apresentam valores mais competitivos quando comparados a regiões tradicionalmente mais valorizadas da cidade, o que atrai tanto moradores quanto investidores”, analisou Denise.

Outro bairro que chama atenção é o Portal do Sol, que fecha o top 10 do ranking de bairros pessoenses. Embora

tenha apresentado uma valorização menor, de 5,9% no período analisado, a região continua despertando interesse de investidores devido à disponibilidade de áreas para expansão urbana e à proximidade com a faixa litorânea da cidade. O Portal do Sol tem imóveis mais baratos do que os dos bairros já citados e ainda está se desenvolvendo do ponto de vista urbano. Também é possível encontrar vários terrenos que, em breve, devem virar residências, empreendimentos e edifícios em construção.

Ayrton Omena é assessor de gabinete do juiz de primeiro grau no Tribunal de Justiça da Paraíba e até chegou a fazer uma procura por imóveis em vários bairros da cidade, incluindo os próximos as praias. Mas optou

mesmo por comprar seu primeiro apartamento no bairro do Cristo, que fica na Zona Sul, um pouco mais distante do litoral, mas nada tão longe. No bairro, que conta com boas opções de estabelecimentos e de infraestrutura urbana, os imóveis não sofrem com uma inflação tão grande ano após ano como em outras localidades.

“Eu trabalho em Santa Rita e minha família é de João Pessoa. O Cristo acaba sendo um bom meio-termo. O preço também foi fundamental, ficou mais acessível para mim. É um bom apartamento, grande, com três quartos. Cheguei a olhar em outras localidades, mas o preço não compensava. Eram lugares menores e mais caros. Além de serem longe do meu trabalho”, explicou Ayrton.

Saiba Mais

Veja qual é o maior valor, por metro quadrado, da capital.

Quando o assunto é preço por metro quadrado, o líder absoluto em João Pessoa continua sendo o Cabo Branco. O tradicional bairro da orla possui o metro quadrado mais caro da capital paraibana, atingindo R\$ 12.622 por metro quadrado. O valor reflete a elevada demanda por imóveis próximos ao mar, a escassez de terrenos disponíveis e o interesse crescente de compradores de alto padrão. Além disso, o Cabo Branco permanece como uma das regiões mais valorizadas da cidade, combinando atrativos turísticos, infraestrutura e qualidade de vida.

Nos últimos anos, a capital paraibana passou a receber um fluxo crescente de novos moradores que chegam principalmente do Sudeste e do Sul do Brasil. Entre os fatores que explicam esse movimento, estão a busca por uma cidade mais tranquila, com o custo de vida ainda menor em relação a metrópoles do país, e a boa estrutura das praias urbanas.

A valorização imobiliária em alguns bairros, sobretudo os litorâneos, por exemplo, acaba ocorrendo pelo fortalecimento do turismo, com pessoas chegando à cidade para visitar e pensando em voltar para morar. Além de, pelos mesmos motivos, ter se tomado uma opção para investimentos. Cenário que tem colocado João Pessoa entre as capitais brasileiras com maior crescimento dos preços dos imóveis nos últimos anos, aquecendo o mercado imobiliário local.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

O forró também é PIB

Junho chegou e, com ele, o cheiro de milho assado, o arrasta-pé e as bandeirinhas que enfeitam as ruas. Mas, por trás da fogueira e do xote, existe uma engrenagem econômica que merece o olhar atento de quem pensa o desenvolvimento do Nordeste. A festa junina deixou de ser apenas celebração: tornou-se uma das mais vigorosas indústrias da economia criativa brasileira.

Os números impressionam. Em 2024, segundo a Confederação Nacional do Comércio, os festejos juninos movimentaram cerca de R\$ 5,5 bilhões em todo o país. Na Paraíba, O Maior São João do Mundo, em Campina Grande, deve injetar mais de R\$ 800 milhões na economia estadual ao longo de 33 dias, atraindo um público estimado em 3,5 milhões de pessoas. Não é folclore: é cadeia produtiva.

E aqui mora o ponto que escapa ao senso comum. Quando falamos em economia criativa, costumamos pensar logo em cinema, games ou design. Esquecemos que a quadrilha, o trio de forró, a renda renascença e o bordado da costureira que monta o vestido de chita são, todos eles, economia criativa em estado puro — trabalho que transforma cultura em renda.

A força desse modelo está no seu efeito multiplicador. Estimativas que os economistas apontam que cada real investido em cultura retorna ao menos quatro vezes à economia. É um multiplicador invejável, superior ao de muitos setores tradicionais. E, diferentemente de grandes obras, esse dinheiro circula de forma capilar: chega ao ambulante, ao motorista por aplicativo, à dona da pensão, ao pequeno produtor de queijo coalho. É renda que se espalha em vez de se concentrar.

João Pessoa tem credenciais para protagonizar essa conversa. Desde 2017, a capital é Cidade Criativa da Unesco na categoria Artesanato e Artes Folclóricas — distinção que poucos municípios brasileiros ostentam. As bijuterias feitas com escamas de peixe pelas Sereias da Penha são apenas um exemplo de como o saber popular vira produto com valor de mercado. Multiplique isso pelas centenas de artesãos, costureiras, mestres de cultura e pequenos empreendedores que o mês de junho coloca em movimento, e teremos o desenho de uma economia que nasce da nossa própria identidade.

O desafio, para o economista, não é celebrar o óbvio, mas pensar como tornar perene o que ainda tratamos como sazonal. A festa junina nos ensina que existe um modelo replicável o ano inteiro: valorizar o artesão, formalizar o produtor cultural, profissionalizar a cadeia de eventos e reter localmente o valor gerado. Não basta que o forró toque em junho; é preciso que o forrozeiro tenha previdência, que a costureira acesse crédito, que o produtor cultural emita nota.

Há, ainda, uma lição de planejamento. Cidades que trataram o São João como ativo econômico — e não como despesa — colheram empregos e arrecadação. Caruaru, na vizinha Pernambuco, gerou cerca de 20 mil empregos diretos e indiretos na sua última edição. O segredo não está na sorte, mas na gestão: programação descentralizada, infraestrutura e diálogo com o comércio.

Talvez seja hora de olharmos para a fogueira com olhos de planejador. A cultura nordestina não é apenas patrimônio afetivo — é vantagem competitiva, é diferencial num mundo que valoriza autenticidade. Enquanto outras regiões disputam fábricas, nós temos algo que ninguém copia: a nossa identidade. Resta transformá-la, com método e respeito, em desenvolvimento duradouro.

Que o São João nos inspire não só a dançar, mas a planejar. Afinal, no Nordeste, o forró também é PIB.

EXPANSÃO ACELERADA

Setor moveleiro avança 205% na PB

Crescimento no estado foi o maior do Nordeste em seis anos, superando em mais de 13 vezes a média regional de 15,7%

O mercado moveleiro nordestino atravessa um dos momentos mais relevantes de sua história recente. Sustentada pelo crescimento da construção civil, pela expansão do turismo, pela valorização imobiliária e por uma mudança demográfica que vem atraindo novos moradores para a região, a indústria de móveis passou a ocupar um espaço cada vez mais estratégico na economia nordestina.

Os números ajudam a dimensionar essa transformação. Segundo levantamento do Instituto de Estudos e Marketing Industrial (Iemi), a Paraíba registrou crescimento de 205% na produção de móveis de 2019 a 2024, o maior avanço do Nordeste e um índice mais de 13 vezes superior à média regional, que ficou em 15,7% no período. O estado também liderou o crescimento nacional no consumo de móveis e colchões, com alta de 11,2%, enquanto a média brasileira foi de 5,8%.

Para Marcelo Prado, sócio-diretor de Inteligência de Mercado do Iemi, os dados macroeconômicos e as pesquisas setoriais mais recentes comprovam esse fenômeno de descentralização e amadurecimento comercial.

“O Nordeste vem apresentando uma evolução consistente tanto no consumo quanto na produção de móveis. O que observamos é uma combinação de crescimento econômico regional, expansão imobiliária e fortalecimento da capacidade produtiva local. Estados como a Paraíba passaram a desempenhar um papel cada vez mais relevante dentro da cadeia moveleira nacional”.

Ao mesmo tempo, a população continua crescendo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), João Pessoa alcançou 833.932 habitantes no Censo de 2022, crescimento de 15,26% em relação a 2010, tornando-se a capital nordestina que mais cresceu proporcionalmente no período. A estimativa para 2025 apontou uma população próxima de 898 mil habitantes. Em todo o estado, a população paraibana chegou a 4,16 milhões de pessoas.

O avanço populacional impulsiona o mercado imobiliário local. Dados agregados do Índice Creci 360° apontam uma alta acumulada de 87,5% no número de unidades vendidas em João Pessoa e Cabedelo ao longo de 2025.

Na avaliação de Marcelo Prado, o crescimento da população, o ritmo forte das construtoras e a chegada de novos moradores com maior renda criam um cenário ideal e lucrativo para os fabricantes de móveis e decoração.

“João Pessoa é um caso par-

ticulamente interessante, porque reúne diversos fatores que impactam diretamente o setor. Existe crescimento populacional acima da média, forte expansão imobiliária, aumento da atração de moradores de outras regiões e uma busca crescente por qualidade de vida. Tudo isso gera demanda por novos imóveis e, consequentemente, por mobiliário”.

Vetor local e investimentos

Para Adeilton Pereira, vice-presidente da Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (Abimóvel) e sócio-diretor do Grupo Oficina, o salto produtivo das indústrias moveleiras locais reflete uma engrenagem econômica muito mais robusta.

“O que explica esse crescimento tão significativo da produção de móveis na Paraíba é o desenvolvimento das indústrias locais, puxado pelo desenvolvimento do turismo e da construção civil no estado como um todo, mas principalmente em João Pessoa”, avalia.

Segundo ele, a quebra de antigos estigmas geográficos abriu espaço para uma leitura realista sobre a competitividade regional, o que atraiu olhares de investidores atentos à diversificação econômica e à sustentabilidade de novos projetos comerciais.

“Hoje, percebemos exatamente o oposto do passado: pessoas dos grandes centros buscando qualidade de vida no Nordeste. Muitos vêm em fase de aposentadoria, outros procuram mais tranquilidade, e há também os nômades digitais, que conseguem atuar em grandes mercados”.

Fortalecimento regional

A expansão do mercado imobiliário paraibano ocorre paralelamente a um ciclo histórico de investimentos turísticos. Dados da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep) posicionam o Polo Turístico Cabo Branco como o hub de uma transformação sem precedentes, concentrando alguns dos projetos de maior relevância em desenvolvimento no Brasil.

“O Polo Turístico Cabo Branco é um produto diferente no Nordeste. Além de sol e mar, o complexo está cercado pela maior reserva de Mata Atlântica da Paraíba. O Centro de Convenções é o maior do Nordeste e já temos 15 mil leitos e quatro parques temáticos contratados”, afirmou Rômulo Polari, presidente da Cinep, durante o Sindepat Summit 2026, realizado em Lisboa.

Esse movimento amplia a demanda por mobiliário e fortalece a indústria moveleira regional, que passa a atender uma parcela cada vez maior



Fábrica paraibana especializada em móveis sob medida expandiu mercado e já está presente em oito estados do NE

dos empreendimentos residenciais, hoteleiros e corporativos em desenvolvimento no Nordeste.

Para a diretora-executiva da Abimóvel, Cândida Cervieri, o fortalecimento dos centros regionais é um movimento estratégico para reduzir custos logísticos, otimizar operações e aumentar a competitividade das empresas nordestinas.

“Móveis e colchões são produtos de grande volume físico, com custo logístico relevante. Por isso, a presença de polos regionais no Nordeste ajuda a explicar o desenvolvimento da região e amplia sua competitividade dentro do mercado brasileiro”.

Perfil do consumidor

O crescimento econômico vem sendo acompanhado por mudanças importantes no comportamento de consumo. Para Cândida Cervieri, a reconfiguração dos lares modernos após a consolidação de modelos de trabalho híbridos alterou profundamente a relação emocional e prática dos indivíduos com o mobiliário.

“Em ambientes menores, mais integrados ou que precisam cumprir muitas funções, o mobiliário assume o protagonismo e passa a organizar a vida dentro de casa. Isso desloca parte da decisão de compra de uma lógica puramente transacional para uma lógica de projeto, valor e experiência”.

Para ela, a valorização da identidade local tornou-se uma das principais características do design brasileiro contemporâneo. “Hoje, existe uma percepção mais madura de que a identidade regional pode ser contemporânea, elegante, funcional e competitiva. O repertório nordestino conversa muito bem com a agenda contemporânea do design, porque nasce do território, do clima, da cultura e da vida cotidiana”.

Indústria regional amplia escala produtiva e acelera modernização

O fortalecimento da indústria paraibana também vem sendo acompanhado por investimentos em tecnologia, automação e profissionalização dos processos produtivos.

Adeilton Pereira destaca que o estreitamento dos laços comerciais entre as grandes construtoras e o chão de fábrica local eliminou a antiga dependência de fretes distantes e aumentou a velocidade de entrega dos projetos.

“Hoje, temos uma cadeia de produção sob medida na própria região, voltada diretamente a atender às demandas de grandes construtoras e incorporadoras. Antes, eles precisavam buscar fornecedores no Sul do país e tinham pouco contato com as indústrias. Agora, existe proximidade, troca constante e capacidade de adaptação muito mais rápida”, afirma.

Esse cenário tem favorecido a expansão de indústrias especializadas em móveis sob medida e com capacidade para atender a diferentes frentes do mercado. É o caso da Essanto, fabricante nordestina que desenvolve soluções para lojas parceiras, construtoras, incorporadoras, hotéis, hospitais e empreendimentos corporativos, levando escala industrial, tecnologia e personalização para diferentes perfis de clientes.

“A Essanto nasceu na Paraíba, mas já atua em oito estados da Região Nordeste e pretende fechar os nove estados em breve. Nossa atuação acontece tanto por meio de parceiros comerciais, que levam nossos produtos ao consumidor, quanto no atendimento direto a grandes empreendimentos. Temos experiência, tecnologia, capacidade produtiva e uma logística facilitada por estarmos na própria região. Precisamos apenas que o mercado conheça mais essa capacidade produtiva do Nordeste”.

Expansão e tendências

O avanço fabril e comercial ganha respaldo com indicadores sólidos de mercado. Guilherme Brito, diretor administrativo da Móveis São Carlos, empresa sediada em Pernambuco, detalha esse cenário de atração de no-

vos investimentos e descentralização econômica, que gera empregos e altera dinâmicas sociais históricas.

Para manter a relevância no mercado, a flexibilidade fabril para absorver as transformações rápidas de design e comportamento torna-se essencial. Guilherme aponta que acompanhar essa evolução estética é o caminho para suprir as novas demandas do público e fortalecer a própria indústria regional.

“Nós observamos, dentro do nosso leque de produtos, quais necessidades do consumidor estamos deixando de suprir para eliminar essas gaps. As tendências vão e vêm de uma forma interessante: o consumidor adquiriria móveis muito retos, agora vemos mais formas arredondadas. Participar da evolução da nossa região é formidável, o Nordeste é peça fundamental para o futuro da indústria nacional”, ressalta.

Gargalos

O fortalecimento da criação nordestina ocorre em paralelo a um severo choque de realidade estrutural. Representando a operação baiana da Tidelli Outdoor Living, a sócia Roberta Mandelli detalha que o setor enfrenta uma complexidade operacional considerável no ambiente atual da região, o que exige resiliência por parte das empresas locais. “Apestar dos entraves, o Nordeste tem apresentado um design regional que está ganhando espaço, tanto no Brasil como fora. A região se autoconsome, devido ao crescimento das cidades e do turismo, e a demanda aumenta proporcionalmente ao crescimento imobiliário”.

A empresária identifica uma forte guinada no comportamento do público comprador, que passa a valorizar a ancestralidade e a exclusividade na composição dos ambientes. Para atender a essa exigência por refinamento técnico e customização, o monitoramento de mercado precisa ser rigoroso e contínuo.

“A grande trend da decoração atual é o resgate de valores, de tradição, memórias afetivas, e isso acaba ge-

rando um consumo regional maior, uma valorização do feito à mão, de materiais naturais, o que aumenta o consumo por uma produção artesanal. A pesquisa de comportamento é constante, tendências mundiais e nacionais sempre são observadas, pois nós valorizamos design, qualidade e tendência”, comenta Roberta.

Percepção de mercado

Embora o setor reconheça os avanços conquistados, ainda existe o desafio de estabelecer nacionalmente a percepção sobre a capacidade industrial nordestina. Adeilton Pereira avalia que o nível de automação, os selos de qualidade e o padrão de acabamento das fábricas nordestinas atuais não possuem qualquer vantagem técnica em relação aos centros tradicionais localizados nas regiões Sul e Sudeste. “O Nordeste sempre teve uma identidade muito forte. O que mudou foi que começamos a expor essa identidade ao mundo. Levamos um pedacinho da Paraíba para eventos internacionais e mostramos que somos capazes tanto quanto qualquer outro polo produtor”.

Para o executivo, as marcas que pretendem liderar as próximas décadas precisam adotar posturas corporativas humanizadas, focadas na governança socioambiental e no bem-estar de toda a sua rede de profissionais, parceiros e clientes. “Nosso papel é evoluir continuamente para atender às novas exigências e superar as expectativas dos clientes, com entregas de alto padrão”, afirma.

Na avaliação de Adeilton, a superação de visões defasadas sobre o mercado e a ampla divulgação da maturidade fabril do Nordeste são fundamentais para o atual momento do setor. “A capacidade produtiva nós já temos. O que precisamos agora é que o mercado perceba que o Nordeste mudou e que hoje possui estrutura, tecnologia e competitividade para atender a sua própria demanda com excelência”, defende Adeilton.



Acompanhar tendências e preferências do público é primordial para manter evolução

EMPREENDEDORISMO

Paraíba leva 30 startups para o Web Summit Rio

Delegação foi a única a participar com recursos próprios do Governo do Estado

Kelly Souto
Ascom Secties

“Nossa startup nasceu na universidade por meio de um hackathon organizado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties). A gente ganhou em terceiro lugar, recebeu um fomento de 25 mil reais e transformou essa ideia numa empresa. Hoje estamos aqui, no Web Summit Rio, conversando com pessoas de Londres, do México”.

A fala é de João Miguel Santos, um dos CEOs da Manguete Bytes, startup paraibana que desenvolveu uma tecnologia capaz de monitorar manguezais por meio de imagens de satélite, reduzindo a necessidade de pesquisas de campo e ampliando a capacidade de acompanhamento ambiental. Durante o Web Summit Rio 2026, a solução chamou a atenção de investidores, pesquisadores e representantes de instituições de diferentes países.

A Manguete Bytes é uma das 30 startups que o Governo da Paraíba levou ao RioCentro, no Rio de Janeiro, de 8 a 11 de junho, durante o Web Summit Rio 2026. Com uma delegação formada por empreendedores de diferentes segmentos, a Paraíba foi o único estado brasileiro a garantir a participação de startups com recursos próprios do Governo do Estado, por meio da Secties e da Fundação de Apoio à Pesquisa na Paraíba (Fapesq).

A iniciativa representa uma política que começou em 2025, quando o estado levou 24 startups para o Web Summit Lisboa. Um ano depois, a presença paraibana ganhou escala, ampliando o número de empresas participantes e garantindo um estande institucional para apresentar soluções desenvolvidas no estado. O resultado foi uma vitrine para negócios nas áreas de inteligência artificial, saúde, educação, sustentabilidade, economia criativa, agronegócio e transformação digital.

A diversidade das empresas presentes no estande mostrou o ecossistema que a Paraíba vem construindo. Ao lado de soluções voltadas ao monitoramento ambiental e à inteligência artificial, havia espaço

para iniciativas que utilizam a cultura como motor de desenvolvimento econômico. É o caso de Maria Livia Cunha, uma das criadoras da SOÉ, startup de impacto cultural que une acessórios inspirados na Paraíba a conteúdo sobre história, saberes e identidade regional.

A startup atua em duas frentes. A primeira é a produção de conteúdo para redes sociais, com abordagem educativa, jornalística e informativa sobre histórias, personagens, saberes e temas que fazem parte da cultura paraibana. A segunda, pela qual a marca é mais conhecida, é a criação de acessórios inspirados na Paraíba, transformando elementos da identidade local em produtos que fortalecem o sentimento de pertencimento.

“Quando a mulher usa o brinco da SOÉ, ela usa a história da Paraíba. A gente muda a forma como ela se relaciona com o território”, explica Maria Livia. Para ela, o Web Summit foi mais do que visibilidade, foi uma oportunidade de ampliar horizontes e pensar novos caminhos para o crescimento do negócio. “Faz a gente vislumbrar caminhos para criar algo globalmente relevante a partir da Paraíba. Esperamos estar em Lisboa, claro”, completou.

A Paraíba também teve espaço na programação oficial. No palco CIS (Cúpula de Inovação Corporativa), o secretário da Secties, Claudio Furtado, participou do painel “Nordeste do Brasil: onde governo, talento e tecnologia convergem”, ao lado do secretário municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação

de Recife, Rafael Cunha. Durante o painel, o secretário apresentou algumas das principais iniciativas que vêm estruturando o ecossistema de inovação da Paraíba.

Entre eles, o Ciquanta-PB, que tornará a Paraíba o primeiro estado do Brasil e da América Latina a sediar computadores quânticos; o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação; o Parque Tecnológico de Campina Grande; o Projeto Limite do Visível, que amplia o acesso de jovens da rede pública ao Ensino Superior tecnológico; e o Complexo Científico do Sertão, que reúne investimentos em astronomia, arqueologia, paleontologia e turismo científico.

“A Paraíba é o estado do conhecimento. Temos investido na formação de pessoas, na pesquisa, na inovação e na criação de oportunidades para que nossos jovens e empreendedores possam desenvolver soluções com impacto local e alcance global”, enfatizou o secretário Claudio Furtado.

Além das startups presentes e o estande, a Paraíba também levou ao evento as empresas Phaser Studio 3D e Novetech, selecionadas pelo Projeto QualiExporta PBsF, Projeto vinculado ao Programa Paraíba Sem Fronteiras, voltada à preparação de empresas para atuar no mercado internacional.

Durante o evento, as empresas participaram de palestras sobre inovação, inteligência artificial e marketing tecnológico, além de encontros com potenciais parceiros e visitas a estandes de instituições como

a ApexBrasil e iniciativas governamentais do Chile, China, Áustria, Alemanha e Cabo Verde. As empresas Sede de Design e Plis Lavi, também atendidas pelo projeto, acompanharam a programação com suporte técnico da secretaria.

“Tivemos acesso a conteúdos importantes, ampliamos conexões institucionais e identificamos oportunidades que poderão fortalecer a atuação internacional das empresas paraibanas. São contatos e experiências que ajudam a preparar nossos empreendedores para competir em mercados cada vez mais globais”, destacou, João Pedro Batista, técnico júnior do QualiExporta.

Se, para os empreendedores, o evento representa a chance de abrir mercados e construir conexões, para o Estado, a participação no Web Summit faz parte de uma estratégia mais ampla de fortalecimento da inovação.

“O saldo da participação da Paraíba foi muito positivo. Tivemos startups realizando conexões importantes, prospectando negócios e apresentando soluções inovadoras para públicos de diferentes países. Além disso, a Paraíba se destacou por ser o único estado brasileiro a apoiar financeiramente a participação de startups no evento. Os resultados já começam a aparecer por meio de parcerias, contatos estratégicos e novas oportunidades para as empresas paraibanas”, avaliou Claudio Furtado.



Fotos: Júlio Maranhão

Intercâmbio entre os participantes do evento potencializa a realização de novas ideias

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Por que o céu é azul?

Na minha época de estudante de graduação, ao me deparar com os estudos iniciais de mecânica quântica, um professor um dia chamou atenção para um livro de mecânica quântica avançada, de um autor japonês chamado “J. J. Sakurai”. Era um livro muito denso, geralmente usado na pós-graduação em Física. Na introdução, o autor dizia que aquele livro era para que soubessem por que o céu é azul.

E, na coluna de hoje, justamente, eu vou entrar nessa seara de perguntar a vocês: por que, quando olhamos para o céu limpo, sem nuvens, ele é azul?

Isso vem de uma explicação do chamado “eletromagnetismo clássico” e do espalhamento de ondas na atmosfera da Terra. Mas vamos tratar aqui numa linguagem para pedestres, como dizem alguns autores de física, ou seja, para qualquer pessoa ler e entender.

O que acontece com a luz do Sol, conhecida por nós como “luz branca”, é que, ao entrar na atmosfera, ela interage com os gases presentes. Esse fenômeno faz com que a luz azul, que tem um comprimento de onda menor, espalhe-se em todas as direções muito mais do que as outras cores do espectro da luz branca.

Quando pegamos a luz do Sol e a passamos por um prisma, conseguimos dividir e mostrar, por meio de um experimento, que ela é composta por todas as cores, do vermelho ao azul. Mas por que acontece esse fenômeno na atmosfera, que espalha mais os comprimentos de onda menores e torna o céu azul?

A luz que vem do Sol parece branca, mas é composta por todas as cores do arco-íris misturadas, cada uma com um comprimento de onda específico. Ao entrar na atmosfera terrestre, essa luz encontra moléculas de gases dispersas, principalmente nitrogênio e oxigênio. É aí que acontece um fenômeno que chamamos de “espalhamento”.

E o que é espalhamento? É quando, por exemplo, você joga uma esfera contra outra esfera, ou um corpo bate em outro corpo. Pense numa bola de bilhar, numa mesa de sinuca: quando você dá uma tacada, uma bola bate em outra ou em um conjunto de bolas, e elas se espalham ali. Esse pode ser interpretado como um fenômeno de espalhamento mecânico clássico, explicado pelas leis de Newton.

Mas, no caso da luz, são ondas de luz batendo nas moléculas. Do ponto de vista mais técnico, seriam fótons interagindo com átomos. E acontece ali um determinado espalhamento preferencial. Ou seja, a luz azul e a violeta, que têm comprimentos de onda mais curtos, são rebatidas e espalhadas pelas moléculas do ar com muito mais intensidade do que as cores de ondas mais longas, como o vermelho e o amarelo.

Esse processo tem um nome científico: espalhamento de Rayleigh.

Com isso, ao olharmos para o céu, as ondas de menor comprimento, principalmente o azul e o violeta, estão mais dispersas e espalhadas. É isso que nos faz ver o céu azulado. Mas, embora o violeta também se espalhe, nosso olho é muito mais sensível ao azul, e o Sol emite uma quantidade maior de luz nessa tonalidade. Por isso, predomina a nossa percepção de que o céu é azul.

Eu só fui aprender por que o céu era azul, de forma técnica e teórica, depois de um bom tempo estudando física, ondas eletromagnéticas e a interação dessas ondas com a matéria. Tudo isso para chegar a entender uma coisa que meus olhos viam desde cedo, desde criança, mas sobre a qual eu nunca tinha me feito essa pergunta.

Como é interessante a ciência. Uma coisa tão corriqueira, que está ali no nosso dia a dia, muitas vezes passa sem que a gente pergunte o porquê. E, às vezes, a explicação para algo aparentemente tão simples na natureza é muito complexa, dependendo de muitos anos de dedicação e de estudo em determinadas áreas técnicas.

Talvez isso seja uma das coisas mais atraentes em fazer ciência.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Secretário da Secties, Claudio Furtado (C) participou de todas as etapas do evento

“

A Paraíba é o estado do conhecimento. Temos investido na formação de pessoas, na pesquisa, na inovação e na criação de oportunidades

Claudio Furtado

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Projeto visa reduzir efeitos negativos

Iniciativa comandada por professor da UFPB incentiva a adoção de medidas sustentáveis no âmbito da computação

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

As evoluções da tecnologia da informação (TI) no Brasil vêm crescendo em ritmo acelerado. A ferramenta diz respeito ao uso de computadores, redes e outros dispositivos utilizados principalmente para armazenar e processar dados. Com a demanda exponencial da inteligência artificial (IA), o mercado de TI alcançou R\$ 67,8 bilhões em receitas durante 2025, representando um crescimento de 18,5%. Os dados são da Associação Brasileira das Empresas de Software (Abes) e foram divulgados no início de abril deste ano.

Esse avanço traz também preocupações sobre os efeitos causados por essas tecnologias, como alta demanda por energia e água, mineração predatória e o descarte inadequado de lixo eletrônico. Para lidar com essas questões, profissionais da área desenvolveram o conceito de "TI Verde", abordagem adotada para reduzir os impactos ambientais causados pela área da computação. O objetivo é torná-la mais sustentável por meio de ações como a utilização de equipamentos que consumam menos

energia e a implementação de políticas de descarte adequado de resíduos eletroeletrônicos.

Pensando sobre essa temática, o professor de Engenharia de Software, do Departamento de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Alan Moraes, desenvolveu o projeto de extensão intitulado "TI Verde: Disseminação de Práticas de Sustentabilidade em Tecnologia da Informação em João Pessoa". A iniciativa, que desenvolve suas atividades no Laboratório de Tecnologias Digitais (LTD) do Centro de Informática (CI) da instituição, pretende propor soluções mais ecológicas frente ao uso das tecnologias, bem como utilizá-las para resolver desafios ambientais.

"O projeto começou com uma preocupação minha enquanto pai. Minha filha tem seis anos e comecei a pensar, dentro da Engenharia de Software, o que conseguimos fazer para minimizar os problemas ambientais", explicou o professor.

A ação surge, portanto, como uma forma de propor respostas para os desafios ambientais, englobando o desenho, o projeto, a manufatura, a operação e o descarte corre-

to de servidores e computadores. "Nós tentamos minimizar a pegada de carbono do software, fazendo com que ele rode mais eficientemente, gastando menos energia e evitando o desperdício", detalhou.

Pegada de carbono

A chamada "pegada de carbono" corresponde à quantidade de gases de efeito estufa emitidos em decorrência de determinada atividade. No caso dos equipamentos eletrônicos, esse cálculo considera desde a fabricação e o transporte até o consumo diário de energia.

Os softwares também contribuem para o aumento dessas emissões. Programas mais pesados exigem máquinas mais potentes, enquanto serviços em nuvem e sistemas baseados em inteligência artificial dependem de *data centers* que funcionam ininterruptamente.

Assim, mitigar essas emissões é o que propulsiona as atividades do projeto TI Verde. "Atuamos por meio de um processo de conscientização, educação e mudança nos processos e métodos na construção de softwares", afirmou Alan Moraes. Focar em códigos mais eficientes, que conso-

mem menos memória é uma das metas do grupo. E a finalidade principal é que essas ações sustentáveis sejam adotadas por empresas e vivenciadas na prática. De acordo com o professor, o objetivo de um projeto de extensão é sempre a interação dialógica entre a universidade e a sociedade.



Foto: Leonardo Azei



Comecei a pensar, dentro da engenharia de software, o que fazer para minimizar os problemas ambientais

Alan Moraes



Foto: Divulgação/Reecycle



Foto: Ademar Netto/Arquivo pessoal



Foto: Ademar Netto/Arquivo pessoal



Foto: Ademar Netto/Arquivo pessoal

Ações focam na reciclagem e no uso consciente dos recursos naturais

Parceria com empresas amplia debate sobre conceito de TI Verde

O projeto tem uma parceria com a Sucesu, associação representativa que reúne cerca de 50 empresas do setor de Tecnologia da Informação e Comunicação da Paraíba. A iniciativa prevê a seleção de uma empresa para participar de um projeto-piloto de Engenharia de Software Sustentável. A proposta inclui um período de três meses de acompanhamento técnico para implementação de sistemas com menor gasto energético. "Vamos, inicialmente, fazer uma palestra para conscientização dos empresários, para depois mostrar tudo na prática com o projeto-piloto, que consiste em levar pessoas capacitadas para passar três meses na empresa, ensinando e implantando sistemas mais eficientes", afirmou.

Após a conclusão dessa etapa, uma nova apresentação será realizada para compartilhar os resultados obtidos. Para aquelas empresas que pretendem implantar iniciativas mais sustentáveis, de menor gasto energético, o professor Alan faz um convite: "Fala com a gente! Podemos visitar as empresas, conversar e ajudar nesse processo. É só procurar o Laboratório de Tecnologias Digitais (LTD)".

Segundo Alan Moraes, a urgência do tema é evidente. "Temos que entender qual a nossa responsabilidade com o planeta. A TI já possui um consumo



Foto: Ademar Netto/Arquivo pessoal

A urgência do tema exige conscientização coletiva

energético equivalente ao setor da aviação, representando cerca de 4% do consumo mundial de energia. É a tendência é que esse número dobre nos próximos anos. Precisamos fazer escolhas mais eficientes".

Além da atuação junto às empresas, o projeto pretende sensibilizar estudantes da área de tecnologia. De acordo com o professor, a temática da TI Verde ainda aparece pouco nos currículos dos cursos da área. Por isso, a intenção é incorporar o assunto às disciplinas ministradas no Centro de Informática. "Eu não vou só dar uma aula, eu vou envolver os alunos na pesquisa, para eles debatem. O projeto começa na extensão, bebe da pesquisa, leva conhecimento para

a sociedade, aprende com ela e depois retroalimenta a graduação como um tópico de aula", detalhou.

Para o estudante de Ciência da Computação, Elias Torres, integrante da equipe, o projeto busca desenvolver uma solução inédita para o Brasil. "Existem ferramentas que medem a pegada de carbono e outras que analisam o consumo energético. Nosso objetivo é integrar todas elas em uma única plataforma e, assim, propor soluções verdes para diversas empresas".

De acordo com o estudante de Engenharia da Computação, Vinícius Moraes, a participação na iniciativa representa um diferencial na formação profissional.

Descarte apropriado de resíduos eletrônicos move outros projetos

Se o consumo energético preocupa, o descarte inadequado de resíduos eletroeletrônicos também representa um problema crescente. Com o objetivo de enfrentar essa questão, a UFPB desenvolve outro projeto de extensão, o "Tree-UFPB: Sensibilização sobre o Correto Descarte e Reaproveitamento dos Resíduos Eletroeletrônicos da Região Metropolitana de João Pessoa". A sigla "Tree" significa "Tratamento de Resíduos Eletroeletrônicos".

Coordenada pelo professor Ademar Netto, do Departamento de Engenharia Elétrica, a iniciativa promove ações educativas em escolas públicas e incentiva o reaproveitamento de equipamentos eletrônicos para fins didáticos. "O projeto surgiu porque eu observava que as pessoas não sabiam onde fazer esse descarte. Então, o intuito é ir até as escolas, falar sobre a problemática e identificar os pontos de coleta na nossa cidade", explicou o professor.

Para ele, a importância do projeto é conscientizar as pessoas sobre a importância do descarte correto. "Muita gente joga, por exemplo, as pilhas no lixo comum, mas elas são um resíduo especial".

Além da conscientização, parte dos equipamentos recebidos é desmontada e reaproveitada em laboratórios e projetos acadêmicos. "Retiramos componentes que podem ser utilizados em protótipos, atividades de ensino e pesquisas dentro da universidade".

Segundo Ademar, o descarte inadequado pode contami-

nar o solo e os recursos hídricos, já que muitos equipamentos contêm metais pesados. "Quando esses materiais são abandonados em terrenos baldios e começam a se degradar, liberam substâncias que contaminam o ambiente", destacou.

Logística reversa

Outra iniciativa que atua na destinação correta de resíduos eletrônicos é a empresa circular de impacto ambiental, Reecycle. Especializada em logística reversa, ela atua na manufatura de equipamentos eletrônicos de maneira geral. A organização recebe equipamentos descartados, realiza a desmontagem e encaminha os materiais para reaproveitamento industrial. "A logística direta é quando o produto é fabricado e chega na sua casa. Já a reversa diz respeito à reciclagem, manufatura e retorno do material", explicou o fundador da Reecycle, Sávio França. "Nós somos uma fábrica de desfabricar", brincou.

O processo transforma computadores e outros equi-

pamentos em matérias-primas como plástico, vidro, fios, placas eletrônicas e sucata metálica, que retornam à cadeia produtiva. "Quando isso acontece, reduzimos a necessidade de extrair novos recursos da natureza. É uma forma de dar um descanso ao meio ambiente", afirmou Sávio França. A empresa também oferece coleta gratuita para pessoas físicas a partir de 30 kg de material eletrônico descartado.

Projeto Catador Digital

Além disso, o Reecycle participa do projeto Catador Digital, iniciativa voltada à capacitação de cooperativas de reciclagem para atuarem também na logística reversa de resíduos eletroeletrônicos. Recentemente, cerca de 200 catadores de 19 municípios paraibanos foram qualificados. "Quando ajudamos essas cooperativas a trabalhar com resíduos eletrônicos, aumentamos a renda dos catadores e criamos soluções locais para um problema que existe em todas as cidades", destacou.

Saiba Mais

Onde entregar produtos eletroeletrônicos em João Pessoa

■ **Sede da Emlur**
Avenida Minas Gerais, nº 177, Bairro dos Estados, CEP 58030-090 (ao lado do Colégio HBE).

■ **Núcleo da Emlur (Centro Dia)**
Avenida Gouveia da Nóbrega, Roger, CEP 58020-100 (próximo à entrada principal do Parque Arruda Câmara - Bica).

■ **Núcleo da Emlur em Mangabeira**
Praça do Coqueiral.

■ **Serviço Cata-Treco** para recolhimento de geladeiras, televisores, refrigeradores e outros itens grandes. Atendimento pelos telefones: (83) 3213-4237 / 4238 / 4240 ou pelo aplicativo João Pessoa na Palma da Mão.

Neymar deve treinar com bola nesta semana e pode ser opção para Carlo Ancelotti no jogo contra o Haiti, na próxima sexta-feira

Foto: Rafael Ribeiro/CBF

SEGUNDO JOGO

Expectativa pela estreia de Neymar

Jogador recupera-se de lesão na panturrilha direita e ainda não jogou sob o comando de Carlo Ancelotti

Danrley Pascoal
danrley.p@gmail.com



Passado o primeiro jogo, o Brasil vive, agora, a expectativa pela estreia de Neymar. O atacante deve retornar aos gramados na sexta-feira (19), contra o Haiti, pela segunda rodada da fase de grupos da Copa do Mundo. Ele se recupera de uma lesão grau 2 na panturrilha direita e segue o cronograma médico da Seleção. O camisa 10 não atua desde 17 de maio.

Pela Seleção Brasileira, Neymar tem 128 jogos, 79 gols e 59 assistências, sendo o maior artilheiro do Brasil em toda a história. No ciclo para 2026, a última partida do jogador ocorreu no dia 17 de outubro de 2023, contra o Uruguai, pelas Eliminatórias da Copa do Mundo, em Montevideu. Ainda no primeiro tempo, ele sofreu uma grave lesão no joelho esquerdo, que resultou na ruptura do ligamento cruzado anterior e do menisco.

Desde então, Neymar tem sofrido para se manter saudável. Isso diminuiu o número de convocações para o ciclo. Carlo Ancelotti, por exemplo, não pôde contar com o jogador santista em nenhuma das 12 partidas em que esteve à frente da Seleção, desde maio de 2025. Nesta temporada, ele atuou em 15 dos 35 jogos do seu clube, o Santos. O meia-atacante marcou seis gols e deu quatro assistências. Com a camisa verde-amarela, conquistou uma Copa das Confederações e a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Aos 34 anos, Neymar fará sua quarta estreia em Copas. Ele disputou os torneios de 2014, 2018 e 2022. No Mundial de 2014 (no Brasil), ele atuou em cinco jogos, tendo quatro gols e uma assistência. Naquela edição, atuou até as quartas de final, contra a Colômbia, sendo desfalque por conta de lesão. A dura entrada do lateral Zúñiga acabou tirando o jogador do restante do torneio.

Em 2018 (na Rússia), Neymar esteve em campo em todos os cinco jogos do Brasil até

as quartas de final, quando o time foi eliminado pela Bélgica. Ele marcou dois gols e concedeu uma assistência naquela competição. Em 2022 (no Catar), o meia-atacante acabou se lesionando na primeira partida contra a Sérvia; isso o deixou fora dos duelos contra Suíça e Camarões. No mata-mata, esteve nas oitavas e nas quartas de final. Contra a Coreia do Sul, marcou um gol e deu uma assistência na vitória por 4 a 1. Em seguida, apesar do gol marcado, Neymar viu a Seleção ser eliminada pela Croácia na disputa de pênaltis.

Haiti

O Brasil volta a campo na sexta-feira (19), às 21h30 (horário de Brasília), para encarar um desafio inédito na Copa do Mundo. O Haiti será o 50º rival diferente do time verde-amarelo, isso em sua 23ª participação no torneio. Ao longo da história, ocorreram três enfrentamentos entre as seleções, com os pentacampeões goleando em todas as oportunidades.

No dia 21 de abril de 1974, em Brasília, o placar foi 4 a 0, com gols de Paulo César Caju, Rivellino, Marinho Chagas e Edu. Naquele ano, as equipes se encontraram pela primeira vez.

O reencontro só voltaria a acontecer 30 anos depois. Em 2004, a Seleção Brasileira visitou o país da América Central para uma partida beneficente, chamada "Jogo da Paz", com vitória por 6 a 0, em Porto Príncipe, capital haitiana. Os gols foram marcados por Roger Flores (2), Ronaldinho Gaúcho (3) e Nilmar.

O primeiro confronto oficial ocorreu 12 anos depois do segundo amistoso. Pela Copa América de 2016, no dia 8 de junho, no Camping World Stadium, em Orlando, nos EUA, o resultado foi 7 a 1 para o time verde-amarelo. Os gols foram anotados por Philippe Coutinho (3), Renato Augusto (2), Gabriel Barbosa e Lucas Lima. O único gol haitiano saiu com James Marcelin. A Seleção Brasileira já enfrentou outras três seleções da Concacaf em Mundiais: México (cinco vezes), Costa Rica (duas vezes) e Estados Unidos.

Copa na TV

Hoje	Onde assistir
1h Austrália x Turquia	Globo - SporTV - CazéTV
14h Alemanha x Curaçao	CazéTV
20h Costa do Marfim x Equador	Globo - SporTV - CazéTV
17h Holanda x Japão	Globo - SBT - SporTV - CazéTV
23h Suécia x Tunísia	Globo - SporTV - CazéTV

Amanhã	Onde assistir
16h Bélgica x Egito	Globo - SporTV - CazéTV
22h Irã x Nova Zelândia	CazéTV
13h Espanha x Cabo Verde	CazéTV
19h Arábia Saudita x Uruguai	Globo - SBT - SporTV - CazéTV

Horário de Brasília

BAGUNÇA

Luisão contesta narrativa mentirosa sobre a seleção de 2006

Agência Estado

Integrante da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2006, o ex-zagueiro Luisão saiu em defesa do grupo que disputou o torneio na Alemanha. Em entrevista ao programa *Seleção Estádio*, transmitido no YouTube do *Estádio*, ele contestou a visão de que a equipe viveu um ambiente de desorganização durante a preparação e classificou como falsa a narrativa construída ao longo dos anos sobre aquele elenco.

Luisão afirmou que a imagem de uma seleção sem foco

ou comprometimento não corresponde ao que viveu internamente durante a competição. Segundo ele, houve um problema específico relacionado à logística da preparação, mas isso acabou sendo transformado em uma interpretação equivocada sobre o comportamento dos jogadores.

"Acho que tem uma narrativa contada que eu não concordo. Acho que houve uma falha na logística, da ideia de colocar a Seleção Brasileira mais próxima do público, e isso acabou não dando certo, com a invasão de campo. Mas fazer disso uma bagunça,

que os jogadores não estavam comprometidos, que estavam acima do peso, é uma coisa completamente diferente".

O ex-defensor reforçou que acompanhou de perto toda a preparação e rejeitou a forma como parte da história passou a ser contada após a eliminação para a França, nas quartas de final.

"Não concordo com essa narrativa. [Eu] estava presente e é uma narrativa mentirosa na minha visão. E nesse caso a gente vê o tamanho da camisa da Seleção, da importância da camisa do selecionado brasileiro".

Durante a entrevista, Luisão também abordou a presença de convidados, patrocinadores e personalidades próximos à delegação. Para ele, situações desse tipo costumam ganhar destaque apenas quando os resultados dentro de campo não aparecem.

"Agora a questão aqui é se um torcedor normal não pode, mas um famoso pode causar algum tumulto também, assim como os patrocinadores, né? Então, no futebol eu parto pelo princípio de que é se a bola entra ou não".

Na avaliação do ex-zagueiro, o julgamento sobre o am-

biente da Seleção teria sido diferente caso a equipe tivesse avançado mais longe no torneio. "Se em 2006 a gente não tivesse perdido pra França e chegasse na final, por exemplo, não teria problema nenhum. Não teria acontecido nada. A seleção da resenha, né?".

Luisão ainda comparou a situação a discussões que costumam surgir em outras seleções e clubes, destacando que fatores extracampo costumam ser apontados como culpados apenas quando os resultados são negativos. "Agora é a mesma coisa nesse caso. Se a bola entra, isso aí passa despercebido.

Se a bola não entrar, os patrocinadores atrapalham o treino, o artista que foi lá".

Por fim, ele defendeu um equilíbrio entre a proximidade do time com o público e a preservação da rotina de trabalho, mas descartou que esse tipo de situação possa explicar sozinho o desempenho de uma equipe em uma Copa do Mundo.

"Então acho que parte muito disso. Acho que sempre [tem-se] que encontrar um meio-termo, lógico. Não é isolar totalmente, mas não fazer disso uma culpa de uma performance de uma Seleção Brasileira", concluiu o ex-zagueiro.

TABELA DA COPA 2026



EPC EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Tabajara AUNIÃO Parahyba 103.9fm

GRUPO A	11/06, 16H MEX 2 x 0 RSA	GRUPO B	12/06, 16H CAN 1 x 1 BIH
	11/06, 23H KOR 2 x 1 CZE		13/06, 16H QAT x SUI
GRUPO C	13/06, 19H BRA x MAR	GRUPO D	12/06, 22H EUA x PAR
	13/06, 22H HTI x SCO		14/06, 01H AUS x TUR
GRUPO E	14/06, 14H GER x CUW	GRUPO F	14/06, 17H NED x JPN
	14/06, 20H CIV x ECU		14/06, 23H SWE x TUN
GRUPO G	15/06, 16H BEL x EGY	GRUPO H	15/06, 13H ESP x CPV
	15/06, 22H IRN x NZL		15/06, 19H KSA x URU
GRUPO I	16/06, 16H FRA x SEN	GRUPO J	16/06, 22H ARG x ALG
	16/06, 19H IRQ x NOR		17/06, 01H AUT x JOR
GRUPO K	17/06, 14H POR x RDC	GRUPO L	17/06, 17H ENG x HRV
	17/06, 23H UZB x COL		17/06, 20H GHA x PAN

SEGUNDA RODADA

GRUPO A	18/06, 13H CZE x RSA	GRUPO B	18/06, 16H SUI x BIH
	18/06, 22H MEX x KOR		18/06, 19H CAN x QAT
GRUPO C	19/06, 19H SCO x MAR	GRUPO D	19/06, 16H EUA x AUS
	19/06, 21H30 BRA x HTI		20/06, 00H TUR x PAR
GRUPO E	20/06, 17H GER x CIV	GRUPO F	20/06, 14H NED x SWE
	20/06, 21H ECU x CUW		21/06, 01H TUN x JPN
GRUPO G	21/06, 16H BEL x IRN	GRUPO H	21/06, 13H ESP x KSA
	21/06, 22H NZL x EGY		21/06, 19H URU x CPV
GRUPO I	22/06, 18H FRA x IRQ	GRUPO J	22/06, 14H ARG x AUT
	22/06, 21H NOR x SEN		23/06, 00H JOR x ALG
GRUPO K	23/06, 14H POR x UZB	GRUPO L	23/06, 17H ENG x GHA
	23/06, 23H COL x RDC		23/06, 20H PAN x HRV

TERCEIRA RODADA

GRUPO A	24/06, 22H CZE x MEX	GRUPO B	24/06, 16H SUI x CAN
	24/06, 22H RSA x KOR		24/06, 16H BIH x QAT
GRUPO C	24/06, 19H SCO x BRA	GRUPO D	25/06, 23H TUR x EUA
	24/06, 19H MAR x HTI		25/06, 23H PAR x AUS
GRUPO E	25/06, 17H ECU x GER	GRUPO F	25/06, 20H TUN x NED
	25/06, 17H CUW x CIV		25/06, 20H JPN x SWE
GRUPO G	27/06, 00H NZL x BEL	GRUPO H	26/06, 21H URU x ESP
	27/06, 00H EGY x IRN		26/06, 21H CPV x KSA
GRUPO I	26/06, 16H NOR x FRA	GRUPO J	27/06, 23H ARG x JOR
	26/06, 16H SEN x IRQ		27/06, 23H ALG x AUT
GRUPO K	27/06, 20H30 COL x POR	GRUPO L	27/06, 18H PAN x ENG
	27/06, 20H30 RDC x UZB		27/06, 18H HRV x GHA

BRASILEIRO SÉRIE D

Sousa decide classificação no Marizão

Treze joga contra o Retrô, e Serra Branca diante do Sergipe; já classificados, ambos atuam fora de seus domínios

Danrley Pascoal
 danrleyp.e@gmail.com

O Sousa fecha sua participação na primeira fase da Série D do Campeonato Brasileiro, hoje, contra o América-RN, às 15h, no Marizão. Dos paraibanos envolvidos na competição, o Dino é o único que ainda não garantiu a classificação para o mata-mata. Com uma vitória simples contra o Dragão, a equipe do Sertão avança para a sequência do torneio nacional. Todas as partidas da 10ª rodada do Grupo A8 começam no mesmo horário.

No cenário da chave, com ABC e América-RN classificados, Maguary-PE, Sousa e Central brigam pelas outras duas vagas. Com 10 pontos, três vitórias, um empate e cinco derrotas, o Dino ocupa a quarta posição. Se empatar, terá que torcer para o Central perder o seu jogo contra o Laguna-RN, que já está eliminado. Depois da demissão de Washington Luiz, o clube alviverde vai apostar em Tardelly Abrantes na rodada final.

O novo técnico, na sua quarta passagem no comando do Sousa, busca prolongar a temporada 2026 da equipe sertaneja, pelo menos por mais duas semanas. Caso o Dino não avance, as atividades futebolísticas do clube estarão encerradas ainda no mês de junho. A próxima competição oficial seria o Campeonato Paraibano, em janeiro de 2027. Nos últimos anos, o time tem encontrado dificuldades para avançar ao mata-mata da Quarta Divisão. O Alviverde participa da Série D ininterruptamente desde 2021 e não avança para a segunda fase desde 2023.

Grupo A9

As partidas dos paraibanos do Grupo A9 também acontecem hoje, mas às 16h. O Treze visita o Retrô, em São Lourenço da Mata (PE), na Arena Pernambuco. O Serra Branca fecha a primeira fase contra o Sergipe, fora de casa. Os dois clubes já estão garantidos no mata-mata.

O Galo da Borborema está na liderança da chave e dificil-



Foto: Agatha Laelma/Sousa

Jogadores do Sousa treinando no Marizão, palco da decisão de hoje, contra o América-RN

mente perderá a primeira posição. Com 17 pontos, tendo cinco vitórias, dois empates e uma derrota, o Alvinegro está três pontos à frente do Sergipe (14 pontos), vice-líder. Na terceira posição, o Serra Branca tem 13 pontos. Lagarto-SE, Retrô e Decisão-PE brigam pela última vaga no mata-mata.

Na sua primeira participação na Série D do Campeonato Brasileiro, o Serra Branca fez história ao garantir a classificação para a fase mata-mata com uma rodada de antecedência. Para a última rodada, o Carcará tem outras pretensões. Gerson Gusmão concedeu entrevista coletiva e falou sobre a luta para terminar na segunda posição.

“A gente sabe da dificul-

dade que teremos pela frente, Sergipe é um grande adversário. Acompanho desde a primeira rodada: eles têm muita qualidade e se classificaram com méritos. Mesmo sabendo das dificuldades, fora de casa, vamos buscar uma vitória, que nos dará a segunda posição do grupo. Encerrar essa primeira fase com resultado positivo seria muito bom para a gente ir ao mata-mata com confiança”, destacou o treinador.

Botafogo

O Belo entra em campo, amanhã, às 20h30, contra o Ypiranga-RS, pela 10ª rodada do Campeonato Brasileiro Série C. O Alvinegro não joga desde o dia 30 de

maio, quando ganhou por 2 a 1 contra o Maringá, pela nona rodada. Aquele triunfo deu um respiro ao trabalho de Marcelo Fernandes, que, agora, tem um retrospecto de quatro derrotas e uma vitória.

O Botafogo tem nove pontos, tendo três a mais que o Itabaiana, 19º colocado. Uma vitória amanhã é importante para se distanciar ainda mais da zona de rebaixamento e começar a olhar para a parte de cima da tabela de classificação. A expectativa do torcedor é de que o clube engate uma sequência de bons resultados, já que vinha de seis derrotas consecutivas, tendo o pior desempenho desde 2017.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

A Copa da vergonha

O leitor ou a leitora mais avisado ou avisada, que acompanha de mais perto o jornal **A União**, em especial esta tira do caderno de “Esportes”, pode se espantar. Isso porque, no último domingo, a coluna deste escriba, intitulada “Envolvimento diferente”, descrevia minha empolgação com a Copa do Mundo que ali se avizinhava e que, a esta altura de domingo, já começou, e até jogo da nossa Seleção Brasileira já teve.

Talvez pareça, portanto, uma contradição de títulos e teores em tão pouco tempo. Mas não é o caso. A empolgação e vontade de tudo viver, de aqui de longe, respirar os jogos de perto e de aproveitar o que o mundo da Copa tem a oferecer, seguem intactas. Permanecem fortes, ansiosas, agoniadas, atentas. Como jornalista e ainda mais como torcedor. Mas hoje é mais dia do jornalista — ou do cidadão do mundo — do que do torcedor. E a verdade é que a Copa de 2026, que vai me dar coisas lindas, imagino, é também uma grande vergonha.

Era difícil imaginar que fosse diferente. Esse conceito, aliás, que vale para mim, deveria ter valido mais para a Fifa. Que, no fim das contas, é grande parte desta Copa. E dessa vergonha. Em que se pese que México e Canadá, na maior medida, não mereçam receber por tabela o carimbo da vergonha, a Copa do Mundo deste ano, pela primeira vez com três sedes, tem grande vida — e morte Severina — nos Estados Unidos. E nos Estados Unidos de Trump.

Então estamos falando de um tratamento, por parte da nação historicamente bélica do Norte, dos mais absurdos, desrespeitosos e deprimentes da história do esporte e do evento mais importante da modalidade mais popular do planeta. Já vimos todo pacote Trump em matéria de mundo na Copa. A parte americana do torneio tem sido marcada por entregar grandes restrições contra delegações, revistas humilhantes a jogadores, funcionários, comissões técnicas e jornalistas, trazendo a um evento esportivo uma tensão que ultrapassa as quatro linhas de sempre.

Omar Abdulkadir Artan, da Somália, grande revelação da arbitragem africana, foi impedido de entrar nos EUA, sob alegações de segurança nada detalhadas, e sumariamente cortado da competição pela Fifa. Seleções como Senegal e Uzbequistão foram submetidas a revistas vexatórias com o uso de cães farejadores na chegada ao país. O atacante iraquiano Aymen Hussein foi interrogado por sete horas em Chicago. Além disso, na pior quebra do protocolo esportivo já vista em Copas, os EUA concederam um visto ao selecionado iraniano em que proíbe que a delegação possa dormir em solo americano.

Desse modo, o Irã está obrigado a entrar no país-sede no mesmo dia em que for jogar, tendo que sair no mesmo dia. Isso descumpra todo o protocolo feito pela Fifa, segundo o qual todas as seleções têm que estar um dia antes na cidade em que a partida vai ser realizada, para eventos comerciais e compromissos esportivos.

É claro que a Fifa agora nada pode fazer para mudar a realidade, muito menos interferir na soberania dos EUA, em relação a quem o país define que entra ou não em seu território, como disse Gianni Infantino, presidente da Fifa, em coletiva realizada dias atrás. Mas não era muito inesperado que isso acontecesse exatamente agora. Não cabe ingenuidade à entidade que deveria defender a Copa. E defender a Copa é não realizá-la em países que não querem receber todo e qualquer ser humano de qualquer nação do planeta. Tempo houve para correção de rota. O que nunca houve foi vontade.

Dessa forma, a Copa de 2026 já é a Copa da vergonha. Dos muros. Dos limites entre países saindo da geografia e entrando de uma maneira violenta na geopolítica mais abjeta. Sem parâmetros. Para se ter uma ideia, não aconteceu nada parecido na Copa do Mundo da Rússia em 2018. Nem mesmo nas Olimpíadas de 1936, em Berlim, organizadas pela Alemanha Nazista. Em todos os casos, havia tensões mundiais complexas. Mas foram formatados ambientes de esforço para um respeito diplomático em torno da comunhão, que é a essência do esporte. A Copa não salvará o mundo. Nem mesmo vai impedir conflitos complexos entre nações. Mas quem faz guerra não deveria fazer Copa. É por isso que nasceu a bola.



Foto: Otalison Gomes/Botafogo-PP

Com vários dias de treinamento na Maravilha do Contorno, jogadores do Belo estão prontos para enfrentar o Ypiranga-RS

CR7 E MESSI

Recorde de participação em Copas

Português e argentino vão se despedir da competição com números impressionantes nas últimas cinco edições

Agência Estado



O argentino Lionel Messi e o português Cristiano Ronaldo tornam-se, nesta Copa do Mundo, nos

Estados Unidos, México e Canadá, os jogadores (juntamente com o goleiro mexicano Guillermo Ochoa), com mais participações em edições do torneio, com seis, tendo disputado as seguintes: Alemanha 2006, África do Sul 2010, Brasil 2014, Rússia 2018, Catar 2022 e a que começou na última quinta-feira (11), onde ambos anseiam por ampliar ainda mais sua lenda, com o jogador de Madeira ainda sonhando em alcançar a glória em um torneio que tem sido difícil de conquistar.

A Copa do Mundo de 2026 é especial e única por muitos motivos: a primeira em três países, a primeira com 48 seleções, a primeira com a fase de 16-avos e a última Copa do Mundo, a priori, de Leo Messi e Cristiano Ronaldo. As duas lendas do futebol das últimas duas décadas terão uma última oportunidade de conquistar o torneio mais prestigiado do mundo, o que seria o segundo para o argentino e o primeiro para o português.

As carreiras de Messi e Cristiano parecem estar entrelaçadas desde o início, e a Copa do Mundo também é um ponto em comum entre elas. Em 2026, com 41 anos, no caso do português, e 38 no caso do argentino, eles disputam sua sexta edição do Mundial. Ninguém no mundo do futebol havia alcançado esse número, e ambos, desta vez em conjunto, estabelecem um novo recorde e um marco que significa permanecer na elite máxima do futebol de seleções por 24 anos.

Assim, Messi e Cristiano Ronaldo superam as cinco participações em uma Copa do Mundo dos mexicanos Antonio Carbajal, Rafael Márquez e Andrés Guardado e do alemão Matthäus (Alemanha). O goleiro italiano Gianluigi Buffon também esteve presente em cinco Copas do Mundo, embora, no seu caso, não tenha disputado nem um minuto na França 1998, enquanto o goleiro Guillermo Ochoa entra nesse seleto clube de seis Copas do Mundo se participar de algum jogo do México.

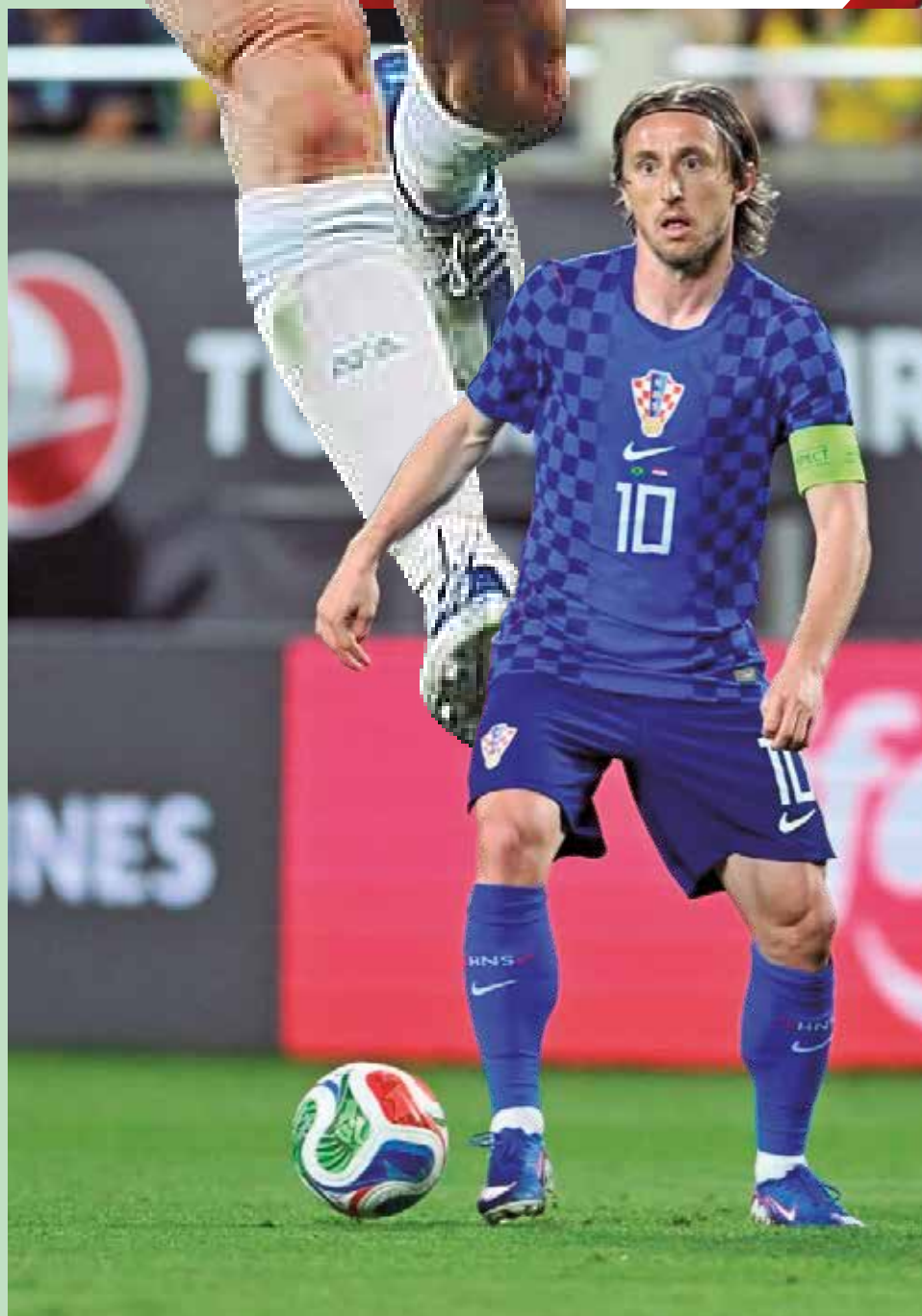
E a história recente das Copas do Mundo está intimamente ligada ao 10 e ao 7. Leo Messi é, com 26, o jogador com mais partidas disputadas na história do torneio, superando as 25 de Matthäus, enquanto Cristiano Ronaldo (23) se tornará o segundo com mais partidas disputadas se participar de todas as da fase de grupos.

Além disso, o atacante argentino do Inter Miami, dos Estados Unidos, também tem em suas mãos a chance de se tornar o jogador com mais vitórias em uma Copa do Mundo, algo que alcançaria com duas vitórias, com as quais superaria as 17 do alemão Miroslav Klose.

Cristiano Ronaldo tem muito me-



Craques da Argentina e de Portugal, Lionel Messi e Cristiano Ronaldo disputam a última Copa de suas carreiras, o mesmo acontecendo com Luka Modric, da Croácia



Fotos: Divulgação/EFE

nos vitórias, já que a sorte não tem lhe sorrido na competição. O CR7 tem como melhor resultado em Copas do Mundo o quarto lugar conquistado na Alemanha 2006, onde a França de Zinedine Zidane deixou Portugal fora da final. Na África do Sul 2010, os portugueses foram eliminados nas oitavas de final pela Espanha, campeã; no Brasil 2014, na fase de grupos; na Rússia 2018, nas oitavas de final; e, no Catar 2022, nas quartas de final. Agora, com uma das melhores gerações da história de Portugal, Cristiano tentará conquistar o único grande torneio que ainda lhe resiste.

No caso de Messi, sua história com a Copa do Mundo é muito mais bonita, embora também tenha enfrentado muitas decepções ao longo do caminho, como a final perdida em 2014 para a Alemanha, ou eliminações muito mais precoces, como as de 2006 (quartas de final), 2010 (quartas de final) e 2018 (oitavas de final). O jogador de Rosário, já tendo conquistado todos os grandes títulos, teve que esperar até o Catar 2022 para erguer a Taça Fifa, na fase final de sua carreira e cercado por uma equipe comandada por Lionel Scaloni.

Modric

Assim, o torneio dos Estados Unidos, México e Canadá, independentemente da seleção que conquistar o título, o melhor jogador ou o artilheiro, ficará na história como a última Copa do Mundo de Lionel Messi e Cristiano Ronaldo, e do único jogador capaz de arrebatar-lhes o cetro do futebol mundial em mais de uma década de domínio, Luka Modric.

Afinal, o croata, que completará 41 anos no próximo mês de setembro, também se despedirá das Copas do Mundo neste verão. É sua quinta Copa do Mundo com a Seleção Croata, à qual ele proporcionou os melhores anos de sua história. Ele foi líder de uma geração de jogadores únicos, como Ivan Perisic, Ivan Rakitic e Mario Mandzukic, a quem ele conduziu na Rússia 2018 à única final da história do país, perdida para a França. Um ano mágico em que, além da Liga dos Campeões com o Real Madrid, conquistou a Bola de Ouro.

Assim como as de Messi e Cristiano, a história do jogador de Zadar na Copa do Mundo começou na Alemanha 2006. No entanto, a ausência da Croácia na África do Sul 2010 faz com que o atual jogador do Milan não consiga atingir a marca de seis Copas do Mundo. No total, ele disputou 19 partidas e marcou dois gols, ambos em 2018, na Copa do Mundo. Um desempenho notável com o qual, além de ser vice-campeão na Rússia, alcançou o terceiro lugar no Catar 2022, onde foi eliminado nas semifinais pela campeã Argentina.

Guarnecimento das margens do Açude Velho foi uma das medidas do então prefeito Vergniaud Wanderley (foto abaixo)

“VERGNAUDNIZAÇÃO”

Cirurgias plásticas na Rainha da Borborema

Nas décadas de 1930 e 1940, Campina Grande passou por uma nova estética e disposição urbanística, mudando quase por completo o cenário da cidade

Vanderley de Brito
Especial para A União

A reurbanização de cidades, para a ordenação estratégica desses espaços, tem como marcos emblemáticos a reforma urbanística realizada em Paris, na França, pelo prefeito Haussmann, de 1853 a 1870, e de Pereira Passos no Rio de Janeiro, realizada de 1902 a 1906. Ambas, em curto prazo, transformaram, radicalmente, a aparência dessas cidades, demolindo casebres e cortiços para, sobre os escombros, abrir vias amplas, melhorar o saneamento e promover o embelezamento urbano. O que poucos sabem é que, no interior da Paraíba, um gestor também empreendeu uma ousada reforma urbana nesses mesmos moldes. Estamos falando de Vergniaud Borborema Wanderley (1905–1986) que, nas décadas de 1930 e 1940, demoliu centenas de casas e comércios na cidade de Campina Grande para lhe dar uma nova estética e disposição urbanística, mudando quase por completo o cenário da cidade.

Antes dessa “vergnaudnização”, o Centro de Campina Grande mais parecia um vilarejo medieval. Sem saneamento básico, com becos e vielas tortuosas, ruas irregulares — que se alargavam e se estreitavam — acessos impedidos por mocambos de taipa e as pessoas tinham de conviver com as vias tomadas por feirantes e mercadorias, animais defecando nas calçadas, lama, poeira, curtumes, matadouros e prostíbulos. No entanto, a cidade já se notabilizava com um efervescente comércio, quase 3 mil edificações e a posição de terceira praça algodoeira mundial.

Quando assumiu a prefeitura da cidade, Vergniaud Wanderley era um moço de 30 anos, nascido na cidade. Seis anos antes, ele formou-se em Direito, em 1929, ingressando no Ministério Público como promotor, em Blumenau, Santa Catarina, e foi ainda juiz de direito em outras cidades catarinenses. Mas, em 1935, por

ser um homem polido, com formação jurídica e conhecimento das civilizadas cidades do sul do país, foi convidado pelo então governador da Paraíba, Argemiro de Figueiredo (1901–1982), para candidatar-se a prefeito de Campina Grande.

Vencendo o pleito com expressiva maioria, Vergniaud foi o primeiro prefeito eleito por voto direto em Campina Grande e tomou posse no dia 18 de dezembro de 1935. Comprometido com as metas progressistas da Era Vargas, antes mesmo de assumir ele já dava sinais do que faria, pois em entrevista para o *Diário de Pernambuco*, disse que, apesar do evidente progresso econômico, faltava a Campina Grande o sopro da modernização e uma nova perspectiva arquitetônica. Por isso, logo que assumiu, iniciou um grande serviço de terraplanagens, alinhamentos, nivelamentos e prolongamentos de dezenas de ruas, decretando um rígido código de postura, no qual determinava aos donos dos prédios na cidade a regular o alinhamento dos mesmos nas ruas realinhadas.

As reconstruções teriam que ser de alvenaria, de dois ou mais pavimentos, e com plantas arquitetônicas previamente aprovadas pela prefeitura. Com esses decretos, previa-se o avanço ou o recuo das casas conforme o novo realinhamento e as reconstruções deveriam atender os padrões de modernidade, pois o prefeito fez uma viagem de quase um mês ao Sul e Sudeste do país para se inteirar das arquiteturas inovadoras, trazendo projetos e mestres de obras experimentados na moderna arquitetura *art déco* para ser implantada em Campina Grande. A mudança foi tão significativa que a cidade possuía apenas cinco sobrados e, ao fim de sua gestão, eram cerca de 300 prédios com dois ou mais pavimentos.

Vergniaud mandou fazer uma planta do município, indenizações

de casas e, diariamente, em vários pontos da cidade, via-se turmas de trabalhadores na execução de serviços mandados realizar pelo prefeito, agentes fazendo recenseamentos dos prédios e cobranças de impostos, calçadas sendo mosaíca, enquanto becos e travessas eram alargados ou fechados conforme à conveniência urbanística. Com mão de ferro, o gestor fiscalizava, pessoalmente, as construções e reconstruções que se multiplicavam na cidade.

Ruas e avenidas, além de serem alinhadas, receberam pavimentação a base de concreto. O prefeito trouxe o primeiro serviço telefônico para a cidade e, com moderno *design art déco*, ergueu o elegante Grande Hotel, com cinco pavimentos e elevador (o primeiro elevador da cidade), concorrendo em altura e pujança com a Igreja Matriz. Fez também o moderno prédio da Recebedoria de Rendas (com três pavimentos), o Palácio da Municipalidade para instalar a prefeitura (com quatro pavimentos), demoliu o matadouro do Centro, construindo um novo fora da cidade, construiu a Praça Coronel Antônio Pessoa, uma nova Central Elétrica e ainda guarneceu as margens do Açude Velho, com uma parede de contenção de pedras em toda sua extensão, para embelezar, delinear a orla e também impedir as lavagens de caminhões, automóveis e ônibus nesse manancial, que na época já estava apresentado sinais de poluição.

Uma nova artéria

A vergnaudnização foi interrompida em virtude da Nova Constituição Federal, em novembro de 1937, em que perderam, automaticamente, os cargos eletivos todos os prefeitos municipais do país. Vergniaud deixou o exercício do cargo, sua gestão sendo bem curta, de um ano e 11 meses. Porém, cinco anos

depois, ele retornou à prefeitura de Campina Grande, a convite do novo interventor federal, Ruy Carneiro (1906–1977), e nessa sua segunda gestão, de 1940 a 1945, no intuito de abrir uma nova artéria de duas vias atravessando toda a cidade (a atual Av. Floriano Peixoto), promoveu um “bota abaixo” ainda maior, indenizando e demolindo tudo que estivesse no caminho de expansão da futura avenida, vivendas e comércios, de pobres e ricos, e até a antiga Igreja do Rosário, que ficava no Centro, foi demolida.

Vale ressaltar que essa segunda gestão se deu em tempos de Estado Novo, onde os prefeitos dispunham do poder discricionário, de modo que entre as demolições constava, além de casebres, casarões de ricos comerciantes e proprietários rurais, o que lhe rendeu ameaças, e, quando havia resistência dos indenizados de deixarem suas casas ou comércios, o prefeito mandava demolir na calada da noite ou mandava que os tratores abalassem a estrutura das casas com marcha ré para que o morador se atemorizasse. Era daquelas situações de trazer a montanha a Maomé e, seguindo o empresário Buega Gadelha, que conviveu com Vergniaud Wanderley, ele dizia que o povo da cidade prestigiava esses atos. Aliás, a reforma tomou ares épicos e lendários, e até hoje circulam fábulas sobre suas façanhas. Recentemente, o economista Ermírio Leite, de 95 anos, nos contou que uma vez Vergniaud mandou abalar uma barbearia, cujo dono recusava-se a desocupar o prédio, e quando a edificação começou a ruir o cliente que estava se barbeando saiu correndo dali com metade do rosto barbeado e a outra ainda com espuma de barbear.

As transformações progressistas de Vergniaud, embora intempestivas e radicais, tiveram a aprovação



Foto: Arquivo/HCG

e simpatia da maioria da população de Campina Grande. Ele era mencionado nos jornais como um administrador operoso, de farta aplicação e merecedor de aplauso público, tanto que, ao encerrar seu mandato, foi eleito senador pelo povo campinense, sendo o primeiro filho de Campina Grande a assumir uma vaga no Senado Federal. Depois disso, ele foi para o Tribunal de Contas da União, exercendo as funções de ministro e presidente do TCU, vindo a se aposentar da vida pública em 1975. Faleceu no Rio de Janeiro, aos 81 anos, em 20 de novembro de 1986.

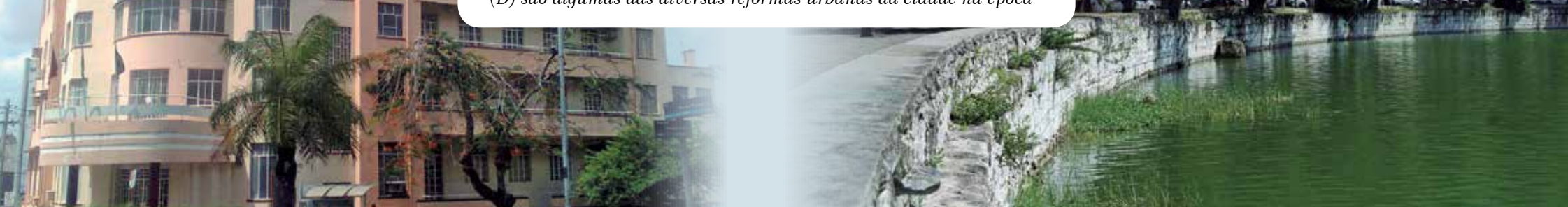
Devido esse planejamento urbano e futurista de Vergniaud, hoje Campina Grande tem boas condições de mobilidade, não apresenta engarrafamentos e vem se expandindo com muita facilidade ao longo das décadas. Embora a cidade tenha perdido seu estilo de vida provinciano, por ter sido quase que totalmente reconstruída, ainda é detentora de um extraordinário patrimônio histórico, pois a política estética-modernizadora desse urbanista ditou na cidade a construção de conjuntos de edificações no estilo *art déco*, que, com a singularidade de serem extensos e homogêneos, representam hoje um acervo histórico-arquitetônico dos mais importantes do país. Literalmente, Vergniaud Wanderley fez história em Campina Grande.



Fotos: Arquivo/HCG



Ontem e hoje: o elegante Grande Hotel com sua art déco (E) e a parede de contenção de pedras em toda a extensão do Açude Velho (D) são algumas das diversas reformas urbanas da cidade na época





Autodidata, o paraibano enveredou pela sanfona, piano, violão, guitarra e até bateria; trabalhou em vários veículos de comunicação, como a Rádio Borborema, a Rádio Caturité e a TV Borborema

Gabmar Cavalcanti Albuquerque

Músico demonstrava o talento na ponta dos dedos

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Tem gente que olha, mas não vê. E tem gente que, mesmo sem enxergar com os olhos, dedilha a realidade como quem tudo pudesse ver. Foi assim que o músico campinense Gabmar Cavalcanti Albuquerque construiu sua trajetória: com as mãos sobre os instrumentos e os ouvidos atentos aos sons do rádio, dos bailes e da própria cidade, de onde nunca quis sair, nem mesmo para “fazer carreira” pelo Brasil.

Nascido em Campina Grande, em 17 de julho de 1943, Gabmar ficou cego aos três anos de idade, após um glaucoma que o levou à retirada do globo ocular. A partir daí, acabou desenvolvendo uma espécie de superpoder: o ouvido absoluto. O filho, Alisson Teles Cavalcanti, explica que ele reconhecia uma nota sem precisar procurá-la no teclado. “Ele tinha a escala musical na cabeça”, conta. Foi com essa escuta fora do comum que o menino cresceu cercado pela música, entre o bandolim da mãe, o piano da irmã Alba e a “sanfona de papelão” que ganhou do pai, feita para brincar.

Autodidata, ele aprendeu a tocar em casa, enquanto acompanhava a irmã nas aulas de piano. “Eu me deitava no sofá e escutava as ditas músicas. Quando ela saía do instrumento, eu tentava reproduzir, em parte, aquilo que havia acabado de ouvir”, lembrou Gabmar, em entrevista ao site Ritmo Melodia, anos antes de morrer. Não à toa, ele resumia sua formação musical como “essencialmente práti-

ca”, construída pela observação e pela escuta atenta.

Descobertas pelo som

Como lembra a viúva, a cantora Kátia Virgínia, o músico sempre foi muito curioso e traquino, mesmo depois da cirurgia. Aliás, a deficiência visual nunca impediu de aprender. “Ele gostava de brincar com as ferramentas do pai. Então, ele se deitava na rede, fingindo que estava dormindo, e colocava essas ferramentas em cima do peito. E ficava lá, desmanchando as coisas e descobrindo outras mais”, conta.

Décadas depois, essa mesma curiosidade apareceria em tudo o que envolvesse som: na mesa que ele regulava habilmente sem ver os botões, nas fitas de rolo que cortava e emendava, e no rádioamadorismo, seu *hobby* mais querido, pelo qual se comunicava com gente de toda parte. Alisson Teles Cavalcanti costuma comparar isso a uma espécie de WhatsApp ou Instagram da época. Mas era na música que Gabmar mais brilhava: da sanfona, chegou ao piano; depois, ao violão e à guitarra. O filho conta que até bateria ele tocava um pouco. “Era o universo dele”, resume Alisson.

Ainda menino, com apenas 11 anos, ele chegou a vencer uma audição do Prêmio Esso Standard do Brasil com a música instrumental “Sonhando”, composta por ele e executada na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. A família ainda guarda registros desse período. Em uma gravação recuperada por Alisson, feita pouco depois, na Rádio Clube de Pernambuco, a voz de criança de Gabmar aparece dizendo que aquele era o momento mais feliz de sua vida. “Na época, tocar na Rádio Nacional equivalia, sem exagero, a ir para a Rede Globo”, compara.

Mas foi em Campina Grande que a carreira começou de fato. Em 1960, aos 17 anos, assumiu o posto de pianista da Rádio Borborema. Também trabalhou na Rádio Caturité e na TV Borborema, em um tempo em que programas e números musicais aconteciam sempre ao vivo. Segundo Kátia Virgínia, na rádio, além de músico, ele também produzia a sonoplastia de radionovelas. “Fazia os efeitos de chuva e até de cavalinho”, detalha.

Foi também, nesse período, que o multi-instrumentista passou a integrar o Conjunto Ogírio Cavalcanti, criado pelo irmão Ogírio. No grupo, animou bailes de debutantes, carnavais, São João e eventos sociais por mais de três décadas, inclusive em outras cidades do Nordeste. Como detalha Alisson, durante muito tempo, o pai também foi responsável pela regulação do som e pelos teclados. “Tocava com uma mão e, com a outra, ajustava a mesa de áudio ao lado do palco”, revela o filho. A imagem é quase inacreditável, como se Gabmar enxergasse com os dedos.

Kátia era a voz; Gabmar, as mãos

Foi nesse ambiente musical que Kátia Virgínia entrou na vida dele. Ainda jovem, ela cantava em programas, participava de concursos e, depois de uma apresentação, acabou sendo convidada a integrar o grupo, na década de 1970. Não demorou muito para que a convivência nos ensaios, nas viagens e nos palcos aproximasse os dois. A amizade virou namoro e, em 16 de maio de 1975, veio o casamento, o início de uma parceria de quase cinco décadas que teve como frutos os filhos Alisson, Sheyla e Shirley.



Multi-instrumentista numa das apresentações com a esposa, a cantora Kátia Virgínia

Segundo Kátia, a afinidade entre os dois dispensava explicações. “Quando tocávamos juntos, eu sentia uma conexão enorme, tanto que ele sabia o que eu ia fazer, sem dizer nada. A gente se entendia assim”, conta. Era como se, no palco, um completasse o que faltava no outro. Kátia era a voz; Gabmar, as mãos. Ele brincava que tinha uma “voz de esmeril” e, por isso, não cantava. Ela, por sua vez, nunca virou instrumentista. Em entrevista à coluna *Xeque-Mate*, publicada no *Jornal da Paraíba*, em 1997, ele disse que “estava tão acostumado ao jeito de Kátia cantar que os dois quase adivinhavam o que o outro faria”.

Ele escolheu ficar

Mesmo tendo recebido convites e elogios de artistas conhecidos, Gabmar

nunca quis deixar Campina Grande. Kátia lembra que nomes como Altemar Dutra e Elba Ramalho gostavam da companhia dele e chegaram a incentivá-lo a tentar caminhos diferentes, fora da Paraíba. A resposta, segundo ela, era sempre parecida: ele não queria sair da cidade. Na mesma entrevista, Gabmar afirmou que “preferia assim”.

Em 2007, a ligação da família com Campina Grande chegou ao auge com a nova versão do hino da cidade, interpretada por Kátia Virgínia e com arranjos de Gabmar. Segundo o filho do casal, a música ficou tão popular que passou a ser executada diariamente na Rádio Campina FM. Apesar disso, eles sentem que Gabmar poderia ser mais lembrado. Kátia diz que não fala de bajulação, mas de reconhecimento. Alisson concorda. Para ele, o pai

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Se o outro desaparece, o que resta de nós?

Em um *shopping* da cidade, vou ao banheiro e, logo ao entrar, cumprimento a auxiliar de serviços gerais que está no local. Ela retribui e chora. Pergunto o que houve, e a senhora fala que ninguém costuma lhe dar “boa-tarde” ou “bom-dia” quando a encontra ali.

Na praça de alimentação, interação de forma educada com a atendente que veio trazer meu pedido. Olho para ela enquanto digo “obrigada”, citando o nome que acabara de ver no crachá que ela carrega no peito. A moça abre bem os olhos, demonstrando surpresa ao ouvir o próprio nome, e sorri de volta para mim.

No Uber, agradeço pela corrida e desejo que a mãe do motorista tenha um “feliz Dia das Mães”. De forma educada, ele puxa minhas mãos e as envolve nas suas, apertando-as com carinho.

Nessas três cenas que acabei de citar, não fiz nada de extraordinário. Apenas fui educada e interagi com as pessoas que passaram pelo meu caminho em um dia comum. Infelizmente, estamos tão envolvidos com nossas próprias vidas, estamos tão imersos em nossos celulares, que não enxergamos os outros.

Deixamos de ver, de falar e de ouvir com atenção. Não nos comunicamos mais de forma efetiva. E tal situação se agrava quando o outro é alguém que, para muitos, é invisível devido à função que ocupa na sociedade.

Em abril passado, deparei-me com uma postagem da jornalista Rosana Hermann, no Instagram, que tem a ver com esse

Postagem em vídeo da jornalista Rosana Hermann, no Instagram, sobre uma conversa amistosa que teve com um motorista do Uber, em São Paulo: o senhor confessou que fazia mais de 20 dias que nenhum passageiro lhe dirigia a palavra, atestando a invisibilidade social que temos ao nosso redor



Foto: Reprodução/Instagram

tema. No relato em vídeo, ela trata de uma conversa amistosa e muito agradável que teve com um motorista ao se locomover por São Paulo, utilizando um serviço de transporte por aplicativo.

No fim da corrida, o motorista confessou o seguinte à jornalista: “Hoje faz 23 dias que nenhum passageiro dirigiu a palavra a mim. A senhora foi a primeira em 23 dias”. E continuou o relato: “Todo dia eu

chego na minha casa e minha mulher me pergunta: ‘E aí, meu bem, alguém falou com você?’ E eu falo: ‘Não. Ninguém. Eu sou invisível. As pessoas me ignoram. Ninguém conversou comigo’”. O relato, que ficou conhecido nas redes como o caso do “motorista invisível”, gerou muitas curtidas, mas não sei se afetará as pessoas de forma profunda.

Ao refletir sobre esses acontecimentos, lembro-me do que li no *Dicionário da comunicação* sobre “alteridade”. No verbete assinado por Ciro Marcondes Filho, há o seguinte: “O verdadeiro princípio do ser é o Eu unido ao Tu. Sozinho, o homem não é nada, nem ser moral, nem ser pensante; apenas na comunidade, na aliança de um ser humano com outro, está contida a essência desse ser humano”.

O filósofo Byung-Chul Han aborda a comunicação com o outro na obra *Infocracia*. Nela, o autor pontua que o discurso é um movimento de e ir vir: “Em latim, *discursus* significa andar ao redor. No discurso, somos desviados de nossas próprias convicções em sentido positivo pelo outro. Apenas a voz do outro outorga ao meu comentário, à minha opinião, uma qualidade discursiva. (...) A crise atual da ação comunicativa pode ser atribuída ao metanível de que o outro está desaparecendo”.

Se o outro desaparece, o que resta de nós? O silêncio. E isso me lembra o que ouvi de uma senhora de 94 anos, quando estive em sua casa há poucos dias: “Às vezes, meu telefone passa uma semana inteira sem tocar”.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Das divas do rádio às estrelas do pop, rock, iê-iê-iê e da Jovem Guarda — V

Desde a primeira infância, a arte fez parte de sua trajetória, levando-a a frequentar aulas de balé e de piano clássico. Martinha (Marta Vieira Figueiredo Cunha, Belo Horizonte-MG, 1949) viria a tornar-se, ao lado de Wanderléa, uma nova estrela da Jovem Guarda. Como cantora e compositora, interessou-se sobremaneira pelo momento musical que se iniciava. No futuro, ao lado de suas composições, ela ainda se tornaria exímia pianista com domínio da guitarra elétrica, com um direcionamento para o romantismo do iê-iê-iê.

Em 6 de julho de 1966, a pedido dela, sua mãe, Dona Ruth Figueiredo Cunha, com a ajuda de um amigo, divulgador da gravadora CBS, conseguiu arranjar um encontro entre a filha e Roberto Carlos, que se apresentava na capital mineira. Desinibida e versátil, já famosa na cidade, ela pôde então mostrar a ele, que já se consagrava no meio artístico, tanto o seu talento vocal como algumas de suas composições. Obviamente, cativado pelo estilo da apresentação dela, em sessão privada, Roberto Carlos decidiu ajudá-la, recomendando que mãe e filha o procurassem em São Paulo.

A mãe dela, ciente do potencial da filha, resolveu desfazer-se de um salão de beleza e, investindo nela, numaram ao encontro agendado. Logo, Martinha começou a participar do programa *Jovem Guarda* bem como a ser requisitada para a gravação de *jingles* comerciais. O sucesso a fez mostrar a que havia vindo, ajudando a comprar



Amigas de longa data, Wanderléa e Martinha no show Minha história, realizado em 2019

o grupo que seria então uma espécie de carro-chefe do programa, brilhando então ao lado da chamada “turma de frente”: Roberto, Erasmo, Wanderléa, Wanderley e Eduardo Araújo. Em tempo: na época, a imprensa especializada em “focofs musicais” ensaiou haver certa indisposição entre Wanderléa (a “Terminha”) e Martinha (a “Queijinho de Minas”), apelido que lhe fora colocado por Roberto Carlos.

A família ainda regressou à capital mineira onde também as atenções se concentravam na carreira de Martinha. É dessa época a composição “Barra limpa”, em que

ela buscava traçar o perfil do líder Roberto Carlos, fornecendo-lhe as girias que tanto faziam o estilo e o gosto do homenageado: bacana, barra-limpa, mexericos da candinha, papo furado, brotos... [era uma] brasa, moral!... Como se diria: “era um prato cheio” para o rei e sua trupe jovem-guardista. Com o impulso dado à carreira da nova estrela, ela foi definitivamente contratada pela TV Record, passando a fazer parte do elenco fixo do programa *Jovem Guarda*. Com o sucesso, viriam as solicitações de outros cantores e cantoras em busca de composições dela: Roberto Carlos, Erasmo

não era uma “figura de frente”, dessas que ocupam o centro do palco. Era alguém de bastidor. Tocou em eventos, abriu *shows*, acompanhou artistas, produziu músicos locais e ajudou a construir carreiras. “Ele foi um cara que estava presente na vida da cidade por muito tempo”, define.

A discrição talvez explique o motivo pelo qual parte dessa memória ainda está incompleta. Gabmar Cavalcanti Albuquerque não era vaidoso. Quando elogiado por artistas de fora da Paraíba, não se deslumbrava. Preferia a vida em Campina. Após a morte, na noite de 1º de maio de 2016, aos 72 anos de idade, teve o nome eternizado em uma rua da cidade. Mas, para a família, merecia muito mais. O câncer apareceu em 2015, depois de sintomas que ele, inicialmente, não levou tão a sério, como detalha Kátia. Uma crise de dor, confundida com apendicite, o levou a uma cirurgia de emergência. Foi, então, que a família soube da existência de um tumor.

No último ano, o músico ainda tentou tocar, mas nem sempre tinha a paciência necessária. E, quando já não dava mais, continuava ligado ao rádio. Já no hospital, Alisson Teles colocava músicas no celular para o pai ouvir, até que, no último momento, o aparelho “apagou de repente”. “Parecia que ele tinha deixado tudo programado”, lembra Kátia Virgínia.

Apesar da dor da despedida, os dois seguem mantendo vivo esse legado: ela nos palcos e ele na preservação das memórias do pai, um campinense que transformou em música aquilo que seus olhos não conseguiram ver. O acervo da família está disponível no site Casa de Gabi (www.casadegabi.com.br).

Carlos, Wanderléa, Hebe Camargo, Paulo Sérgio, Ângela Maria, Nelson Ned, Ronnie Von, Sérgio Reis, Agnaldo Timóteo, Fafá de Belém, Chitãozinho & Xororó...

O primeiro grande sucesso, composição e interpretação dela, foi a romântica “Eu te amo mesmo assim” (“Vieram me contar que você diz que não me quer / mas que você me tem a hora que você quiser...”), em gravação para a Fábrica de Discos Rozenblit, conhecida pelo selo Mocambo, criada em 1964 e cujo fim aconteceu em 1984, pelos irmãos dos Irmãos Rozenblit, em Recife (PE). A música fazia parte de um álbum (1967) que “ganhou o mundo” e que apareceu no álbum homônimo. Logo, no ano seguinte, veio outro megassucesso: “Eu daria minha vida” (“Eu daria a minha vida para te esquecer / Eu daria minha vida pra não mais te ver...”), que viria a ser a faixa mais executada no álbum anual de Roberto Carlos (1967). O mesmo, ou mais ainda, pode-se dizer de “Última canção”, feita por ele e que ela gravou por essa época: (“Esta é a última canção que eu faço pra você / Já cansei de viver iludido só pensando em você / Se amanhã você me encontrar de braços dados com outro alguém / faça de conta que pra você não sou ninguém”).

Com o declínio da apresentação do programa *Jovem Guarda*, ao longo dos anos 1970, Martinha se dedicou com mais afinco à música romântica, chegando a apresentar-se em países da Europa e a gravar um álbum para o mercado latino-americano: *Amigos y amantes*.



Eita!!!!

Livros para refletir sobre crise climática, meio ambiente e desigualdade social

As mudanças climáticas deixaram de ser apenas tema de relatórios científicos para ocupar também o centro da literatura contemporânea brasileira. Em romances distópicos, narrativas regionais e obras voltadas à educação e à sustentabilidade, autores de diferentes partes do país transformam enchentes, secas, ecoansiedade, deslocamentos forçados e conflitos ambientais em histórias que ajudam a compreender o presente e imaginar o futuro. A seguir, conheça algumas obras que revelam como a ficção e a reflexão crítica podem ampliar o debate sobre o tema.

Os interiores, de João Matias

Misturando distopia, horror e memória regional, o romance do paraibano, publicado pela Editora Patuá, retrata um Nordeste atravessado por violência, militarização, mudanças climáticas e crises sociais. A narrativa acompanha Tieta em uma travessia pelos sertões, dialogando com a história dos retirantes e dos chamados "currais do governo", aproximando passado e presente para refletir sobre refugiados climáticos e desigualdade ambiental. João Matias (foto acima) é jornalista, cientista social, professor universitário e roteirista.

Foi acabar bem na nossa vez, de Mariana Brecht

No romance publicado pela Rocco, a crise climática atravessa uma história de amor, luto e disputa territorial no interior paulista em meados da década de 2030. A obra aborda ecoansiedade, greenwashing, agrofloresta e formas coletivas de resistência, propondo uma reflexão sobre os futuros possíveis diante do colapso ambiental. Mariana Brecht é escritora, roteirista e *narrative designer* de jogos digitais, finalista do Jabuti e roteirista do jogo *A linha*, vencedor do Primetime Emmy Award.

Falso Lago, de Carolina Panta

Na obra publicada pela Editora Zouk, as enchentes do Guaíba tornam-se pano de fundo para uma narrativa sobre desigualdade social, saúde mental e invisibilidade urbana em Porto Alegre. A história acompanha o encontro entre uma mulher em situação de rua e uma assistente social em uma cidade marcada pela violência climática e pelos contrastes sociais. Carolina Panta é escritora, professora de Língua Portuguesa e Literatura e editora da revista literária *La loba*.

Sustentabilidade no Ensino Superior: uma prática transdisciplinar na formação de professores, de Carla Conti

Na nova edição publicada pela Scotti, a autora propõe uma formação docente baseada em cidadania, cultura de paz, preservação ambiental e consciência planetária. A obra reúne experiências pedagógicas e reflexões sobre educação transdisciplinar diante das crises contemporâneas. Carla Conti é doutora em Políticas Públicas pela UFRJ e professora da Universidade Estadual de Goiás.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - trident; 2 - pé do diabo; 3 - fita; 4 - corvatinha que do diabo; 5 - pedra; 6 - orelha do diabo; 7 - turbante do Bin Laden; 8 - pedra na mão do Bin Laden; 9 - assombrado.

TECNOLOGIA

Apple traz melhorias para próximos iOS 27

Novas versões do sistema operacional incluirão mudanças no controle parental

Agência Estado / Europa Press

A Apple revelou as próximas versões de seus sistemas operacionais iOS 27, iPadOS 27, macOS 27, visionOS 27 e watchOS 27, este último com o nome de "Golden Gate", que são renovados com as funcionalidades aprimoradas do Apple Intelligence e da Siri AI, além de oferecerem um *software* mais otimizado, novas funcionalidades em seus serviços e melhorias no *design* Liquid Glass.

Juntamente com as novidades em inteligência artificial (IA) que a empresa de tecnologia compartilhou em seu evento anual para desenvolvedores, a WWDC 26, que conta com a esperada versão renovada de sua assistente Siri AI, mais inteligente e mais integrada, bem como recursos mais potentes com o Apple Intelligence, os de Cupertino também apresentaram uma prévia de seus sistemas operacionais renovados.

Em relação às melhorias no *design* do *software*, a Apple apostou em um estilo de continuidade do Liquid Glass, mas com pequenas mudanças que garantem uma experiência ainda mais intuitiva e acessível em todos os aplicativos, independentemente da plataforma.

Entre outras novidades, foi incluído um novo controle deslizante em "Ajustes" que permite personalizar a transparência do Liquid Glass, ajustando de forma simples a aparência de completamente transparente até totalmente escurecido, de acordo com a preferência de cada pessoa. Além disso, os ícones foram atualizados para oferecer formas mais nítidas e definidas.

Essas mudanças aplicar-se a todos os sistemas opera-

cionais; no entanto, no caso do macOS Golden Gate, foram adicionadas novidades como uma barra de ferramentas mais uniforme na parte superior dos aplicativos, que facilita o acesso às principais ações, bem como barras laterais de ponta a ponta e ícones coloridos na barra lateral.

Sobre as otimizações de desempenho, a Apple detalhou que todas as plataformas foram aprimoradas para que as tarefas diárias sejam mais "rápidas e fluidas", com capacidade de iniciar os aplicativos no iPhone e no iPad até 30% mais rápido. Além disso, afirmou que as fotos carregam até 70% mais rápido e as transferências do AirDrop ficaram até 80% mais rápidas.

As opções de conectividade também foram aprimoradas e, agora, alternar entre redes de dados e *wi-fi* é mais fluido. A Apple também destacou que seus dispositivos gerenciarão as tarefas de forma mais eficiente para oferecer o máximo desempenho, graças a uma nova ferramenta de agendamento da CPU.

Mais eficiência

Quanto às melhorias em aplicativos e serviços, a Apple aprimorou a pesquisa no Spotlight, Fotos e Mail, que compreende melhor o conteúdo para torná-la mais eficiente e ajudar os usuários a "encontrar exatamente o que procuram". Especificamente no aplicativo Mail, foi introduzido um novo sistema de classificação que exibe resultados mais relevantes, dentro dos "Resultados em destaque".

O aplicativo Mapas também foi atualizado para oferecer uma experiência mais

realista com o Flyover, que combina imagens aéreas de, por exemplo, uma cidade com IA para exibi-las com mais detalhes.

O aplicativo Saúde, por sua vez, agora oferece acompanhamento da perimenopausa e da menopausa dentro do "Controle do ciclo". Além disso, para o uso dos AirPods, também foi introduzido um equalizador personalizado. No caso do WatchOS 27, a Apple informou que ele exibirá cinco aplicativos sugeridos pela IA da Siri em uma nova grade.

Pais e filhos

Além de todas essas novidades, a Apple também destacou a importância de oferecer um uso seguro de seus dispositivos e serviços para menores. Nesse sentido, apresentou uma gama de recursos projetados para ajudar os pais a gerenciar o conteúdo que seus filhos podem ver, com quem podem se comunicar e quando podem acessar os aplicativos.

Agora, ao configurar uma conta infantil, os pais poderão ativar mecanismos de proteção adaptados à idade de seus filhos em todo o sistema. Além disso, eles terão à disposição um Assistente de Configuração, que facilitará a esco-

lha dos aplicativos aos quais os filhos têm acesso desde o início, o controle das comunicações ou a exigência de que solicitem sua aprovação para cada novo contato dos filhos no "Mensagens", "FaceTime" e "Telefone".

Também será possível ativar a exibição de uma notificação na tela sempre que conteúdo explícito ou violento for compartilhado e exigir que as crianças peçam permissão para acessar um novo *site* no Safari com a função "Solicitar navegação".

Com o objetivo de ajudar a adquirir hábitos saudáveis, os novos sistemas operacionais também permitirão que os pais configurem um tempo total diário de uso de determinados aplicativos de entretenimento, jogos e redes sociais, com a função "Tempo limitado". Além disso, a função "Tempo de uso" foi redesenhada e mostra o uso médio do dispositivo dos seus filhos e os aplicativos que eles mais utilizam.

Com tudo isso, as novas atualizações dos sistemas operacionais iOS 27, iPadOS 27, macOS 27, watchOS 27 e visionOS 27 estarão disponíveis em beta público no próximo mês, no Apple Beta Software Program, e chegarão oficialmente aos usuários no outono.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: poeira (1) = pó + ave (2) = ema. **Solução:** composição em versos (3) = poema.

Charada de hoje: Olhas (2) o astro rei (1), quando está na cidade paulista (3).



Ilustração: Bruno Chiozzi

Tiras

O Conde

Jafoi & Jaera

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

